



M. A. DE ALMEIDA

---

MEMÓRIAS

DE UM

SARGENTO DE MILÍCIAS

---

SUPPLEMENTO ROMANTICO

do "JORNAL DO BRASIL"



**NO PRÉLO**

**COMEDIAS -- de Martins Penna**

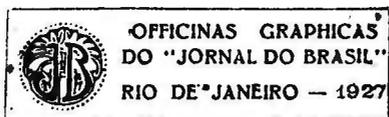
M. A. DE ALMEIDA

MEMORIAS

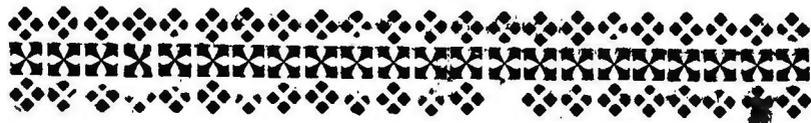
DE UM

# Sargento de Milicias

(Romance de costumes brasileiros)







## PRIMEIRA PARTE

### I

#### ORIGEM, NASCIMENTO E BAPTISMO

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — *O canto dos meirinhos*—; e bem lhe assentava o nome, por que era ali o lugar de encontro favorito de todos os individuos dessa classe, que gozava então de não pequena consideração. Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temivel e temida, respeitavel e respeitada; formavam um dos extremos da formidavel cadeia judiciaria que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida; o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o circulo dentro do qual se passavam os terribes combates das citações, provarás, razões principaes e finaes, e todos esses trejeitos judiciaes que se chamavam o *processo*.  
Dahi a sua influencia moral.

Mas tinham ainda outra influencia, que é justamente a que falta aos de hoje: era a influencia que derivava de suas condições physicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaisquer outros; nada haem de imponentes, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartorio ou contínuo de repartição. Os meirinhos desse bello tempo não, não se confundiam com ninguém; eram originaes, eram typos: nos seus semblantes transluzia um certo ar de magestade ferense, seus olhares calculados e sagazes significavam chicana. Trajavam sizada casaca preta, calção e meias da mesma cor, sapa-

tu afivelado, ao lado esquerdo, aristocratico espadim, e na ilharga direita penduravam um circulo branco, cuja significação ignoramos, e coroavam tudo isto por um grave chapéu armado. Colocado sob a importância vantajosa destas condições, o meirinho usava e abusava de sua posição. Era terrível quando, ao voltar uma esquina ou ao sahir de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com uma daquellas solennes figuras que, desdobrando junto delle uma folha de papel, começava a lê-la em tom confidencial! Por mais que se fizesse, não havia remedio em taes circumstancias senão deixar escapar dos labios o terrível — *Dou-me por citado.* — Ninguém sabe que significação fatalissima e cruel tinham estas poucas palavras! Eram uma sentença de peregrinação eterna que se pronunciava contra si mesmo; queriam dizer que se começava uma longa e fadigosa viagem, cujo termo bem distante era a caixa da Relação, e durante a qual se tinha de pagar importe de passagem em um sem numero de pontos; o advogado, o procurador, o inquiridor, o escrivão, o juiz, inexoraveis Charontes, estavam á porta de mão estendida, e ninguém passava sem que lhe tivesse deixado, não um obolo, porém todo o conteúdo de suas algibeiras, e até a ultima parcella de sua paciência.

Mas voltemos á esquina. Quem passasse por ali em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam — cadeiras de campanha — um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente em tudo sobre que era licito conversar: na vida dos fidalgos, nas noticias do Reino e nas actuações policiaes do Vidigal. Entre os termos que formavam essa equação meirinhã pregada na esquina, havia uma quantidade constante, era o Leonardo-Pataca. Chamavam assim a uma rotunda e gordissima personagem de cabellos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. A velhice tinha-o tornado moleirão e pachorrento; com sua vagareza atrazava o negocio das partes; não o procuravam; e por isso jámais sahia da esquina; passava ali os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos cincoenta era a sua infallível companhia. Do habito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a modica quantia de 320 réis, lhe viera o appellido que juntavam ao seu nome.

Sua historia tem pouca cousa de notavel. Fôra Leonardo algibebe em Lisboa, sua patria; aborrecera-se, porém, do negocio,

é viéra ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por protecção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viéra com elle no mesmo navio, não sei fazer o que, uma certa Maria da *Hortaliça*, quitandeira das praças de Lisboa, salaia rochonchuda e bonita. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão. Ao sahir do Tejo, estando a Maria encostada á borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distrahido por junto della, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadella no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquillo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe tambem em ar de disfarce um tremendo belliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em fórmula, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma scena de pisadella e belliscão, com a differença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dous amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sel-o de muitos annos.

Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enjoos: foram os dous morar juntos: e dahi a um mez manifestaram-se claramente os effeitos da pisadella e do belliscão; sete mezes depois teve a Maria um filho, formidavel menino de quasi tres palmos de comprido, gordo e vermelho, cabelludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem fallamos é o heroe desta historia.

Chegou o dia de baptizar-se o rapaz; foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas duvidas; o Leonardo queria que fosse o Sr. juiz; porém teve de ceder a instancias de Maria e da comadre, que queriam que fosse o barbeiro de defronte, que afinal foi adoptado. Já se sabe que houve nesse dia funcção: os convidados do dono da casa, que eram todos d'além-mar, cantavam ao desafio, segundo os seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado. O compadre trouxe a rabeca, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do officio. A principio o Leonardo quiz que a festa tivesse ares aristocraticos, e propoz que se dançasse o minuete da côrte. Foi accetta a idéa, ainda que houvesse difficuldade em encontrarem-se pares. Afinal levantaram-se uma gorda e baixa matrona, mulher de um convidado; uma companheira desta, cuja figura era a mais completa antithese da sua; um collega do Leonardo, miudinho, peque-

ninho, e com fumaças de gaiato, e o sacristão da Sé, sujeito alto, magro, e com pretensões de elegante. O compadre foi quem tocou o miquete na rabeca: e o afilhadinho, deitado no collo da Maria, acompanhava cada arcada com um guincho e um esperneio. Isto fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso, e fosse obrigado a recommençar outras tantas.

Depois do miquete foi desaparecendo a cerimonia, e a brincadeira *aferventou*, como se dizia naquelle tempo. Chegaram uns rapazes de viola e machete: o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper a parte lyrica do divertimento. Sentou-se n'um tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um bello effeito comico, vel-o, em trajes de officio, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monotonozunzum nas cordas do instrumento o garganteado de uma modinha patria. Foi nas saudades da terra natal que elle achou inspiração para seu canto, e isto era natural a um bom Portuguez, que o era'elle. A modinha era assim:

Quando estava em minha terra,  
Acompanhado ou sósinho,  
Cantava de noite e de dia  
Ao pé d'um copo de vinho!

Foi executada com attenção e applaudida com enthusiasmo; sómente quem não pareceu dar-lhe todo o apreço foi o pequeno, que obsequiou o pae como obsequiara ao padrinho, marcando-lhe o compasso a guinchos e esperneios. A Maria avermeinharam-se os olhos e suspirou.

O canto de Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus ás ceremonias. Tudo dahi em diante foi borborinho, que depressa passou á gritaria, e ainda mais depressa á algazarra, e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando viam-se passar através das rotulas da porta e janellas umas certas figuras, que denunciavam que o Vidigal andava perto.

A festa acabou tarde; a madrinha foi a ultima que sahio, deitando a benção e pondo-lhe no cinto um reminho de arruda.

## II

## PRIMEIROS INFORTUNIOS.

Passemos por alto sobre os annos que decorreram desde o nascimento e baptisado do nosso memorando, e vamos encontrá-lo já na idade de sete annos. Digamos unicamente que durante todo este tempo o menino não desmentiu aquillo que annunciara desde que nasceu; atormentava a vizinhança com choro sempre em alta voz; era colérico; tinha ogeriza particular á madrinha, a que não podia encarar, e era estranhão até não poder mais.

Logo que pôde andar e fallar tornou-se um flagello; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha á mão. Tinha uma paixão decréscida pelo chapéu armado do Leonardo; se este o deixava por esquecimento em algum logar ao seu alcance, tomava-o immediatamente, espanava com elle todos os moveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, e acabava por sair com elle a casa; até que a Maria, exasperada pelo que aquillo lhe havia de custar aos ouvidos, e talvez ás costas, arrancava-lhe das mãos a victima infeliz. Era, além de traquinas, guloso; quando não tranquinava, comia. A Maria não lhe perdoava; trazia-lhe bem maltratada uma região do corpo; porém elle não se emendava, que era tambem teimoso, e as travessuras recommçavam mal sempre a dor das palmadas.

Assim chegou aos sete annos.

Afinal de contas a Maria sempre era saloia, e o Leonardo começava a arrepender-se sériamente de tudo que tinha feito por ella e com ella. Elle tinha razão, porque, digamos depressa e sem mais ceremonias, havia elle desde certo tempo concebido fundadas suspeitas de que era atraído. Havia alguns mezes atraz, tinha notado que um certo sargento passava-lhe muitas vezes pela porta, e então olhava curiosos atravez das rotulas: uma occasião, recolhendo-se, parára-lhe que o vira encostado á janella. Isto porém passou sem mais novidade.

Depois começou a estranhar que um certo collega sem o procurasse em casa, para tratar de negocios do officio, sempre em horas descontraidas; porém isto tambem passou em breves. Finalmente aconteceu-lhe por tres ou quatro vezes esbarrar-se junto de casa com o capitão do navio em que tinha vindo de Lisboa, e isto causou-lhe sérios castigos. Um dia de manhã entrou sem ser esperado pela porta de dentro a quem que estava na sala, e precipitadamente a janella, saltou por ella para a rua, e desapareceu.

A' vista disto nada havia a duvidar: o pobre homem perdeu, como se costuma dizer, as estribeiras; ficou cego de ciúme. Largou apressado sobre um banco uns autos que trazia em baixo do braço e endireitou-se para a Maria com os punhos cerrados.

— Grandéssssima!...

E a injúria que ia solta era tão grande, que se enfiou no corpo e pôz-se a tremer com todo o corpo.

A Maria recuou dous passos e pôz-se em guarda, pois também não era das que receavam com qualquer coisa.

— Tira-te lá, ó Leonardo!

— Não chames mais pelo meu nome, não chames... que tranco-te essa bocca a sócos...

— Safe-se d'ahi! Quem lhe mandou pôr-se aos namoricos comigo a bordo?

Isto exasperou o Leonardo; a lembrança do amor augmentou-lhe a dôr da traição, e o ciúme e a raiva de que se achava possuído transbordaram em sócos sobre a Maria, que, depois de uma tentativa inútil de resistencia, desatou a correr, a chorar e a gritar:

— Ai... ai... acuda, Sr. compadre... Sr. compadre!...

Porém, o compadre ensaboava nesse momento a cara de um freguez, e não podia largal-o. Portanto a Maria pagou caro e por junto todas as contas. Encolheu-se a choramingar em um canto.

O menino assistira a toda essa scena com imperturbavel sangue-frio: enquanto a Maria apanhava e o Leonardo esbravejava, este occupava-se tranquillamente em rasgar as folhas dos autos que tinha largado ao entrar, e em fazer dellas uma grande colleção de cartuchos.

Quando, esmorecida a raiva, o Leonardo pôde ver alguma coisa mais do que seu ciúme, reparou então na obra meritoria em que se occupava o pequeno. Enfureceu-se de novo; suspendeu o menino pelas orelhas, fez-o dar no ar uma meia volta, ergue o pé direito, assenta-lhe em chelo sobre os gluteos, atirando-o sentado a quatro braças de distancia.

— E's filho de uma pisadella e de um belliscão; mereces que um pontapé te acabe a casta.

O menino supportou tudo com coragem de martyr, apenas abriu ligeiramente a bocca quando foi levantado pelas orelhas: mal cahiu, ergueu-se, embarafustou pela porta fóra, e em tres pulos estava dentro da loja do padrinho, e atrancando-se-lhe ás pernas. O padrinho erguia nesse momento por cima da cabeça do freguez a bacia de barbear que lhe tirára do queixo: com o choque que soffreu a ba-

cia inclinou-se, e o freguez recebeu um baptismo de agua de sabão.

— Ora, mestre, esta não está má!...

— Senhor, balbuciou este... a culpa é deste endiabrado... O que é que tens, menino?

O pequeno nada disse; dirigiu apenas os olhos espantados para defronte, apontando com a mão tremula nessa direcção.

O compadre olhou também, applicou a attenção, e ouviu então os soluços da Maria.

— Ham! resmungou; já sei o que ha de ser... eu bem dizia... ora ahí está!...

E desculpando-se com o freguez sahio da loja e foi acudir ao que se passava.

Por estas palavras vê-se que elle suspeitava alguma coisa; e saiba o leitor que suspeitara a verdade.

Espiar a vida alheia, inquirir dos escravos o que se passava no interior das casas, era naquelle tempo cousa tão commum e enraizada nos costumes, que ainda hoje, depois de passados tantos annos, restam grandes vestígios desse bello habito.

Sentado pois no fundo da loja, afiando por disfarce os instrumentos do officio, o compadre presenciára os passeios do sargento por perto da rotula de Leonardo, as visitas extemporaneas do collega deste, e finalmente os intentos do capitão do navio. Por isso contava elle mais dia menos dia com o que acabava de succeder.

Chegando ao outro lado da rua empurrou a rotula que o menino ao sair deixára cerrada, e entrou. Dirigiu-se ao Leonardo, que se conservava ainda em posição hostil.

— O' compadre, disse, você perdeu o juízo?...

— Não foi o juízo, disse o Leonardo em tom dramatico, foi a honra!...

A Maria, vendo-se protegida pela presença do compadre, cobrou animo, e altanando-se disse em tom de zombaria:

— Honra!... honra de meirinho... ora!

— O vulcão de despeito que as lagrimas da Maria tinham apagado um pouco borbotou de novo com esse insulto, que não offendia só um homem, porém uma classe inteira! Injurias e murros á mistura cahiram de novo sobre a Maria, das mãos e da bocca de Leonardo. O compadre, que se intempuzera, levou alguns por descuido; afastou-se pois a distancia conveniente, murmurando despeitado por ver frustrados seus esforços de conciliador:

— Honra de meirinho é como fidelidade de saloia.

Emfim serenou a tormenta: a Maria sentou-se a um canto a chorar e a maldizer a hora em que nascera, o dia em que pela

primeira vez vira o Leonardo, a picadella, o belliscão com que tinha começado o namoro a bordo, e tudo mais que a dôr dos murros lhe trazia á cabeça.

O Leonardo, depois de um pouco de calma, teve um momento de exasperação; avermelharam-se-lhe os olhos e as faces, cerrou os dentes, metteu as mãos nos bolsos do calção, encheu as bochechas, e poz-se a balançar violentamente a perna direita. Depois, como tomando uma resolução extrema, juntou as folhas dispersas dos autos que o menino despedaçara, enterrou atravessado na cabeça o chapéu armado, agarrou na bengala, e sahíu batendo com a rotula e exclamando:

— Vá-se tudo com os diabos!...

— Vai... vai... exclamou a Maria já de novo, em segurança, pondo as mãos nas cadeiras, que o caso não ha de ficar assim... pôr-me as mãos!... ora... vou com isto á justiça!...

— Comadre!...

— Nada, não attendo, compadre... vou com isto á justiça, e, apezar de elle ser um meirinho muito bello, ha de se haver commigo.

— E' melhor não se metter neste, comadre... sempre são negocios com a justiça... o compadre é seu official, e ella ha de punir pelos seus.

As ameaças de Maria não passavam de bravatas que lhe arrancava o despeito, e portanto com mais quatro razões do compadre cedeu, e foi restituída a paz em casa. Houve então larga conferencia entre os dous, no fim da qual o compadre sahíu dizendo:

— Elle ha de voltar... aquillo é genio... ha de passar... e se não... o dito está dito; fíco com o pequeno.

A Maria mostrou-se satisfeita. Tinha ella suas resoluções tomadas ou anteriormente ou naquella occasião, e por isso na conferencia que referimos tratára de engodar o compadre e arrancar-lhe a promessa de que no caso de algum desarranjo tomaria a si, e cuidaria do filho. Esse desarranjo elle figurára e o compadre acreditára que só partiria de Leonardo; porém o leitor vai ver que o pobre homem era condescendente, e que a Maria tinha razão quando fallára ironicamente em honra de meirinho.

Toda esta scena que acabamos de descrever passou-se de manhã. A' tardinha o Leonardo entrou pela loja do compadre, afflicto e triste. O pequeno estremeceu no banco em que se achava sentado, lembrando-se do passeio aereo que o pontapé de seu pae

lhe fizera dar de manhã. O compadre adiantou-se e disse-lhe com um sorriso conciliador:

— O passado passado; vamos... ella está arrependida... doudices de rapariga.... mas não ha de fazer outra...

O Leonardo não respondeu; poz-se a passear pela loja com as mãos cruzadas para traz e por baixo das abas da casaca; porém pelo seu semblante via-se que elle estimára as palavras do compadre, e que seria o primeiro a pronuncial-as se elle não o precedesse.

— Vamos até lá, disse o compadre, e acaba-se tudo! Coitada!... ella ficou muito chorosa.

— Vamos, disse o Leonardo!...

Chegando á porta de casa fez uma pequena parada como quem tinha tomado a resolução de não entrar; mas o que elle queria eram algumas supplicas do compadre, que pudessem ser ouvidas pela Maria, afim de fazel-a acreditar que se elle voltava era arrastado, e não por sua vontade. O compadre percebeu isto, e satisfez o pensamento de Leonardo dizendo:

— Entre, homem... basta de criaçadas... o passado passado.

Entraram. A sala estava vazia; o Leonardo sentou-se junto de uma mesa, descansou o rosto p'uma das mãos, conservando sempre o chapéu armado atravessado na cabeça, o que lhe dava um aspecto entre comico e melancolico.

— Comadre, disse em voz alta o agente da conciliação, tudo está acabado; venha cá...

Ninguem respondeu.

— Ha de estar ahí a chorar mettida em algum canto, tornou o compadre.

E começou a procurar por toda a casa.

Não era esta mui grande; em pouco percorreu-a toda, e ficou tomado de mais cruel desapontamento por não encontrar a Maria. Voltou portanto á sala entre consternado e espantado.

O Leonardo, suppondo que elle tinha achado a Maria, e que sem duvida a trazia pela mão contrita, metten as mãos nos bolsos, e poz-se de costas para o logar de onde vinha o compadre.

— O compadre, disse este aproximando-se...

— Nada, atalhou o Leonardo sem voltar-se... o dito por não dito... mudei de resolução!...

— Olhe, homem...

— Nada, nada... está tudo, acabado...

O Leonardo, dizendo isto, ia dando sempre as costas ao compadre, quando se lhe queria pôr de frente.

— Homem... escute... olhe que a comadre...

— Não quero saber della... está tudo acabado: e já disse...

— Foi-se embora... homem... foi-se embora, gritou o compadre impacientado.

O Leonardo foi fulminado por estas palavras; voltou-se então todo tremulo. Não vendo a Maria, desatou a chorar.

— Pois bem, disse entre soluços, está tudo acabado... adeus, compadre!

— Mas olhe que o pequeno... atalhou este.

O Leonardo nada respondeu, e sahiu precipitadamente.

O compadre comprehendeu tudo: viu que o Leonardo abandonava o filho, uma vez que a mãe o tinha abandonado; e fez um gesto como quem queria dizer: — Está bom, já agora... vá; ficaremos com uma carga ás costas.

Ao outro dia sabia-se por toda a vizinhança que a moça do Leonardo tinha fugido para Portugal com o capitão de um navio que partira na vespera de noite.

— Ah! disse o compadre com um sorriso maligno, ao saber da noticia, foram saudades da terra!...

### III

#### DESPEDIDA A'S TRAVESSURAS

O Leonardo abandonára de uma vez para sempre a casa fatal onde tinha soffrido tamanha infelicidade; nem mesmo passára mais por aquellas alturas; de maneira que o compadre por muito tempo não lhe pôde pôr a vista em cima.

O pequeno, enquanto se achou novato em casa do padrinho, portou-se com toda a siseudez e gravidade; apenas, porém, foi tomando mais familiaridade, começou a pôr as maninhas de fóra.

Apezar disto, porém, captou do padrinho maior affeição; que se foi augmentando de dia em dia, e que em breve chegou ao extremo da amizade cega e apalxonada. Até nas proprias travessuras do menino, as mais das vezes malignas, achava o bom do homem muita graça; não havia para elle em todo o bairro rapazinho mais bonito, não se fartava de contar á vizinhança tudo o que elle dizia e fazia; ás vezes eram verdadeiras acções de menino mal-criado, que elle achava cheias de espirito e de viveza; outras

vezes eram ditos que denotavam já muita velhacaria para aquella idade e que elle julgava os mais ingenuos do mundo.

Era isto natural em um homem de uma idade como a sua; tinha já 50 e tantos annos, nunca tinha tido affeições; passára sempre só, isolado; era verdadeiro partidario do mais decidido celibato. Assim, a primeira affeição que fôra levado a contrahir, sua alma expandiu-se toda inteira, e seu amor pelo pequeno subiu ao grau de rematada cegueira. Este, aproveitando-se da immuni-  
dade em que se achava por tal motivo, fazia tudo quanto lhe vinha á cabeça.

Umaz vezes sentado na loja divertia-se em fazer caretas aos freguezes quando estes se estavam barbeando. Uns enfureciam-se, outros riam sem querer; do que resultava que sahiam muitas vezes com a cara cortada, com grande prazer do menino e descredito do padrinho. Outras vezes escondia em algum canto a mais afiada navalha do padrinho, e o freguez levava por muito tempo com a cara cheia de sabão mordendo-se de impaciencia enquanto este procurava; elle ria-se furtiva e malignamente. Não parava em casa cousa alguma por muito tempo inteira; fazia andar tudo n'uma poeira: pelos quintaes atirava pedras aos telhados dos vizinhos; sentado á porta da rua, contendia com quem passava e com quem estava pelas janellas, de maneira que ninguem por ali gostava d'elle. O padrinho porém não se dava disto, e continuava a querer-lhe sempre muito bem. Gastava ás vezes as noites em fazer castellos no ar a seu respeito; sonhava-lhe uma grande fortuna e uma elevada posição, e tratava de estudar os meios que o levassem a esse fim. Eis aqui pouco mais ou menos o fio de seus raciocínios. Pelo officio do pae... (pensava elle) ganha-se, é verdade, dinheiro quando se tem *geito*, porém sempre se ha de dizer: — ora, é um meirinho!... Nada... por este lado não... Pelo meu officio... verdade é que eu arranjei-me (ha neste *arranjei-me* uma historia que havemos de contar), porém não o quero fazer escravo dos quatro vintens dos freguezes... Seria talvez bom mandal-o ao estudo... porém para que diabo serve o estudo? Verdade é que elle parece ter boa memoria, e eu podia mais para diante mandal-o a Coimbra... Sim, é verdade... eu tenho aquellas patacas; estou já velho, não tenho filhos nem outros parentes... mas tambem que diabo se fará elle em Coimbra? licenciado não: é mau officio; letrado? era bom... sim, letrado... mas não; não, tenho zanga a quem me lida com papeis e demandas... Clerigo?... um senhor clerigo é muito bom... é uma cousa muito seria... ganha-se muito... pôde vir um dia a ser cura. Está

dito, ha de ser clérigo... ora, se ha de ser: hei de ter ainda o gostinho de o ver dizer missa... de o ver prégar na Sé, e então hei de mostrar a toda esta gentalha aqui da vizinhança que não gosta d'elle que eu tinha muita razão em lhe querer bem. Elle está ainda muito pequeno, mas vou tratar de o ir desasnando aqui mesmo em casa, e quando tiver 12 ou 14 annos ha de me entrar para a escola.

Tendo ruminado por muito tempo esta idea, um dia de manhã chamou o pequeno e disse-lhe:

— Menino, venha cá, voce está ficando um homem (tinha elle 9 annos); é preciso que aprenda alguma cousa para vir um dia a ser gente; de segunda-feira em diante (estava em quarta-feira) começarei a ensinar-lhe o b-a, ba. Farte-se de travessuras por este resto da semana.

O menino ouviu este discurso com um ar meio admirado, meio desgostoso, e respondeu:

— Então, eu não hei de ir mais ao quintal, nem hei de brincar na porta?

— Aos domingos, quando voltarmos da missa...

— Ora, eu não gosto da missa.

O padrinho não gostou da resposta; não era bom annuncio para quem se destinava a ser padre; mas nem por isso perdeu as esperanças.

O menino tomou bem sentido nestas palavras do padrinho: "Farte-se de travessuras por este resto da semana", e acreditou que aquillo era uma licença ampla para fazer tudo quanto de bom e de mau lhe lembrasse durante o tempo que ainda lhe restava de folga. Levou pois todo o dia em uma desenvoltura assustadora; o padrinho foi achal-o por duas ou tres vezes a cavallo em cima do muro que dividia o quintal da casa do vizinho, em grande risco de precipitar-se.

Ao anoitecer, estando sentado á porta da loja, viu do longe no principio da rua um acompanhamento allumiado pela luz de lanternas e tochas, e ouviu padres a rezarem: estremeceu de alegria e poz-se em pé de um salto. Era a Via-Sacra do Bom Jesus.

Ha bem pouco tempo que existiam ainda em certas ruas da cidade cruces negras pregadas pelas paredes de espaço em espaço.

A's quartas-feiras e em outros dias da semana sahia do Bom Jesus e de outras igrejas uma especie de procissão composta de alguns padres conduzindo cruces, irmãos de algumas Irmandades com lanternas, e povo em grande quantidade, os padres rezavam e o povo acompanhava a reza.

Em cada cruz parava o acompanhamento, ajoelhavam-se todos, e oravam durante muito tempo.

Este acto, que satisfazia a devoção dos carolas, dava pasto e occasião a quanta sorte de zombaria e de immoralidade lembrava aos rapazes daquela época, que são os velhos de hoje, e que tanto clamam contra o desrespeito dos moços de agora.

Caminhavam elles em charola atraz da procissão, interrompendo a cantoria com dicterios em voz alta, ora simplesmente engraçados, ora pouco decentes, levavam longos fios de barbante, em cuja extremidade iam penduradas grossas bolas de cera. Se ia por ali ao seu alcance algum infeliz, a quem os annos tivessem despido a cabeça dos cabellos, collocavam-se em distancia conveniente, e escondidos por traz de um ou de outro, arremessavam o projectil que ia bater em cheio sobre a calva do devoto; puxavam rapidamente o barbante, e ninguem podia saber donde tinha partido o golpe. Estas e outras scenas excitavam vozeria e gargalhadas na multidão.

Era á isto que naquelles devotos tempos se chamava correr a Via-Sacra.

O menino, como já d'ssemos, estremecera de prazer ao ver approximar-se a procissão. Desceu sorrateiramente a soleira, e sem ser visto pelo padrinho collocou-se unido á parede entre as duas portas da loja, levantando-se na ponta dos pés para ver mais a seu gosto.

Vinha approximando-se o acompanhamento, e o menino palpitava de prazer. Chegou mesmo defronte da porta; teve elle então um pensamento que o fez estremecer; tornou-se a lembrar das palavras do padrinho; "farte-se de travessuras;" espiou para dentro da loja, viu-o entretido, deu um salto do lugar onde estava, misturou-se com a multidão, e lá foi concorrendo com suas gargalhadas e seus gritos para augmentar a vezeria. Era um prazer febril que elle sentia; esqueceu-se de tudo, pulou, saltou, gritou, rezou, cantou e só não fez daquillo que não estava em suas forças. Fez camaradagem com dois outros meninos do seu tamanho que tambem iam no rancho, e quando deu accordo de si estava de volta com a Via-Sacra na Igreja do Bom Jesus.

## IV

## FORTUNA

Enquanto o compadre, afflicto, procura por toda a parte o menino, sem que ninguem possa dar-lhe novas delle, vamos ver o que é feito do Leonardo, e em que novas alhadas está agora mettido.

Lá para as bandas do mangue da Cidade Nova, havia ao pé de um charco uma casa coberta de palha da mais feia apparencia, cuja frente suja e testada enlameada bem denotavam que dentro o asseio não era muito grande. Compunha-se ella de uma pequena sala e um quarto; toda a mobilia eram dous ou tres assentos de pau, algumas esteiras em um canto, e uma enorme caixa de pau, que tinha muitos empregos: era mesa de jantar, cama, guarda-roupa e prateleira. Quasi sempre estava essa casa fechada, o que a rodeava de um certo mysterio. Esta sinistra morada era habitada por uma personagem talhada pelo molde mais de testavel; era um caboclo velho, de cara hedionda e immunda, e coberto de farrapos. Entretanto, para a admiração do leitor, fiquese sabendo que este homem tinha por officio *dar fortuna*!

N'aquelle tempo acreditava-se muito nestas cousas, e uma sorte de respeito supersticioso era tributado aos que exerciam semelhante profissão.

Já se vê que inegotavel mina não achavam nisso os industriaes!

El não era só a gente do povo que dava credito ás *feticarias*; conta-se que muitas pessoas da alta sociedade de então iam ás vezes comprar venturas e felicidades pelo commodo preço da pratica de algumas immoralidades e superstições.

Pois ao nosso amigo Leonardo tinha-lhe tambem dado na cabeça tomar fortuna, e tinha isso por causa de contrariedades que soffria em uns novos amores que lhe faziam agora andar a cabeça á roda.

Tratava-se de uma cigana; o Leonardo a vira pouco tempo depois da fuga da Maria, e das cinzas ainda quentes de um amor mal pago nascera outro que tambem não foi a este respeito aquinhoado; mas o homem era romantico, como se diz hoje, e babão, como se dizia n'aquelle tempo; não podia passar sem uma paixãozinha. Como o officio rendia, e elle andava sempre apatacado, não lhe fôra difficil conquistar a posse do adorado objecto; porém a fidelidade, a unidade no gozo, que era o que sua alma aspirava,

isso não o pudera conseguir; a cigana tinha pouco mais ou menos sido feita no mesmo molde da salaia. Por toda a parte ha sargentos, collegas e capitães de navio; a rapariga tinha-lhe já feito umas poucas, e acabava tambem por fugir-lhe de casa. Desta vez, porém, como não eram saudades da patria a causa desta fugida, o Leonardo decidira haver de novo e por todos os meios a posse de sua amada. Encontrou-a com pouco trabalho, e empregado o pranto, as supplicas, as ameaças, porém tudo embalde, decidiu por isso a buscar com meios sobrenaturaes o que os meios humanos lhe não tinham podido dar.

Entregou-se portanto em corpo e alma ao caboclo da casa do mangue, o mais afamado de todos os do officio. Tinha-se já sujeitado a uma infinidade de provas, que começavam sempre por uma contribuição pecunaria, e ainda nada havia conseguido; tinha soffrido fumigações de hervas suffocantes, tragado bebidas de mui enjoativo sabor: sabia de cór milhares de orações mysteriosas, que era obrigado a repetir muitas vezes por dia; ia depositar quasi todas as noites em lugares determinados quantias e objectos com o fim de chamar em auxillio, dizia o caboclo, as suas divindades; e apesar de tudo a cigana resistia ao sortilegio. Decidiu-se finalmente a sujeitar-se á ultima prova, que foi marcada para a meia-noite em ponto, na casa que já conhecemos. A' hora aprazada lá se achou o Leonardo; encontrou na porta o nojento nigromante, que não consentiu que elle entrasse de manhã em que se achava, e obrigou-o a pôr-se primeiro em habitos de Adão no paraiso, cobriu-o depois com um manto imundo que trazia, e só então lhe franqueou a entrada.

A sala estava com um apparatus ridiculamente sinistro, que não nos cançaremos em descrever; entre outras cousas, cuja significação só conheciam os iniciados nos mysterios do caboclo, havia no meio uma pequena fogueira.

Começando a cerimonia, o Leonardo foi obrigado a ajoelhar-se em todos os angulos da casa, e recitar as orações que já sabia e mais algumas que lhe foram ensinadas na occasião; depois foi orar junto da fogueira. Neste momento sahiram do quarto tres novas figuras, que vieram tomar parte na cerimonia, e começaram então, acompanhando-os o supremo sacerdote, uma dança sinistra em roda de Leonardo. De repente sentiram bater levemente na porta da parte de fóra, e uma voz descansada dizer:

— Abra a porta.

— O Vidigal!! disseram todos a um tempo, tomados do malgustoso.

## V

## O VIDIGAL

O som daquella voz que dissera "Abra a porta" lançára entre ellas, como dissemos, o asspanto e o medo. E não foi sem razão; era ella o annuncio de um grande aperto, de que por certo não poderiam escapar. Nesse tempo ainda não estava organizada a policia da cidade, ou antes estava-o de um modo em harmonia com as tendencias e idéas da época. O major Vidigal era o rei absoluto, o arbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuia a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava ouga aos criminosos; nas carceres da sua immensa alcada não havia testemunhas nem provas, nem fazções, nem processo; elle resumia tudo em si; a sua justiça era infallivel; não havia apellação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas. Exercia em fim uma especie de inquisição policial. Entretanto, fagamos de justiça, dados os descontos necessarios ás idéas do tempo, em verdade não abusava elle muito de seu poder, e o empregava, em certos casos muito bem empregado.

Era o Vidigal um homem alto, não muito gordo, com ares de moleirão; tinha o olhar sempre baixo, os movimentos lentos, a voz descançada e adocicada. Apesar deste aspecto de mansidão, não se encontraria por certo homem mais apto para o seu cargo, exercido pelo modo que acabamos de indicar.

Uma companhia ordinariamente de granadeiros, ás vezes de outros soldados que elle escolhia nos corpos que havia na cidade, armados todos de grossas chilatas, commandada pelo major Vidigal, fazia toda a ronda da cidade, de noite, e toda mais policia. Não havia becco nem travessa, rua nem praça, onde não se tivesse passado uma facanha do Sr. major para pilhar um maroto ou dar cacha a um vagabundo. A sua sagacidade era proverbial, e por isso só o seu nome imputa grande terror em todos os que não tinham a consciencia muito pura a respeito de falcatruas.

Se no meio da algararra de um fado rigoroso, em que a decencia e os cuidados dos vizinhos não eram muito respeitadas, ou via-se dizer "está ahí o Vidigal", mudavam-se repentinamente as scenas; cessava tudo em um momento, e a festa tomava logo um aspecto serio. Quando algum dos patuços daquelle tempo (que não gozava de grande reputação de activo e trabalhador) era surpreendido de noite de capote sobre os hombros e via a

tiracolo, caminhando em busca de sucia, por uma voz branda que lhe dizia simplesmente "venha cá: onde vai?" o unico remedio que tinha era fugir, se pudesse, porque com certeza não escapava por outro meio de alguns dias de cadeia, ou pelo menos da *casa da guarda na Sé*; quando não vinha o *covildo e meio às costas*, como consequencia nescessarria.

Foi por isso que os nossos magicos e a sua infeliz victima puzeram-se em debandada mal conheceram pela voz quem se achava com elles. Quizeram escapar-se pelos fundos da casa, porém, ella estava cercada de granadeiros, em cujas mãos se viam a arma de que acima fallámos. A porta abriu-se sem resistencia, e o major Vidigal, porque era com effeito elle, com os seus granadeiros achou-os em flagrante delicto de nigromancia: estava ainda accessa a foguetra, e os mais objectos que serviam ao sacrificio.

— Oh! disse elle, por aqui dá-se fortuna...

— Sr. major, pelo amor de Deus...

— Eu tinha desejos de ver como era isso; continuem... sem cerimonia, vamos.

Os infelizes hesitaram um pouco, porém, vendo que resistir seria inutil começaram de novo as ceremonias, de que os soldados riam-se, antevendo talvez qual seria o resultado. O Leonardo estava corrido de vergonha, tanto mais porque o conhecia; e procurava cobrir-se do melhor modo com a sua immunda capa. Ajoelhou-se quasi arrastado outra vez no mesmo logar; e recommençou a dança, a que o major assistia de braços cruzados e com ar pachorrento. Quando os sacrificadores, julgando que já tinham dansado sufficientemente, tentaram parar, o major disse brandamente:

— Continuem.

Depois de muito tempo quizeram parar de novo.

— Continuem, disse outra vez o major.

Continuaram por mais meia hora; passando esse tempo, já muito cansados, tentaram dar fim.

— Ainda não; continuem.

Continuaram por tempos esquecidos, já estavam que não podiam de estafados; o nosso Leonardo, ajoelhado ao pé da foguetra, quasi que se desfazia em suor. Afinal o major deu-se por satisfeito, mandou que parassém, e sem se alterar disse para os soldados, com a sua voz doce e pausada:

Tôca, granadeiros.

Estas voz todas as chibatas ergueram-se, e cahiram de rijo

sobre as costas daquela *honesta* gente, fizeram-n'a dansar, e sem querer, ainda por algum tempo.

— Pára, disse o major depois de um bom quarto de hora.

Começou então a fazer a cada um um sermão, em que se mostrava muito sentido por ter sido obrigado a chegar áquelle excesso e que terminava sempre por esta pergunta :

— Então você em que se occupa ?

Nenhum delles respondia. O major sorria-se e accrescentava com riso sardonico:

— Está bom !

Chegou a vez do Leonardo.

— Pois, homem, você, um official de justiça, que devia dar o exemplo...

— Sr. major, respondeu elle acabrunhado, é o diabo daquelle rapariga que me obriga a tudo isto; já não sei de que meios use...

— Você ha de ficar curado! Vamos para a casa da guarda.

Com esta ultima decisão o Leonardo desesperou. Perdoaria de bom grado as chibatadas que levára, contanto que ellas ficassem em segredo; mas ir para a casa da guarda, e della talvez para a cadeia... isto é que elle não podia tolerar. Rogou ao major, foi inflexivel. Desfez então a vergonha em pragas á maldicta cigana que tanto o fazia soffrer.

A casa da guarda era no largo da Sé; era uma especie de deposito onde se guardavam os presos que se faziam de noite, para se lhes dar depois conveniente destino. Já se sabe que os amigos de novidades iam por ali de manhã e sabiam com facilidade tudo que se tinha passado na noite antecedente.

Ahi esteve o Leonardo o resto da noite e grande parte da manhã, exposto á vistoria dos curiosos. Por infelicidade sua passou por acaso um collega, e, vendo-o entrou para fallar-lhe, isto quer dizer que dahi a pouco toda a illustre corporação dos meirinhos da cidade sabia do occorrido com o Leonardo, e já se preparava para dar-lhe uma solemne patada quando o negocio mudou de aspecto e o Leonardo foi mandado para a cadeia.

Apparentemente os companheiros mostraram-se sentidos, porém secretamente não deixaram de estimar o contratempo, porque o Leonardo era muito afreguezado, e em quanto estava elle preso as partes os procuravam.

## VI

## PRIMEIRA NOITE FORA DE CASA

O compadre, apenas dera por falta do afilhado, viu-se presa da maior afflicção: poz em alarma toda a vizinhança, procurou, indagou, mas ninguem lhe deu novas nem mandados d'elle. Lembrou-se então da Via-Sacra, e imaginou que o pequeno a teria acompanhado; percorreu todas as ruas por onde passára o acompanhamento, perguntando afflicto a quantos encontrava pelo thesouro precioso de suas esperanças; chegou sem encontrar vestigio algum até o Bom-Jesus, onde lhe disseram ter visto tres meninos que por se portarem endiabradamente na occasião da entrada da Via-Sacra o sacristão os correrá para fóra da igreja.

Foi este o unico signal que pôde colher.

Vagou depois por muito tempo pela rua, e só se recolheu para casa estando já a noite adiantada. Ao chegar á porta de casa abriu-se o postigo de uma rotula contigua. e uma voz de mulher perguntou :

— Então, vizinho, nada?

— Nada, vizinha, respondeu o compadre com voz deprimida.

— Ora! quando eu digo que aquella criança tem ~~bofes~~ bofes...

— Vizinha, isto não são cousas que se digam...

— Digo-lhe e repito-lhe tem máus bofes... Deus permitta que não, mas aquillo não tem bom fim...

—Oh! senhora, replicou o compadre irritado, que tem a senhora com minha vida e mais das cousas que me pertencem? Metta-se comsigo, cuide nos seus bilros e na sua renda, e deixe a vida alheia...

Entrou depois para casa murmurando:

— Um dia faço aqui uma estrallada com esta mulher: é sempre isto! parece agouro!

Toda a noite levou o pobre homem acordado a pensar nos meios de achar o pequeno: e depois de ter formado mil planos disse comsigo:

— Em ultimo lugar vou ter com o major Vidigal.

E esperou que o dia voltasse para proseguir em suas pesquisas.

Entretanto vamos satisfazer ao leitor, que ha de talvez ter curiosidade de saber onde se metten o pequeno.

Com os emigrados de Portugal veiu tambem para o Brasil a praga dos Ciganos. Gente ociosa e de poucos escrupulos, ganharam elles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguem que tivesse juizo se mettia com elles em negocio, porque tinha certeza de levar carêlo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muita se falla, deixaram-n'a da outra banda do oceano; para cá, só trouxeram máus hábitos, esperteza e velhacaria, e se não, o nosso Leonardo pôde dizer alguma cousa a respeito. Viviam em quasi completa ociosidade; não tinham noites sem festas. Moravam ordinariamente um pouco arredados das ruas populares e viviam em plena liberdade. As mulheres trajavam com certo luzo relativo aos seus haveres: usavam de rendas e fitas; davam preferencia a tudo quanto era encarnado, e nenhuma dellas dispensava pelo menos um cordão de ouro ao pescoço; os homens não tinham outra distincção mais do que alguns traços physionomicos particulares que os faziam conhecidos.

Os dous meninos, com quem o pequeno fugitivo travára amizade pertenciam a uma familia dessa gente que morava no largo do Rocio, lugar que tinha por isso até algum tempo o nome de *Campo dos Ciganos*. Tinham esses meninos, como dissemos, pouca mais ou menos a mesma idade que elle: porém acostumados á vida solitaria, conheciam toda a cidade, e a percorriam sós, sem que se lhes fizesse cuidado a seus paes; nunca faltavam ao acompanhamento da Via-Sacra, nem a outra qualquer cousa desse genero. Encontrando-se nessa noite, como já sabem os leitores, com o nosso futuro clerigo, a elle se associaram, e o carregaram para casa de seus paes, onde, como de costume, havia festa de ciganos, e este costume ainda hoje se conserva; faziam, dissemos, festa todos os dias, porém motivavam-n'a sempre. Hoje era um baptisado, amanhã um casamento, agora annos deste, logo annos daquelle, festa deste, festa daquelle santo. Na noite de que tratamos havia um oratorio armado, e festejava-se um santo de sua devoção; não lhe sabemos o nome.

Pelo caminho o menino teve alguns escrupulos e quiz voltar, porém os outros tal pintura lhe fizeram do que elle ia ver, se os acompanhasse, que decidiu-se a segui-os até onde quizessem.

Chegaram enfim á casa, onde já tinha começado a festa.

Ao lado esquerdo da sala estava o oratorio illuminado por algumas pequenas velas de cêra, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca. Servia-lhe de espaldar uma colcha de chita com folhos. Em roda da sala estavam collocados assentos de toda natureza, bancos, cadeiras, etc., onde se assentavam os convidados.

Não eram estes em pequeno numero, eram ciganos e gente do paiz; traziam *toilettes* de toda a casta, de soffrivel para baixo; mostravam-se alegres e dispostos a aproveitarem bem a noite.

Os meninos entraram sem que algum reparasse nelles, e foram collocar-se junto do oratorio.

Dahi a pouco começou o fado.

Todos sabem o que é fado, essa dança tão voluptuosa, tão variada, que parece filha do mais apurado estudo da arte. Uma simples viola serve melhor do que instrumento algum para o effeito.

O fado tem diversas fórmas, cada qual mais original. Ora, uma só pessoa, homem ou mulher, dança no meio da casa por algum tempo, fazendo passos os mais difficultosos, tomando as mais airozas posições, acompanhando tudo isso com estalos que dá com o dedos, e vae depois pouco e pouco aproximando-se de qualquer que lhe agrada; faz-lhe diante algumas negaças e viravoltas, e finalmente bate palmas, o que quer dizer que a escolheu para substituir o seu lugar.

Assim corre a roda toda até que todos tenham dançado.

Outras vezes um homem e uma mulher dançam juntos; seguindo com a maior certeza o compasso da musica, ora acompanham-se a passos lentos, ora apressados, depois repellam-se; depois juntam-se; o homem ás vezes busca a mulher com passos ligeiros, enquanto ella, fazendo um pequeno movimento com o corpo e com os braços, recúa vagarosamente; outras vezes é ella quem procura o homem, que recúa por seu turno, até que ambos acompanham-se de novo.

Ha tambem a roda em que dançam muitas pessoas, interrompendo certos compassos com palmas e com um sapateado ás vezes estrondoso e prolongado, ás vezes mais brando e mais breve, porém sempre igual e a um só tempo.

Além destas ha ainda outras fórmas de que não fallamos. A musica é differente para cada uma, porém sempre tocada em viola. Muitas vezes o tocador canta em certos compassos uma cantiga ás vezes de pensamento verdadeiramente poetico.

Quando o fado começa, custa a acabar; termina sempre pela madrugada, quando não leva de enfiada dias e noites seguidas e inteiras.

O menino, esquecido de tudo pelo prazer, assistiu á festa em quanto pôde; depois chegou-lhe o somno, e, reunindo-se com os companheiros, em um canto, adormeceram todos embriados pela viola e pelo sapateado.

Quando amanheceu acordou sarapantado; chamou um dos companheiros, e pediu que o levasse para casa.

O padrinho ia sahindo para começar nas pesquisas quando esbarrou com elle.

— Menino dos trezentos... onde te metteste tu?...

— Fui ver um oratorio... Não diz que eu hei de ser padre?

O padrinho olhou-o por muito tempo, e afinal, não podendo resistir ao ar de *ingenuidade* que elle mostrava, desatou a rir, e levou-o para dentro já completamente apaziguado.

## VII

### A COMADRE

Cumpre-nos agora dizer alguma cousa a respeito de uma pessoa que representará no correr desta historia um importante papel, e que o leitor apenas conhece, porque nella tocámos de passagem no primeiro capitulo: é a comadre, a parteira que, como dissemos, servira de madrinha ao nosso memorando.

Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda, bonachona, ingenua ou tola até um certo ponto, e finoria até outro; vivia do officio de parteira, que adoptara por curiosidade, e benzia de quebranto; todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa-missas da cidade. Era a folhinha mais exacta de todas as festas religiosas que aqui se faziam; sabia de cóz os dias em que se dizia missa em tal ou tal igreja, como a hora e até o nome do padre; era pontual á ladainha, ao terço, á novena, ao septenario; não lhe escapava Via-Sacra, procissão, nem sermão; trazia o tempo habilmente distribuido e as horas combinadas, de maneira que nunca lhe aconteceu chegar á igreja e achar já a missa no altar. De madrugada começava pela missa da Lapa; apenas acabava ia á das 8 na Sé, e dahi sahindo pilhava ainda a das 9 em Santo Antonio. O seu traje habitual era, como o de todas as mulheres da sua condição e esphera, uma saia de lila preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço branco muito largo e engommado do pescoço até cóz da saia, um raminho de arada atax da orelha, tudo isto coberto por uma classica mantilha, junto á renda da qual se pregava uma pequena tija de ouro ou de osso. Nos dias duplices, em vez de lenço á cabeça, o cabello

era penteado, e seguro por um enorme pente cravejado de chrysolitas.

Este uso da mantilha era um arremedo do uso hespanhol; porém a mantilha hespanhola, temos ouvido dizer, é uma cousa poetica que reveste as mulheres de um certo mysterio, e que lhes realça a belleza; a mantilha das nossas mulheres, não; era a cousa mais prosaica que se pôde imaginar, especialmente quando as que a traziam eram baixas e gordas como a comadre. A mais brilhante festa religiosa (que eram as mais frequentadas então) tomava um aspecto logo que a igreja se enchia daquelles vultos negros que se uniam uns aos outros, que se inclinavam cochichando a cada momento.

Mas a mantilha era o traje mais conveniente aos costumes da época; sendo as acções dos outros o principal cuidado de quasi todos, era muito necessario ver sem ser visto. A mantilha para as mulheres estava na razão das rotulas para as casas; eram o observatorio da vida alheia. Muito agitada e cheia de accidentes era a vida que levava a comadre, de parteira, beata e curandeira de quebranto; não tinha por isso muito tempo de fazer visitas e procurar os conhecidos e amigos. Assim não procurava o Leonardo muitas vezes; havia muito tempo que não sabia noticias d'elle, nem da Maria, nem do afilhado, quando um dia na Sé ouviu entre duas beatas de mantilha a seguinte conversa :

— E' o que lhe digo: a saloiazinha era da pelle do tihoso!

— E parecia uma santinha... e o Leonardo o que lhe fez?

— Ora, desancou-a de murros, e foi o que fez com que abalasse mais depressa com o capitão... pois olhe, não teve razão; o Leonardo é um rapagão; ganhava boas patacas, e tratava della como de uma senhora!...

— E o filho... que assim mesmo pequeno era um malcriado?...

— O padrinho tomou conta d'elle; quer-lhe um bem extraordinario... está maluco o coitado do homem, diz que o menino ha de por força ser padre... mas quel padre, se elle é um endiabrado!...

Nesta occasião levantava-se a Deus e as duas beatas interromperam a conversa para bater nos peitos.

Era uma dellas a vizinha do cômpadre, que prognosticava máu fim ao menino, e com quem elle promettera fazer uma estrallada: a outra era uma das que tinham estado na função do baptisado.

A comadre, apenas ouviu isto, foi procurar o compadre; não

se pense porém que a levára a isso outro interesse que não fosse a curiosidade, queria saber o caso com todos os menores detalhes; isso lhe dava longa matéria para a conversa na igreja, e para entreter as parturientes que se confiavam aos seus cuidados. Entrou pela loja do barbeiro; e apenas o avistou foi-lhe dizendo:

— Então, com que a tal comadre pregou-nos o mono? Veja o que são doudices; fazer aquillo ao Leonardo, um homem que não é mal arranjado... filho do Reino...

— Apertára-lhe as saudades da terra, disse o compadre com sorriso maligno.

— Apertada se veja entre as unhas do tinhoso! Olhem que joiazinha... E você, mestre, ficou com a carga ás costas.

— Carga, não... eu quero-lhe bem, elle é saçegadinho...

Começou então um interrogatorio minucioso ácerca do que tinha succedido em casa de Leonardo: e os dous, compadre e comadre, desabafaram a seu gosto. Depois o compadre narrou, sem ser interrogada, todas as gentilezas de afilhado, e contou suas intenções a respeito della. A comadre não concordou com ellas, e que nada agradou ao compadre, não via o menino com geito para padre; achava melhor mettê-lo na Conceição a aprender um officio. O compadre porém persistiu em seus intentos, que tinha muita esperança de ver realizados. Afinal a comadre retirou-se.

Pelo caminho foi repetindo o que acabára de saber e quanto conhecido encontrou, sem escrupulizar muito em acrescentar mais uma ou outra circumstancia com que carregava as côres do quadro.

Entretanto o compadre applicava-se a trabalhar na realização de seus intentos, e começou por ensinar o A. B. C ao menino; porém, por primeira contrariedade, este empacou no F, nada o fazia passar adiante.

A comadre continuou a apparecer dahi em diante por um motivo que mais tarde se saberá.

Por agora vamos continuar a contar o que era feito do Leonardo.

## VIII

### O PATEO DOS BICHOS

Ainda hoje existe no saguão do paço imperial, que no tempo em que se passou esta nossa historia se chamava Palacio d'El-rei, uma saleta ou quarto que os galates e o povo com elles

denominavam o — *Pateo dos Bichos*. Este appellido lhe fôra dado em consequencia do fim para que elle então servia: passavam ali todos os dias do anno tres ou quatro officiaes superiores, velhos, incapazes para a guerra e inúteis na paz, que o rei tinha a seu serviço não sabemos se com mais alguma vantagem de soldo, ou se só com mais a honra de serem empregados no real serviço. Bem poucas vezes havia occasião de serem elles chamados por ordem real para qualquer cousa, e todo o tempo passavam em santo ocio, ora mudos e silenciosos, ora conversando sobre cousas do seu tempo, e censurando as do que com razão já não suppunham do seu, porque nenhum d'elles era menor de 50 annos. A's vezes acontecia adormecerem todos ao mesmo tempo, e então, com a resonancia de suas respirações passando pelos narizes atabacados, entoavam um quarteto, pedaço impagavel, que os officiaes e soldados que estavam de guarda, criados e mais pessoas que passavam, vinham apreciar á porta. Eram os pobres homens muitas vezes victimas de caçadas, que naquelle tempo, de poucas preocupações, eram o objecto de estudo de muita gente.

A's vezes qualquer que os pilhava dormindo chegava á porta e gritava :

— Sr. Tenente-Coronel, El-rei procura por V. S.

Qualquer d'elles acordava espantado, tomava o chapéu armado, punha o talim, acontecendo ás vezes com a pressa ficar o chapéu torto ou a espada do lado direito, e lá corria a ter com El-rei.

— A's voças ordens, real senhor, dizia ainda bocejando.

O rei, que percebia o negocio, desatava a rir e o mandava embora.

Quando chegava o pobre homem abaixo, ia cada um dos que por ali se achavam indagar, o mais seriamente que era possivel, qual tinha sido o objecto de chamado d'El-rei.

Faziam-lhes d'estas e d'ontras, mas dahi a pouco deixavam-se elles enganar de novo.

Vamos fazer o leitor tomar conhecimento com um desses *activos militares*, que entra tambem na nossa historia.

Era um velho como seus companheiros, porém, de certo por elle não é que tinha vindo ao quarto o appellido que lhe davam: suas feições quebradas pela idade tinham ainda certa regularidade de contorno que bem denotava que no seu tempo de rapaz não fôra a despeito de belleza mal favorecido; de seus cabellos que o tempo levára restavam apenas, orlando-lhe as temporas e a

nuca, alguns anéis crespos e prateados; sua calva era nobre e imponente. Fôra valente; ganhára por seus feitos as dragonas de tenente-coronel; era filho de Portugal, e acompanhára El-rei na sua vinda ao Brasil.

Estas qualidades porém não lhe serviam de salva-guarda, e soffria como os outros as caçadas dos gaiatos.

Assim um dia que uma mulher de mantilha o foi procurar, e se poz com elle a conversar, por algum tempo em particular, passavam uns e outros e escarravam junto da porta, ou deixavam escapar uma ou outra chalaça analoga.

— Amores velhos nunca se esquecem, dizia um.

— Bravo! gôsto do bom gosto, dizia outro.

A mulher de mantilha é nossa conhecida, porque nem mais nem menos é a comadre; e o negocio que ahi a levou tambem nos interessa, pois que se trata da soltura do pobre Leonardo. Ouça, portanto, o leitor a conversa do dous.

— Sr. tenente-coronel, disse a comadre ao chegar, venho me valer de V. S.: meu compadre Leonardo está na cadeia.

— O Leonardo?! mas então porque?

— Ora! maluquices!

E chegando-se ao ouvido do velho contou-lhe a comadre baixinho a causa da prisão do Leonardo.

O velho desatou a rir.

— Bem pregado!... disse.

— Agora eu queria que V. S. fizesse o favor de fallar por elle ao Sr. major Vidigal, que foi quem o prendeu... coitado do homem: é uma vergonha; mas tambem elle não se emenda!

E, proseguindo, a comadre contou muito em segredo, como já o tinha feito a todos os seus conhecidos, toda a historia dos infelizes amores do Leonardo com a Maria, todas as diabruras do menino que ella deixára e de que o padrinho tomára conta: passou depois a relatar todo o occorrido com a cigana, e voltou de novo á historia da prisão, que contou e recontou vinte vezes, sem lhe escapar a mais pequenina circumstancia. No fim tornou a fazer o seu pedido, a que o velho prometteu satisfazer, e elle sahiu ella recebendo no saguão muitos cumprimentos e sorrisos maliciosos. Na porta por onde sahiu estava encostado um cadete que lhe disse:

— Estimo que fosse feliz; no dia do baptisado não se esqueça da gente.

— Arrengo! foi a unica resposta que ella deu, e passou.

Como o velho tenente-coronel conhecia a comadre e o Leo-

nardo, e, porque se interessava por elle, o leitor saberá mais para diante.

Esse conhecimento era antigo, e o Leonardo apenas se achou na cadeia lembrou-se da protecção que o velho lhe podia prestar em semelhante aperto, mandou por um collega chamar a comadre, e a encarregou da missão de ir ter com elle, missão que ella accitou de bom grado, e que desempenhou, segundo vimos, satisfactoriamente.

O velho, apenas a comadre sahiu, tomou o chapéo armado, poz a espada á cinta e sahiu, depois de ter contado aos companheiros o que succede a quem vai tomar fortuna. Um delles, que era credulo até ao enthusiasmo a respeito de feitiçarias, ficou muito indignado com o caso, e prometeu tambem empenhar-se pelo Leonardo.

Já vê pois o leitor que o negocio não estava mal parado, e em breve saberá o resultado de tudo isso.

## IX

### O — ARRANJEI-ME — DO COMPADRE

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castellos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo officio que exercia, isto é, daquelle *arranjei-me*, cuja explicação promettemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.

Se, algum perguntasse ao compadre por seus paes, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua historia reduzia-se a bem pouco. Quando chegára á idade de accordo da vida, achou-se em casa de um barbeirô que d'elle cuidava, porém, que nunca lhe disse se era ou não seu pae ou seu parente, nem tão pouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Tambem nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio á curiosidade indagal-o.

Esse homem ensinára-lhe o officio, e por inaudito milagre tambem a ler e escrever. Emquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do famulo, por outra com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem duvida já adivinhou que elle o era. A

troco disso davalhe o mestre sustento e morada, e pagava-se de que por elle tinha já feito.

Quando passou de menino a rapaz, e chegou a saber barbear e sangrar soffrivelmente, foi obrigado a manter-se á sua custa e a pagar a morada com os seus ganchos que fazia, porque o producto do mais trabalho pertencia ainda ao mestre. Sujeitou-se a isso. Porém queriam ainda mais: exigiam que continuasse a empregar-se no serviço domestico. Lavrou-lhe então n'alma um arrepio de dignidade: já era official, e não queria rebaixar o seu officio. Virou mareta; fez-se duro, e safou-se de casa sem escrúpulos nem remorsos, pois bem sabia que estavam saldas as contas de parte a parte. Tinham-n'o criado: elle tinha servido. Tambem não encontrou grande resistencia á sua deliberação.

Apenas passou o primeiro impeto e teve tempo de reflectir, quasi que começou a arrepender-se por não saber qual o meio de achar arranjo. Viuse na rua, sem saber para onde ir, tendo por unica fortuna uma bacia de barbear embaixo do braço, um par de navalhas e outro de lancetas na algibeira. Verdade é que quem tinha comsigo estes trastes estava com as armas e uniforme do officio; porém, isso não bastava; o pobre rapaz estava em apertos.

Passou a primeira noite em casa de um collega, e no dia seguinte ao amanhecer, tomando os seus apetrechos, sahiu em busca de que fazer para aquelle dia, e de destino para os mais que se iam seguir.

Achou ambas as cousas; uma trouxe a outra.

No largo do Paço um marujo que estava sentado em uma pedra junto ao mar chamou-o para que lhe fizesse a barba: mãos á obra, que já naquelle dia não morria de fome.

Todo o barbeiro é tagarella, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguez. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e occupava-se no commercio dos negros; era um dos comboios que traziam fornecimento para o Vallongo, e estava prompto a largar.

— O mestre! disse o marujo no meio da conversa, você tambem não é sangrador ?

— Sim, eu tambem sangro...

— Pois olhe, você estava bem bom, se quizesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

— Homem, eu da cirurgia não entendo muito...

— Pois já não disse que sabe tambem sangrar ?

— Sim...

— Então já sabe até de mais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fóra: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabel-o aproveitar; de official de barbeiro dava um salto mortal a medico de navio negroiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso, logo nos primeiros dias de viagem adoece-ram dous marinheiros; chamou-se o medico; elle fez tudo que sa-bia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, per-feitos. Com isto ganhou immensa reputação, e começou a ser es-timado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças á lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para augmentar-lhe a solida reputação de entendedor do riscado.

Poucos dias antes de chegar ao Rio o capitão do navio adoe-ceu; a principio nem elle nem ninguem teve a menor duvida de que ficaria bom logo depois da primeira sangria; porém, repentina-mente o negocio complicou-se, e nem com a terceira e quarta se pôde conseguir cousa alguma. No fim do quarto dia convenceram-se todos e o proprio doente capitão de que estava chegada a sua hora. Nem por isso, porém, inculparam o nosso homem.

— Ali não ha sangria que o salve, diziam; chegou a sua vez de dar á costa... ha de ir.

O capitão teve de fazer suas ultimas disposições, e, como dis-semos, tendo o medico grangeado grande amizade e confiança, foi escolhido para desempenhal-as.

O capitão chamou-o á parte, e em segredo lhe fez entrega de uma cinta de couro e uma caixa de pão pejudas de um hom par de doblas em ouro e prata, pedindo que fielmente as fosse entre-gar, apenas chegasse a terra, a uma filha sua, cuja morada lhe indicou. Além deste dinheiro encarregou-o tambem de receber a soldada daquella viagem e lhe dar o mesmo destino. Eram estas as suas ultimas e ultimas vontades que o encarrregava de cum-prir, declarando-lhe que lá do outro mundo o espiaria para ver como cuidava disso.

Poucas horas depois expirou.

Desse dia em diante nenhum só doente escapou mais, porque o medico já não sangrava tanto; andava preocupado, distrahido, e assim levou até chegar a terra.

Apenas saltou, declarou que não se tinha dado bem, e que não embarcaria mais.

Quanto ás ordens do capitão... histórias: quem é que lhe havia de tomar conta disso? Ninguém viu o que se passou; de nada se sabia. Os unicos que podiam ter desconfiado e fazer alguma cousa eram os marinheiros; porém, estes partiram em breve, novo para a *Costa*.

Eis aqui como se explica o *arranjei-me*, e se explicam muitos outros que vão ahí pelo mundo.

## X

### EXPLICAÇÕES

O velho tenente-coronel, apesar de virtuoso e bom, não deixara de ter na consciencia um soffrivel par de peccados, desses que se chamam da carne, e que não hão de ser levados em conta, não de hoje, que a idade o tornára inoffensivo, porém do tempo da sua mocidade; o resultado de um delles fôra um filho que deixara em Lisboa, fructo de um derradeiro amor que tivera aos 36 annos. Por castigo em nada havia elle sahido ao pae, e nem os conselhos, nem os cuidados e nem o exemplo deste poderam encaminhal-o por boa vereda. Aos 20 annos, tendo sentado praça, era um cadete desordeiro, jogador e o mais insubordinado do seu regimento. Bastantes vergonhas custára ao pobre pae, que cuidadoso procurava sempre por todos os meios encobrir-lhe os defeitos e remediar as gentilezas que fazia, já pagando por elle dividas de jogo, já atabafando-lhe as desordens e curando com ouro as brechas que elle fazia na cabeça de seus adversarios. Houve, porém, uma que as circumstancias e mesmo a natureza do caso não permittiram que tivesse remedio. Poucos dias antes de embarcar para o Brasil em companhia de el-rei, estando o infeliz pae em preparativos de viagem, viu entrar-lhe pela porta dentro uma mulher velha, baixa, gorda, vermelha, vestida segundo o costume das mulheres da baixa classe do paiz, com uma saia de ganga azul por cima de um vestido de chita, um lenço branco dobrado triangularmente, posto sobre a cabeça e preso em baixo do queixo, e uns grossos sapatões nos pés. Parecia presa de grande agitação e de raiva; seus olhos pequenos e azues faiscavam de dentro das orbitas afundadas pela idade, suas faces estavam rubras e reluzentes,

seus lábios franzinos e franzidos apertavam-se violentamente um contra o outro como prendendo uma torrente de injúrias, e tornando mais sensível ainda seu queixo pontudo e um pouco revirado.

Apenas se achou ella em frente ao capitão, era este o posto que tinha nesse tempo o velho, foi-se chegando para elle com a resolução e enfurecido. O capitão recuou instinctivamente um passo.

— Ah! Sr. capitão, disse ella por fim pondo as mãos nas cadeiras, chegando a bocca muito perto do rosto d'elle e abanando raivoza a cabeça; olhe que isto assim não vai direito: faz-me andar a cabeça á roda... põe-me os miolos a ferver... e eu estouro... já viu!...

— Mas o que ha então, mulher?... Eu não lhe conheço...

— Não quero cá saber de nada... Já lhe disse que isto não vae bem... e eu estouro...

— Mas porque?... o que é que tem?... E' preciso que você diga...

— Não tenho nada que dizer.. Estouro, já lhe disse, Sr. capitão!...

— Pois estoure com trezentos diabos! mas ao menos diga pelo que é que estoura.

— Não tenho nada que dizer... já lhe disse... isto põe a cabeça da gente como uma cebola podre, não tem lugar nenhum... Ir-me por lá com ares de santarrão comprar frutas...

— Quem, mulher de Deus? Você não se explicará?

— Qual explicar, nem meio explicar! Pois então por ser cá a gente uma mulher velha, que já perdeu os achegos ao mundo, e ella uma pobre rapariga tóla e bisbilhoteira, com vontade de saber de tudo, vir-me cá a mim prégar o monó na bochecha, e a ella em logar ainda mais melindroso...

— Mas quem é que prégo monos a você mais a ella? e quem é ella?...

— Faz-se de novo! continuou a mulher exasperando-se; pois o Sr. capitão já não tinha consentido no casamento?...

— Que casamento? com quem?

— Ai, ai, ai, que cá me anda a cabeça como uma nóra solta... Pois o Sr. capitão não sabe que tem um filho?...

— Sim, sei, respondeu este começando a descobrir o mysterio.

— E não sabe que elle é um pedaço de um mariola!...

A isto o capitão podia, porém, não se animou a responder affirmativamente, e perguntou sómente:

— E que mais?...

— E não sabe também que eu tenho uma filha que trouxe a Lumiar, a Mariazinha?

— Como, se eu não a conheço?

— Pois é uma rapariga muito capaz... e o diabo do tal cadete do seu filho andou por lá a entender com ella muito tempo; namoro para cá, namoro para lá, presentes daqui, promessas d'a-cólá... e final de contas... traz!... E então que lhe parece?

O capitão foi ás nuvens.

— Até lhe prometteu casamento, dizendo que o Sr. capitão consentia... Ora eu bem sei que ella também teve sua culpa... mas eu desculpo isso, porque também já fui rapariga... e sei que, quando começa cá o diabo no corpo, adeus! Mas isto põe a gente tonta, porque... enfim, a rapariga podia vir a fazer fortuna.

O capitão tinha comprehendido tudo, e por mais algumas explicações que se seguiram viu-se reduzido ao maior aperto. Desta vez a diabrura do rapaz era irremediavel, a mulher tinha toda a razão; porém casar seu filho com a filha de uma collareija... isso não poderia ser; além de que nada tinha que deixar ao filho, e só com o soldo de cadete não poderia sustentar mulher e casa, restando disso a duvida se elle estaria ou não pelos autos...

Despediu a velha, não sem lhe prometter que providenciaria sobre o caso.

— Olhe, veja lá, disse ao sahir; se o negocio não se arranja, eu esteuro!...

O pobre homem ficou nos apuros: foi ter com a offendida, e procurou, offerecendo-lhe alguma cousa para seu dote, obter que ella se calasse, e que desistisse de suas pretensões; esta quiz a principio recusar, porém, a mãe aconselhou-a a que accedesse, sem duvida com medo do estourar. Deste modo ficou o caso um pouco remediado, posto que a consciencia do capitão, que era homem de honra, não ficára de modo algum satisfeita. O tempo, porém, não dava lugar a mais; era chegado o momento de acompanhar a el-rei, e elle partiu deixando o filho recommendado a quantos amigos tinha. Decorreram annos, e quando menos esperava soube elle que se achava no Rio de Janeiro em companhia do Leonardo a tal Mariazinha, que então já era a Maria que os leitores bem conhecem. Procurou fazer o que pudesse por ella para satisfazer todos os seus escrupulos de pae honrado, porém quiz fazel-o occultamente. Foi ter com a comadre, a quem já conhecia, e a encarregou de o avisar apenas sentisse que a Maria soffria qualquer necessidade.

Nunca, porém, teve occasião de exercer a sua boa vontade directamente para com ella. Apenas tinha feito ao Leonardo um pequeno favor em occasião em que este se achava embaraçado por causa de uma irregularidade em uns autos que se lhe attribuia, e que a comadre o aconselhou a procural-o mesmo sem o conhecer, a titulo de que era muito bom homem e amigo de servir a todos.

Els aqui porque o Leonardo se dirigiu no seu segundo apuro ao velho tenente-coronel por intermedio da comadre, e porque este prometteu empenhar-se por elle, o que com effeito tratou de cumprir.

Como dissemos, apenas a comadre sahio, sahio elle tambem, e foi tratar de pôr o Leonardo na rua. Dirigiu-se primeiro á cadeia para colher do proprio Leonardo todas as informações, e então pôde ver que as que lhe tinha dado a comadre eram exactissimas, e que ella não deixára escapar a menor circumstancia. O Leonardo repetiu e confessou tudo o que elle já sabia, corrido de embaraço e de vergonha; e ao despedir-se o velho:

— Sr. tenente-coronel, disse-lhe elle. V. S. já me livrou de uma que não era culpa minha; livre-me desta tambem... olhe que está compromettida a minha honra...

O Leonardo esquecia-se da theoria da Maria.

— A honra não, respondeu o velho, o que está compromettido é o seu juizo: hão de dizer (e eu sou o primeiro) que você está doido.

— Fugi de uma saloia e fui cahir n'uma cigana... tem razão!...

O velho sahio sorrindo-se. Dahi dirigiu-se a casa de um seu amigo, fidalgo de vallmento, para delle obter a soltura do Leonardo. Morava elle em uma das ruas mais estreitas da cidade, em um sobrado de sacada de rotulas de páu com pequenos postigos que se abriam ás furtadellas, sem que ninguem de fóra pudesse ver quem a elles chegava.

A poeira amontoada nos cordões da rotula e as paredes encardidas pelo tempo davam á casa um aspecto triste no exterior; quanto ao interior, andava pelo mesmo consequente. A sala era pequena e baixa: a mobília que a guarnecia era toda de jacarandá e feita no gosto antigo; todas as peças eram enormes e pesadas; as cadeiras e o canapé, de pés arcados e espaldares altissimos, tinham os assentos de couro, que era a moda da transição entre o estofa e a palhinha. Quem quizer ter idéa exacta destes movels

procure no consistorio de alguma irmandade antiga, onde temos visto alguns delles.

As paredes eram ornadas por uma duzia de quadros, ou antes de caixas de vidro que deixavam ver em seu interior paisagens e flôres feitas de conchinhas de todas as côres, que não eram totalmente feias, porém que não tinham de certo o subido valor que se lhes dava naquelle tempo. A' direita da sala havia sobre uma mesa um enorme oratorio no mesmo gosto da mobilia.

Havia finalmente em um canto uma palma benta, destas que se distribuem no domingo de Ramos; e, se o leitor agora supuzer tudo isto coberto por uma densa camada de poeira, terá idéa perfeita do lugar em que foi recebido o velho tenenté-coronel, que era pouco mais ou menos semelhante em todas as casas ricas de então, e por isso nos demorámos em descrevel-o.

Sem se fazer esperar muito, appareceu o dono da casa: era um homem já velho e de cara um pouco ingrata; vinha de tamanca, sem meias, em mangas de camisa, com um capote de lã de xadrez sobre os hombros, caixa de rapé e lenço encarnado na mão.

Em poucas palavras o velho expoz-lhe o caso e lhe pediu que fosse fallar a el-rei a favor de Leonardo.

A principio oppoz elle algumas duvidas, dizendo:

— Homem, pois eu hei de ir a palacio por causa de um meirinho? El-rei ha de rir-se do meu afilhado.

Afinal, porém, teve de ceder a instancias da amizade, e prometteu tudo. O velho sahiu satisfeito e foi levar a nova ao Leonardo, que pulou de contente. Poucos dias depois chegou a ordem de soltura, e elle foi posto na rua. Acreditára que tinha acabado de passar pelo peor dos supplicios, porém, insupportaveis torturas começaram para elle no dia em que sahiu da cadeia: a mofa, o escarneo, o riso dos companheiros seguiram-n'o por muitos dias, incessantes e martyrisadores.

## XI

### PROGRESSO E ATRAZO

Dadas as explicações do capitulo precedente, voltemos ao nosso memorando, de quem por um pouco nos esquecemos. Apressemos-nos a dar ao leitor uma boa noticia: o menino desempacará do F. e já se achava no P., onde por uma infelicidade empacou de novo. O padrinho anda contentissimo com este progresso, e vê cla-

rear-se o horizonte de suas esperanças; declara positivamente que nunca viu menino de melhor memoria do que o afillhado, e cada lição que este dá sabida de quatro em quatro dias pelo menos é para elle um triumpho. Ha porém uma cousa que o entristece no meio de tudo; o menino tem para a reza, e em geral para tudo quando diz respeito a religião, uma aversão decidida; não é capaz de fazer o pelo-signal da esquerda para a direita, falo sempre da direita para a esquerda, e não foi possível ao padrinho, apesar de toda a paciencia e boa vontade, fazel-o repetir de côr sem errar ao menos a metade do padre-nosso; em vez de dizer "venha a nós o vosso reino" diz sempre "venha a nós o pão nosso". Ir á missa ou ao sermão é para elle o maior de todos os supplicios. Isto faz que o padrinho desespera ás vezes, e até chegue a concordar com a comadre em que o menino não tem geito para clerigo; porém são nuvens passageiras; sempre ha isto ou aquillo que faz renascer todas as esperanças, e o homem caminha animado na sua obra.

O que elle, porém, esperava não esperavam todos, e ninguém via no menino senão um futuro peralta da primeira grandeza; quem mais contava com isso era a vizinha do barbeiro, aquella a quem elle chamava o agouro do pequeno. Era a tal vizinha uma dessas mulheres que se chamam de faca e calháo, valentona, presumçosa, e que se gabava de não ter papas na lingua: era viúva, e importunava a todo o mundo com as virtudes do seu defuncto. Serrazina e amiga de contrariar, não perdia occasião de desmentir o vizinho em suas esperanças a respeito do afillhado, declarando que não lhe via geito para cousa nenhuma, que não queria para cousa que lhe pertencesse o fim que elle havia de ter, e que quando elle crescesse o melhor remedio era dar-lhe com os ossos a bordo de um navio ou por-lhe o çovado e meio ás costas. O barbeiro desesperava com isso; por muito tempo conseguiu conter-se, porém um dia não pôde mais, e disparatou com a sujelta. Chegando por acaso á porta da loja, a vizinha, que estava á janella, disse-lhe em tom de zombaria :

— Então, vizinho, como vae o seu reverendo ?

Um velho que morava defronte, e que tambem se achava á janella, desatou a rir com a pergunta.

O compadre foi ás nuvens, avermelhou-se-lhe a calva, franziu a testa, porém, fez que não tinha ouvido. A vizinha poz-se tambem a rir, percebendo o cavaco, e accrescentou:

— Padre amigo do fado tem... que ver...

Quando vae elle out... A casa dos Ciganos?...

O velho defronte redobrou a risada. A vizinha continuou:

— Então elle já encarrilha o padre-nosso?

O compadre exasperou-se completamente; e, estudando uma injúria bem grande para responder, disse afinal:

— Já... já... senhora intrometida com a vida alheia... já sabe o padre-nosso, e eu faço rezar todas as noites um pelo seu defunto marido que está a esta hora dando couces no inferno!...

— Heim?... o que você diz, senhor raspa-barbas? você mette terceiros na conversa? disse a vizinha encrespando-se; olhe que esse de quem você falla nunca foi sangrador, nem viveu de aparas de cabellos... Não se metta commigo que hei de lhe dizer das ultimas e pôr-lhe os podres na rua... Couces no inferno!!! Ora dá-se? um santo homem. Couces no inferno... Pois agora saiba, porque eu cá não tenho papas na lingua, que o tal seu afilhado das duzias é um pedaço de um malcriação muito grande, que ha de deshonnar as barbas de quem o criou... E não tem que ver, porque elle é de má raça... já ouviu? Não se metta commigo...

— E você, respondeu o compadre, enquanto a vizinha tomava folego, porque se mette com o que não é da sua repartição?

Ella proseguiu:

— Hei de me metter; não é da sua conta, nem venha cá dar regras, que eu não preciso de você...

— Mas o que tem você que entender com uma criança innocente que nunca lhe fez mal?

— Tenho muito, porque não me deixa parar os telhados com pedras, faz-me caretas quando me vê na janella, e trata-me como se eu fosse alguma saloia ou mulher de barbeiro... Digo-lhe e repito-lhe... aquillo tem máus bofes, e não ha de ter bom fim...

— Está bom, senhora, respondeu o compadre, que tinha bom genio, que só fôra levado áquelle excessô pelo amor do afilhado; basta de resingas, olhe a vizinhança.

— Ora, tomára a vizinhança ver-se livre do tal diabo...

O menino chegou nessa occasião á porta, e, pondo-se na ponta dos pés, esticando o pescoço, e abanando-o como a vizinha e imitando-lhe a voz, repetiu:

— Ver-se livre do tal diabo...

O compadre achou tanta graça, que deuse por vingado, e desatou a rir por seu turno.

— Ah! disse a vizinha, agradece a boa vontade, meu diabo em figura de menino; tu não tens a culpa: a culpa tem quem te dá ousadias.

— A culpa tem quem te dá ousadias... repetiu e menino arremedando.

O compadre ria-se a perder.

A vizinha desesperada bateu com o postigo e recolheu-se, porém por muito tempo fallou em voz alta, de maneira que toda a vizinhança ouvia, dizendo quanto improperio lhe veiu á cabeça, contra o barbeiro e o menino.

— O pequeno encheu-me as medidas, disse este comsigo, vingou-me desta; agora falta-me aquelle velho de defronte que tambem a acompanhou na risota; mas não faltará occasião.

Esqueceu-nos dizer que o barbeiro, apesar de ter sabido, pouco se importára com a prisão do Leonardo, e, referindo-se á causa da infelicidade deste, dissera apenas :

— E' bem feito, para elle não se deixar arrastar para toda a parte agarrado em que rabo de saia lhe apparece.

Nem foi á casa visitá-lo, nem levar-lhe o filho para tomar a bênção, o que a comadre nunca reprovou quando soube.

O velho tenente-coronel, depois de ter posto na rua o Leonardo, informado miudamente, como sabe o leitor, pela comadre, do destino da Maria, decidiu tomar o menino sob sua protecção, e acreditou que, se conseguisse felicitá-lo, lavaria seu filho do peccado de ter deshonrado a Maria. Por intermédio da comadre, mandou offerecer ao compadre seu prestimo em favor do pequeno, mandou-lhe propôr até que o deixasse ir para a sua companhia. O compadre, porém, não esteve por isso de modo nenhum, e até, se prometteu aceitar para qualquer outra cousa a protecção do tenente-coronel, foi a instancias da comadre.

— Não quero, dizia elle, que me roubem o gosto de tel-o feito gente; comecel a minha obra, hei de acabá-la.

— Homem, retorquira-lhe a comadre, você faz mal; olhe que o velho é homem de representação; veja como elle com duas voltas e meia poz o Leonardo na rua.

— Nada, não hei de dar o gostinho aqui a esta sneca da vizinhança; hei de eu mesmo fazer a cousa por minhas mãos. Lá se o tenente-coronel quizer fazer alguma cousa por elle, accetto; mas, quanto a tirá-lo da minha companhia, isso nunca. Agora já é birra; hei de levar a minha avante.

## XII

## ENTRADA PARA A ESCOLA

E' mister agora passar em silencio sobre alguns annos da vida do nosso memorando para não cansar o leitor repetindo a historia de mil travessuras de menino do genero das que já se conhecem; foram diabruras de todo o tamanho que exasperaram a vizinha, desgostaram a comadre, mas que não alteraram em cousa alguma a amizade do barbeiro pelo afilhado; cada vez esta augmentava, se era possível, tornava-se mais cega. Com elle cresciam as esperanças do bello futuro com que o compadre sonhava para o pequeno, e tanto mais que durante este tempo fizera este *alguns* progressos: lia soletrado soffrivelmente, e por inaudito triumpho da paciencia do compadre aprendera a ajudar missa. A primeira vez que elle conseguiu praticar com decencia e exactidão semelhante acto, o padrinho exultou; foi um dia de orgulho e de prazer; era o primeiro passo no caminho para que elle o destinava.

— E dizem que não tem jeito para padre, pensou consigo; ora acertei o alvo, dei-lhe com a bala. Elle nasceu mesmo para aquillo, ha de ser um clérigo de vez. Vou tratar de mettel-o na escola, e depois... toca.

Com effeito foi cuidar nisso e fallar ao mestre para receber o pequeno: morava este em uma casa da rua da Galla, pequena e escura.

Foi o barbeiro recebido na sala, que era mobiliada por quatro ou cinco longos bancos de pinho sujos já pelo uso, uma mesa pequena que pertencia ao mestre, e outra maior onde escreviam os discipulos, toda cheia de pequenos buracos para os tinteiros; nas paredes e no tecto havia penduradas uma porção enorme de galolas de todos os tamanhos e feitios, dentro das quaes pulavam e cantavam passarinhos de diversas qualidades: era a paixão predilecta do pedagogo.

Era este um homem todo em proporções infinitesimae, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de oculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discipulos por *dá cá aquella palha*. Por isso era um dos mais acreditados da cidade. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco escabriado á vista do aspecto da escola, que nunca tinha imaginado. Era em um sabbado; os bancos estavam cheios de meninos, vestidos quasi todos de jaquetas ou *robções* de lila, calças de brim escuro e uma enorme pasta de couro

ou papelão pendurada por um cordel a tiracollo: chegaram os dous exactamente na hora da taboada cantada. Era uma especie de ladainha de numeros que se ueava então nos collegios, cantada todos os sabbados em uma especie de *cantochão* monotono e in-supportavel, mas de que os meninos gostavam muito.

As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos, faziam uma algazarra de ~~de~~ os ouvidos; o mestre, acostumado áquillo, escutava impassivel, com uma enorme palmatoria na mão, e o menor erro que algum dos discipulos commettia não lhe escapava no meio de todo o barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava cantando o erro commettido, e cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos. Era o regente da orchestra ensinando a marcar compasso. O compadre expoz no meio do ruido o objecto de sua visita, e apresentou o pequeno ao mestre.

— Tem muito boa memoria; soletta já alguma cousa, não lhe ha de dar muito trabalho, disse com orgulho.

— E se m'o quizer dár, tenho aqui o remedio; *Santa ferula* — disse o mestre brandindo a palmatoria.

O compadre sorriu-se, querendo dar a entender que tinha percebido o latim.

— E' verdade: faz santos até as feras, disse traduzindo.

O mestre sorriu-se da traducção.

— Mas ~~espero~~ que não ha de ser necessaria, accrescentou o compadre.

O menino percebeu o que tudo isto queria dizer, e mostrou não gostar muito.

— Segunda-feira cá vem, e peço-lhe que não o poupe, disse por fim o compadre despedindo-se. Procurou pelo menino e já o viu na porta da rua prestes a sahir, pois que ali não se julgava muito bem.

— Então, menino, sahe sem tomar a benção ao mestre?...

O menino voltou constrangido, tomou de longe a benção, e sahiram então.

Na segunda-feira voltou o menino armado com a sua competente pasta a tiracollo, a sua lousa de escrever e o seu tinteiro de chifre; o padrinho o acompanhou até a porta. Logo nesse dia portou-se de tal maneira que o mestre não se poude dispensar de lhe dar quatro bolos, o que lhe fez perder todà a folia com que entrára: declarou desde esse instante guerra viva á escola. Ao meio-dia veiu o padrinho buscal-o, e a primeira noticia que elle lhe deu foi que não voltaria no dia seguinte, nem mesmo aquella tarde.

— Mas você não sabe que é preciso aprender?...

— Mas não preciso apanhar...

— Pois você já apanhou?

— Não foi nada, não, senhor; foi porque entornei o tinteiro na calça de um menino que estava ao pé de mim; o mestre ralhou commigo, e eu comecei a rir muito...

— Pois você vai-se rir quando o mestre rir...?

Isto contrariou o mais que era possível ao barbeiro. Que diabo não diria a maldita vizinha quando soubeesse que o menino tinha apanhado logo no primeiro dia de escola?... Mas não havia reclamações, o que o mestre fazia era bem feito.

Custou-lhe bem a reduzir o menino a voltar nessa tarde á escola, o que só conseguiu com a promessa de que fallaria ao mestre para que elle lhe não dêsse mais. Isto porém não era cousa que se fizesse, e não foi senão um engodo para arrastar o pequeno. Entrou este desesperado para a escola, e por principio nenhum queria estar quieto e calado no seu banco; o mestre chamou-o e pol-o de joelhos a poucos passos de si; passado pouco tempo voltou-se distrahidamente, e surprende-o no momento em que elle erguia a mão para atirar-lhe uma bola de papel. Chamou-o de novo, e deu-lhe uma duzia de bolos.

— Já no primeiro dia, disse, você promette muito...

O menino, resmungando, dirigiu-lhe quanta injuria sabia de cór.

Quando o padrinho voltou de novo a buscá-lo, achou-o de tenção firme e decidida de não se deixar engodar por outra vez, e de nunca mais voltar, ainda que o rachassem. O pobre homem azouou com o caso.

— Ora logo no primeiro dia!... disse consigo; isto é praga daquelle maldita mulher... mas hei de teimar, e vamos ver quem vence.

## XIII

### MUDANÇA DE VIDA

A' custa de muitos trabalhos, de muitas fadigas, e sobretudo de muita paciencia, conseguiu o compadre que o menino frequentasse a escola durante dois annos e que aprendesse a ler muito mal e escrever ainda peor. Em todo este tempo não se passou um só dia em que elle não levasse uma remessa maior ou menor de bolos; e, apezar da fama que gozava o seu pedagogo de muito cruel e injusto, é preciso confessar que poucas vezes o fôra para com

elle: o menino tinha a bossa de desenvoltura, e isto, junto com as vontades que lhe fazia o padrinho, dava em resultado a mais refinada má-criação que se póde imaginar. Achava elle um prazer suavissimo em desobedecer a tudo quanto se lhe ordenava; se se queria que estivesse serio, desatava a rir como um perdido, com o maior gosto do mundo; se se queria que estivesse quieto, parece que uma mola occulta o impellia e fazia com que desse uma idéa pouco mais ou menos approximada do moto continuo.

Nunca uma pasta, um inteiro, uma lousa lhe durou mais de 15 dias: era tido na escola pelo mais refinado velhaco: vendia aos collegas tudo que podia ter algum valor, fosse seu ou alheio, comtanto que lhe cahisse nas mãos: um lapis, uma penna, um registro, tudo lhe fazia conta, o dinheiro que apurava empregava sempre do peor modo que podia. Logo no fim dos primeiros cinco dias de escola declarou ao padrinho que já sabia as ruas e não precisava mais de que elle o acompanhasse; no primeiro dia em que o padrinho annuiu a que elle fosse sózinho fez uma tremenda gazeta; tomou depois gosto a esse habito, e em pouco tempo adquiriu entre os companheiros o appellido de *gazeta-mór* da escola, o que tambem queria dizer *apanha bolos mór*. Um dos principaes pontos em que elle passava alegremente as manhãs e tardes em que fugia á escola era a igreja da Sé. O leitor comprehende bem que isto não era de modo algum inclinação religiosa; na Sé á missa, e mesmo fóra disso, reunia-se gente, sobretudo mulheres de mantilha, de quem tomára particular zanguinha por causa da semelhança com a madrinha, e é isso o que elle queria, porque, internando-se na multidão dos que entravam e saham, passava desapercibido, e tinha segurança de que o não achariam com facilidade se o procurassem.

Pelo habito de frequentar a igreja tomara conhecimento e travára estreita amizade com um pequeno sacristão que, digamos de passagem, era tão boa peça como elle; apenas se encontravam limitavam-se a trocar olhares significativos emquanto o amigo andava occupado no serviço da igreja; assim, porém, que se acabavam as missas, e que saham as verdadeiras beatas, reuniam-se os dous, e começavam a contar suas diabruras mais recentes, travando o plano de mil outras novas. Por complacencia, ou antes por prova de decidida amizade, o companheiro confiava ao nosso gazeador um canço, e faziam juntos o serviço e as maroteiras: a mais pequena que faziam era irem de altar em altar escorropichando todas as galhetas, o que lhes incendia mais o desejo de traquinar.

Esta vida durou por muito tempo; porém afinal já eram as gazetas tão repetidas, que o padrinho se viu forçado a acompanhá-lo outra vez todos os dias para a escola, o que desfez todos os planos, que os dois tinham concertado. O nosso futuro clérigo tinha muitas vezes pensado em como não lhe seria agradável ver-se revestido como o seu companheiro de uma batina e uma sobrepele e feito também sacristão, ter a toda hora á sua disposição quantos caniços quizesse, ter por sua e de seu amigo toda a igreja, poder nos dias de festa, tomando o thurybulo, afogar em ondas de fumaça a cara da velha que mais perto lhe ficasse na occasião da missa. Oh! isto era um sonho de venturas! Vendo-se privado, depois que o padrinho o acompanhava, de gozar parte desses prazeres, como fazia nos dias de fugida, atearam-se-lhe os desejos. Começou a confessal-os ao padrinho, dando a entender que nada havia de que agora gostasse tanto como fosse a igreja, para a qual, dizia elle, parecia ter nascido. Isto foi para o padrinho um alêgrão, porque neste gosto recente do pequeno via furo aos seus projectos.

— Eu bem dizia... pensava comsigo; não tem duvida, vou adiante; o rapaz está-me enchendo as medidas.

Afinal o menino tomou um dia uma resolução ultima e propoz ao padrinho que o fizesse sacristão.

— Isso seria muito bom. disse elle, afim de acostumar-me para quando fôr padre.

A principio a idéa deslumbrou ao padrinho, porém mais tarde acudiu-lhe a reflexão, e assentou que seria rebaixar o menino e comprometter a sua dignidade futura. Afinal, porém, tantas foram as rogativas e argumentos do pequeno, que se viu obrigado a ceder. O menino tinha nisso duas enormes vantagens, satisfazia seus desejos e sahia da escola, poupando assim as remessas diarias de bolos.

— Está bem, dissera comsigo o padrinho, elle já sabe ler alguma cousa e escrever: deixo-o. para fazer a vontade, algum tempo na Sé, para que também tome mais amor áquella vida, e depois, apenas o vir com o juizo mais assente, hei de ir adiante com a cousa. Foi em consequencia procurar aquelle sacristão da Sé que dansara o minnete na festa do baptisado, que era nada menos do que o pae do sacristãozinho com que o nosso pequeno travára amizade, para arranjar o afilhado, que não queria outra igreja que não fosse a Sé. Felizmente pôde elle ser admittido; com a pratica que tivera dos dias de gazeta aprendêra pouco mais ou menos todo

o cerimonial que é mister a um sacristão: ajudar a missa já elle sabia; nas outras cousas aperfeiçãoou-se em pouco tempo.

Em poucos dias apromptou-se e em uma bella manhã sahiu de casa vestido com a competente batina e sobrepelliz e foi tomar posse do emprego. Ao vê-lo passar, a vizinha dos máus agouros soltou uma exclamação de surpresa a principio, suppondo alguma asneira do compadre; porém, reparando, comprehendeu o que era, e desatou uma gargalhada.

— E que tal?!... Deus vos guarde, Sr. cura, disse fazendo um cumprimento.

O menino lançou-lhe um olhar de revêz, e respondeu entre dentes:

— Eu sou cura, e hei de te curar...

Era aquillo uma promessa de vingança.

— Ora dá-se? continuou a vizinha comsigo mesma: aquillo na igreja é um peccado!!

Chegou o menino á Sé impando de contente. parecia-lhe a batina um manto real. Por fortuna houve logo nesse dia dous baptisados e um casamento, e elle teve assim occasião de entrar no pleno exercicio de suas funcções, em que começou revestindo-se da maior gravidade deste mundo. No outro dia porém o negocio começou a mudar de figura, e as brejeiradas começaram.

A primeira foi em uma missa cantada. Coube ao pequeno o ficar com uma tocha, e ao companheiro o thurybulo ao pé do altar.

Por infelicidade a vizinha do compadre, a quem o menino promettera *curar*, sem pensar no que fazia, collocou se perto do altar junto aos dous. Assim que a avistou, o novo sacristão disse algumas palavras a seu companheiro, dando-lhe de olho para a mulher. Dahi a pouco collocáram-se os dous disfarçadamente em distancia conveniente. e de maneira tal, que ella ficasse pouco mais ou menos com um delles atraz e outro adeante. Começáram então os dous uma obra meritoria: enquanto um, tendo enchido o thurybulo de incenso, e balançando-o convenientemente, fazia com que os rolos de fumaça que se desprendiam fosse bater de chelo na cara da pobre mulher, o outro com a tocha despejava-lhe sobre as costas da mantilha a cada passo plastadas de cera derretida, olhando disfarçado para o altar. A pobre mulher asperou-se, e disse-lhes não sabemos o que.

— Estamos te curando, respondeu o menino tranquillamente.

Vendo que não tirava partido, quiz a devota mudar de lugar, e sahír porém o aperto era tão grande que o não poudé fazer, e teve de aturar o supplicio até o fim. Acabada a festa, dirigiu-se ao mestre de cerimonia's, e fez uma enorme queixa, que custou aos dous uma tremenda sarabanda. Pouco porém se importaram com isso, uma vez que tinham realizado o seu plano.

## XIV

### NOVA VINGANÇA E SEU RESULTADO

A sarabanda que o mestre de cerimonia's passára aos dous pequenós em razão do que haviam feito á pobre mulher não produziu, como dissemos, nenhum effeito sobre elles no sentido de os emendar; não perdoaram, porém, a humilhação que soffreram diante de sua victima, e a vingança de que ella tinha gozado; na primeira occasião que tiveram tiráram desforra, pregando tambem uma peça ao mestre de cerimonia's.

Foi o caso assim.

O mestre de cerimonia's era um padre de meia idade, de figura menos má, filho da Ilha Terceira, porém que se dava por puro Alfacinha: tinha-se formado em Coimbra; por fóra era um completo S. Francisco de austeridade catholica, por dentro refinado Sardanapalo, que podia por si só fornecer a Bocage assumpto para um poemã intelto; era pregador que buscava sempre por assumpto a honestidade e a pureza corporal em todo o sentido; porém interiormente era sensual como um sactario de Mafoma. O publico ignorava talvez semelhante cousa, porém outro tanto não acontecia aos dous meninos, que andavam ao facto de tudo: o mestre de cerimonia's, fiado em que pela sua pouca idade dariam elles pouca attenção a certas cousas, tinha-os algumas vezes empregado no seu serviço, mandando recados a uma certa pessoa que, saíba o leitor em segredo, era nada menos do que a cigana, objecto dos últimos cuidados de Leonardo com quem S. Revma. vivia ha certo tempo em estreitas relações, salvando, é verdade, todas as apparencias da decencia.

Chegou o dia de uma das primeiras festas da igreja, em que o mestre de cerimonia's era sempre o pregador: era no sermão desse dia que o homem se empregava, muito tempo antes, pondo abaixo a *livraria*, e fazendo um enorme esforço de intelligencia, que não era nelle cousa muito vigorosa. Já se vê pois que elle de-

via amar o seu sermão, tanto que quasi rebentou de raiva em um anno em que pôr doente o não pôde prégar. Entendia que todos o ouviam com summo prazer, que o povo se abalava á sua voz; emfim aquelle sermão annual era o meio por que elle esperava chegar a todos os fins, a que contava dever toda a sua elevação futura; era o seu talisman. Digamos entretanto que era bem máo caminho o tal sermão, porque se podia elle demonstrar alguma cousa era a insufficiencia do padre para mestre de cerimonia, em que ninguem o desbancava. Pois foi nesse ponto delicado que os dous meninos buscáram feril-o, e o acaso os favoreceu excedendo de muito os seus desejos e esperanças, e fazendo a sua vingança completissima.

Chegou, como dissemos, o dia da festa; havia tres ou quatro dias antes que o mestre de cerimonia não sahia de casa, empregando em decorar a importante peça. Foi o nosso sacristão calouro encarregado de lhe ir avisar da hora do sermão. Chegou á casa da cigana, onde o padre costumava a estar; bateu, e apesar de todas as recommendações que costumava ter, disse em voz alta:

— O Rev. mestre de cerimonia está ahí?..

— Falle baixo, menino, disse a cigana de dentro da rotula...  
O que quer você com o Sr. padre?

— Precisava muito fallar com elle por causa do sermão de amanhã.

— Entra, entra, disse o padre que o ouvira...

— Venho dizer a V. Revma., disse o menino entrando, que amanhã ás dez horas ha de estar na igreja.

— A's dez? Uma hora mais tarde do que de costume.

— Justo, respondeu o menino, sorrindo-se internamente de alegria; e sahio.

Foi logo d'ali dar parte ao companheiro de que o seu plano tinha sahido completamente aos seus desejos, pois o que elle queria era que o padre faltasse ao sermão, e por isso, encarregado de lhe indicar a hora, a trocára, e em vez de nove dissera dez.

Dispuzeram-se as cousas; postou-se a musica de barbeiros na porta da igreja; andou tudo em reboliço: ás 9 horas começou a festa.

As festas daquelle tempo eram feitas com tanta riqueza e com muito mais propriedade, a certos respeito, do que as de hoje: tinham entretanto alguns lados comicos; um delles era a musica de barbeiros á porta. Não havia festa em que se passasse sem isso; era cousa reputada quasi tão essencial como o sermão; o que valia, porém é que nada havia mais facil de arranjar-se; meia duzia de

aprendizes ou officiaes de barbeiro, ordinariamente negros, armados, este com um piston desafinado, aquelle com uma trompa diabolicamente rouca, formavam uma orchestra desconcertada. porem estrondosa, que fazia as delicias dos que não cabiam ou não queriam estar dentro da igreja.

A festa seguiu os seus tramites regulares; porém, apenas se foi approximando a hora, começou a dar cuidados a tardança do pregador. Fez-se mais esta cerimonia, mais aquella, e nada de apparecer o homem. Despachou-se a toda pressa um dos meninos que não entrara na festa para ir procurar o padre; elle deu duas voltas pela vizinhança. e veiu dizendo que o não tinha encontrado. Subiram os apuros; não havia remedio; era preciso um sermão, fosse como fosse.

Estava assistindo á festa um capuchinho italiano que por bondade, vendo o aperto geral, offereceu-se para improvisar o sermão.

— Mas V. Revma. não falla a lingua da gente. objectaram-lhe.

— *Capisco!* respondeu este, *é ta necessitá!*...

Depois de alguma perplexidade, aceitaram-se finalmente os bons officios do capuchinho e lá foi elle levado ao pulpito. Os meninos triumphantes sorriam-se um para o outro. Apenas appareceu o pregador ao povo houve um murmurio geral, os gaiatos sorriram-se contando já com o partiço que d'ali tirariam para um bom par de risadas; algumas velhas prepararam-se para uma grande compunção ao aspecto das immensas barbas do prégador; outras, menos crentes, vendo que não era orador costumado, exclamaram despeitadas:

— Árrengo!

— Deus me perdõe.

— Pois aquillo é que préga hoje?...

Apezar porém de tudo isto, a attenção foi profunda e geral, animando a todos uma grande curiosidade. O orador começou: fallava já havia um quarto de hora sem que ninguem ainda o tivesse entendido: começavam já algumas velhas a protestar que o sermão todo em latim não tinha graça, quando de repente viu-se abrir a porta do pulpito e apparecer a figura do mestre de cerimonia lavado em suor e vermelho de colera; foi um sussurro geral. Elle adiantou-se, afastou com a mão o prégador italiano, que, surprehendido, parou um instante, e entôou com voz rouca e estrondosa o seu *per signum crucis*. Aquella voz conhecida o povo despertou do aborrecimento, benzeu-se, e se dispoz a escutal-a. Nem todos porém foram desta opinião; entenderam que devia deixar acabar o capuchinho, e começaram a murmurar. O capuchinho não quiz

ceder o seu direito, e proseguiu na sua arenga. Foi uma verdadeira scena de comedia, de que a maioria dos circumstantes ria-se a não poder mais; os dous meninos, autores principaes da obra, nadavam em um mar de rosas.

— *O' mei cari fratelli!* exclamava por um lado o capuchinho com voz aflautada e meiga, *la voce della Providenza...*

— *Semelhante ás trombetas de Jericó*, rouquejava por outro lado o mestre de ceremonias...

— *Plage al cor...* accrescentava o capuchinho.

— *Annunciando a queda de Satanaz*, proseguia o mestre de ceremonias.

E assim levaram por algum tempo os dous, acompanhados por um côro de risadas e confusão, até que o capuchinho se resolveu a abandonar o posto, murmurando despeitado:

— *Che bestia, per Dio!*

Acabado o sermão, desceu do pulpito o mestre de ceremonias já ainda bastante furioso para vir protestando arrancar uma por uma as quatro orelhas dos dous pequenos, de quem desconfiava que partira o que acabava de soffrer. Chegou á sacristia, que estava cheia de gente; vendo os dous meninos investiu para elles e prendendo a cada um com uma mão pela gola da sobrepeiz:

— Então... então... disse com os dentes cerrados... a que horas é o sermão?

— Eu disse ás nove, sim, senhor; pôde perguntar á moça, que ella bem ouviu...

— Que moça, menino, que moça, disse o padre exasperado, por estar tanta gente a ouvir aquillo.

— Aquella moça cigana, lá onde V. Revma. estava; ella ouviu, ou disse ás nove.

— Oh! disseram os circumstantes.

— E' falso, respondeu com força o mestre de ceremonias, largando os meninos para evitar novas explicações, e dando satisfação aos circumstantes com protestos de ser falso o que os meninos acabavam de dizer.

Entretanto serenou o alvoroço, acabou-se a festa, o povo retirou-se. O mestre de ceremonias sentado a um canto pensava comsigo:

— E que tal? não ia perdendo o meu sermão deste anno por causa daquelle endiabrado?! Depois que o maldito menino entrou para esta igreja anda tudo aqui em uma poeira! Ainda em cima

dizer á vista de tanta gente que eu estava em casa da cigana. Nada... vou dar com elle daqui para fóra...

E com effeito tratou de fazer com que os dous meninos, ou pelo menos o mais novo, fosse despedido. Sem muito custo o conseguiu, porque por certo não gosava elle de grandes sympathias.

Foi esta a peor occasião que se lhe podia pregar: elle estava como em um paraíso, e expelliam-no d'elle; e depois a maldita vizinha como não havia ficar satisfeita vendo-o despiço, e a madrinha que se oppuzera formalmente á sua entrada para a Sé... tudo isto fazia-o desesperar...

Não se tinha elle enganado em suas previsões; apenas chegou a casa, e que se soube pela vizinhança do que se tinha passado, a vizinha, pilhando de geito o compadre:

— Então, disse-lhe, eu não lhe tenho dito que aquillo tem máos bofes?...

— Senhora, pelo amor de Deus, metta-se com a sua vida...

— Estou vingada... pensava que a minha mantilha nova havia de ficar assim...

O compadre retirou-se para evitar nova desordem.

A comadre, apenas soube tambem do successo, veio ter com o compadre para dizer-lhe:

— Eu bem lhe digo; elle não serve para aquillo; é melhor pô-lo na Conceição; lá ha mais sujeição; olhe, eu podia arranjar isso com o tenente-coronel...

O compadre, porém, não pareceu resolvido a aceitar o conselho.

## XV

### ESTRALLADA

Apezar de tudo quanto havia já soffrido por amores, o Leonardo de modo algum queria emendar-se; enquanto se lembrou da cadeia, dos granadeiros e do Vidigal esqueceu-se da cigana, ou antes só pensava nella para jurar esquecê-la; quando porém as cagoadas dos companheiros foram cessando, começou a renovar-se a paixão, e teve lugar uma grande luta entre a sua ternura e a sua dignidade, em que esta ultima quasi triumphava, quando uma descoberta maldita veiu transformar tudo. Não sabemos por que meio o Leonardo descobriu um dia que o rival feliz que o puzera fóra de combate era o reverendo mestre de ceremonias da Sé! Subiu-lhe com isto o sangue á cabeça:

— Pois um padre!... dizia elle; é preciso que eu salve

aquella creatura do inferno, onde ella se está mettendo já em vida...

E começou de novo as tentativas, em promessas, em partidos para com a cigana, que a cousa alguma queria dobrar-se. Um dia, que a pilbou de geito á janella abordou-a, e começou *ex-abrupto* a fallar-lhe deste modo:

— Você está já em vida no inferno!... pois logo um padre?!...

A cigana interrompeu-o:

— Havia muitos meirinhos para escolher, mas nenhum me agradou...

— Mas você está commettendo um peccado mortal... está deitando sua alma a perder...

— Homem, sabe que mais? você para prégador não serve, não tem geito... eu como estou muito bem; não me dei bem com os meirinhos; eu nasci para cousa melhor...

— Pois então tem alguma cousa que dizer de mim?... Hei de me ver vingado... e bem vingado.

— respondeu a cigana rindo-se.

E começou a cantarolar o estribilho de uma modinha.

O Leonardo comprehendeu que fallando-lhe no inferno e em castigos da outra vida nada arranjava, e decidiu dar-lhe o castigo mesmo nesta vida. Retirou-se murmurando:

— Faço uma estrallada, dê no que dêr...

Poucos dias depois aconteceu que a cigana fazia annos; segundo o costume, apenas appareceu este pretexto, armou-se logo uma funcção; não nos daremos ao trabalho de descrevê-la; em um dos capitulos antecédentes já viu o leitor o que isso era; viola, modinhas, fado, algazarra, e estava a festa completa. O Leonardo soube logo do que havia, e jurou que esse seria o dia da vingança.

Ser valentão foi em algum tempo officio no Rio de Janeiro: havia homens que viviam disso: davam pancada por dinheiro, e iam a qualquer parte armar de proposito uma desordem, com tanto que se lhes pagasse, fosse qual fosse o resultado.

Entre os honestos cidadãos que nisto se occupavam, havia, na época desta historia, um certo Chico-Juca, afamadissimo e temível. Seu verdadeiro nome era Francisco, e por isso chamaram-no a principio — Chico —; porém, tendo acontecido que conseguisse elle pelo seu braço lançar por terra do throno da valentia, a um companheiro que era no seu genero a maior reputação do tempo e a quem chamavam — Juca, — juntaram este appellido ao seu, como honra pela victoria, e chamaram-no dali em diante — Chico-Juca.

Este homem era o desespero do Vidigal; tinha-lhe já pregado umas poucas, porém ainda não tinha sido possível agarrá-lo. Os granadeiros concheciam-no ás leguas, porém nunca conseguiram pôr-lhe as mãos.

Tendo levado todo o dia á espreita, o Leonardo viu entrar sorrateiramente o mestre de cerimónias, pela volta de Ave-Maria, quando ainda não tinha começado a funcção.

— Ah! nem esta noite quer perder?! Pois ha de sahir-lhe cara a funçanata...

Sahiu dali e foi direito procurar o Chico-Juca, que era seu antigo conhecido; achou-o em uma taverna defronte do Bcm Jesus. O Chico-Juca era um pardo, alto, corpulento, de olhos avermelhados, longa barba, cabello cortado rente; trajava sempre jaqueta branca, calça muito larga nas pernas, chinellas pretas e um chapelinho branco muito á banda; ordinariamente era affavel, gracejador, cheio de dicerios e chalaças; porém nas occasiões de *sarilho*, como elle chamava, era quasi feroz. Como outros têm o vicio da embriaguez, outros o do jogo, outros o de despeche, elle tinha o vicio da valentia; mesmo quando ninguém lhe pagava, bastava que lhe desse na cabeça, armava brigas, e só depois que dava pancadas a fartar é que ficava satisfeito; com isso muito lucrava: não havia taberneiro que lhe não fiasse, e não o tratasse muito bem.

Estava na porta da taberna sentado sobre um sacco quando appareceu-lhe o Leonardo.

— Olá, mestre pataca! disse elle apenas o viu, pensei que ainda estava de chilindró tomando fortuna por causa do cigano...

— E' mesmo por causa desse diabo que te venho procurar.

— Homem, cabeçada e murro velho sei eu dar, porém fortuna! nunca tive tal habilidade...

— Não se trata de fortuna, disse-lhe o Leonardo baixinho, trata-se de pancada velha...

— Ui! temos dança?... vai-te embora... tu não és capaz de armar um *sarilho*... sempre foste um podre!

— Bem sei, eu não sou capaz... mas tu... tu, que és mestre disto...

— Eu... então por que diabo e ondes queres tu que eu arme esse *sarilho*?...

— Não te has de arrepender, disse o Leonardo batendo significamente com os dedos no bolso do collete.

O Chico-Juca entendeu o verso; carregou o chapéo um pouco mais para o lado, e poz-se a escutá-lo com curiosidade.

O Leonardo disse então o que queria; tratava-se nada menos do que de ir o Chico-Juca nessa mesma noite, fosse como fosse, á função da cigana, e de armar ali por alta noite uma grande desordem: preveniu-o logo que o Vidigal havia de estar por perto, e assim, apenas estivesse armada, era pôr-se ao fresco. A causa de tudo isto o Leonardo não lhe quiz explicar, e também elle não teve grande curiosidade de saber: tratava-se de uma desordem: fosse o motivo, estava sempre prompto. Assim, depois de se regatear um pouco o preço, chegaram os dous a um accordo, e ficou tudo tratado.

Deixando o Chico-Juca, o Leonardo foi procurar o Vidigal, e deu-lhe parte do que naquella noite havia em casa da cigana, e affiançou-lhe que a cousa acabava por força em desordem. Portanto, cumpria que o Sr. major por lá apparecesse para o que desse e viesse.

— Está bem, disse-lhe o Vidigal; você quer tirar sua desforra; é justo. Lá hei de ir, e não precisava a sua advertencia, pois já sabia que havia hoje por lá annos, e tinha tenção de apparecer.

O Leonardo retirou-se contente vendo que seu plano sahia ás mil maravilhas, e dispôz-se a gozar do resultado, pondo-se á espreita de logar conveniente. Começou a brincadeira. Já se tinham cantado meia duzia de modinhas e dansado por algum tempo a *tyranna*, quando o Chico-Juca appareceu, e por intermédio de um conhecido (elle os tinha em toda a parte) foi introduzido na sala, e começou a observar o que se passava. Havia na sala um quarto cuja porta estava fechada: de vez em quando a cigana lá entrava, demorava-se um pouco e sahia; dahi a pouco tornava a entrar levando consigo alguma das camaradas mais do peito, e tornava a sahir; passado pouco tempo entrava ainda levando outra amiga. Alguns faziam reparo nisso, outros porém não tinham desconfiança alguma. Ia a festa continuando, e lá pela meia noite, quando começava a *aferventar*, foi de repente interrompida. Viu-se um dos rapazes que tocavam viola parar subitamente, e interrompendo o estribilho da modinha que cantava, gritar enfurecido:

— Isto passa de mais... varro... menos essa, Sr. Chico-Juca; nada de graças pesadas com essa moça, que é cá cousa minha...

O Chico-Juca, estava com effeito ha mais de meia hora a dirigir graçolas das suas a uma moça que elle bem sabia que era *cousa* do rapaz que estava tocando: tanto fez, que este, tendo percebido, proferiu aquellas palavras que acabamos de ouvir.

— Você respinga?!... respondeu-lhe o Chico-Juca dirigindo-se para elle.

O rapaz, que não era péco, poz-se em pé e replicou:

— Tenho dito, nada de graças com ella...

Mal tinha pronunciado estas palavras quando o Chico-Juca, arrancando-lhe a viola da mão, bateu-lhe com ella em cheio sobre a cabeça; o rapaz reagiu, e começou a confusão.

O Chico-Juca foi accommettido por um pouco; porém, ligeiro e destemido, distribuia a cada qual o seu quinhão de cabeçadas e pontapés: algumas mulheres mettêram-se na briga, e davam e levavam como qualquer; outras porém desfaziã-m-se em algazarra. De repente o Chico-Juca embarafustou-se pela porta fóra, e desapareceu.

Era tempo, porque não se tinha passado muito tempo quando assomou na porta, que elle deixára aberta, a figura tranquilla do Vidigal, rodeada por uma porção de granadeiros. O Chico-Juca tinha-lhes escapado, apesar de o terem visto quando sahia, porque o major, sendo nessa occasião poucos os soldados, não quiz mandar segui-lo com medo que lhe faltasse gente, pois via que dentro da casa o negocio estava feio. Entrou, pois, deixando-o passar.

Apenas o viram, pararam todos aterrados.

— Então que briga é esta?... disse elle descansadamente.

Começaram todos a desculpar-se como podiam; e segundo o credito que mereciam pela sua reputação era-lhes distribuida a justiça; se era sujeito já conhecido e que não era aquella primeira em que entrava ficava de lado, e um granadeiro tomava conta d'elle; os outros eram mandados embora. Neste interim a cigana muito perturbada olhava repetidas vezes para a porta do quarto, dando signaes da mais viva inquietação. Não escapou isto ao Vidigal, que no fim de tudo disse a um granadeiro:

— Revista aquelle quarto...

A cigana deu um grito: o granadeiro obedeceu e entrou no quarto: ouviu-se então um pequeno rumor, e o Vidigal disse logo cá de fóra:

— Traz para cá quem estiver lá dentro.

No mesmo instante viu apparecer o granadeiro trazendo pelo braço o Rev. mestre de cerimonias em ceroulas curtas e largas, de meias pretas, sapatos de fivella, e solidéo á cabeça.

Apezar dos apuros em que se achavam, todos desataram a rir: só elle e a cigana choravam de envergonhados.

Esta ultima poz-se aos pés do Vidigal, mas elle foi inflexível; e o Rev. foi conduzido com os outros para a casa da guarda na Sé, sendo-lhe apenas permittido pôr-se em habitos mais decentes.

## XVI

### SUCCESSO DO PLANO

Para socegar-mos os leitores, que estarão sem duvida com cuidado no mestre de cerimoniaes, apressamo-nos a dizer que não chegou elle a ir á cadeia; o Vidigal quiz dar-lhe apenas uma amostra do panno, e depois de o ter exposto na casa da guarda por algumas horas, como já acontecêra ao Leonardo, á vistoria publica, o deixou ir embora envergonhado, abatido, maldizendo a idéa que tivêra de ir assistir de dentro do quarto á festa dos annos da sua amazia. Quanto ao Leonardo, não cabia em si de contente: por pouco que a sua vingança não tinha sido completa: vira o seu rival, como já a elle proprio succedera, preso pelos granadeiros, levado á casa da guarda, soffrendo ahi a vistoria dos curiosos; faltára, é verdade, a sova e os dias de cadeia, porém, tambem elle era um simples merinho, e o mestre de cerimoniaes um sacerdote respeitado, e por isso qualquer cousa bastava para feril-o gravemente.

Além disto o mestre de cerimoniaes, depois de graves meditações, sabendo que ficára mal visto de seus companheiros pelo escandallo que dêra, se bem que fosse certo não estar nenhum delles a tal respeito em circumstancias de lhe atirar a primeira pedra; ouvindo um murmurio surdo que se levantava ameaçando-o com a perda do logar que exercia na Sé, decidiu-se abandonar a cigana, e assim o fez. Com isto o Leonardo deu-se de todo por satisfeito, e renasceram-lhe as esperanças de conquistar o antigo posto, uma vez que o principal inimigo o tinha abandonado. A cigana, desprezada, não queria sem duvida ficar por muito tempo devoluta; e, como elle se achava com requerimento em caixa, e contava serviços atrazados, era provavel que obtiveesse favoravel despacho, porque tambem ella ainda nem sonhava que tudo o que tinha succedido pudesse ter sido obra sua.

Começou pois o sentimental Leonardo a rondar a porta da sua antiga amante: se a via na janella, ora parava na esquina a

dirigir-lhe olhares supplicantes; passando por junto della deixava, ora escapar um maguadissimo suspiro ou uma queixa amargurada.

Todas estas scenas, desempenhadas por aquella figura do Leonardo, alto, corpulento, avermelhado, vestido de casaca, cação e chapéu armado, eram tão comicas que toda a vizinhança se divertiu com ellas por alguns dias. Alguns imprudentes começaram, conversando das janelias, a atirar indirectas á cigana; esta ficou-se com isso, e foi essa a *fortuna* do Leonardo. Um dia que elle passou deu-lhe ella de olho que entrasse.

O Leonardo teve uma sensação inexplicavel; seu rosto coloriu-se em todo os tons, desde o vermelho, que era sua côr habitual até o rôxo ennegrecido; depois baixou gradualmente até a palidez marmorea; caminhando do logar onde estava até a porta da cigana, não sentiu o solo debaixo de seus pés; quando deu accordo de si estava com os olhos rasos d'agua nos braços da antiga amada que lhe pedia mil perdões, que prometia ser dali em diante fiel até á morte, se bem que se não esquecia de declarar no meio de tudo que, se o recebia de novo em casa, era porque queria quebrar a castanha na boca daquellas más linguas da vizinhança que se estavam mettendo com a sua vida. O pobre homem não podia em si; parecia um viajante que volta aos velhos lares, ou um cabo de guerra que acaba de livrar do poder do inimigo uma praça sitiada. Enfim, reataram-se de todo os afrouzados laços.

O Leonardo cahiu em dar parte aos seus companheiros que tinha afinal vencido a intrincada demanda; custou-lhe isto uma tremenda caçoada de todos, e sérias reprehensões de alguns. Mas com cousa alguma se importava naquella occasião: a felicidade o cegava a ponto de não ver aquillo que lhe estava entrando pelos olhos.

A comadre, apenas soube do que havia succedido, foi procurar o Leonardo, e começou em um longo sermão a querer persuadi-lo que tinha dado nm passo errado.

— Pois, compadre, disse-lhe ella, você não se emendou ainda!...

— Qual, historia, eu sou doudo por estas cousas.

— Mas, homem, você não tem se dado bem nem com as soldadas nem com as ciganas; para que antes não procura uma filha cá da terra?...

A comadre tinha uma sobrinha que vivia em sua companhia, e que lhe pesava soffrivelmente sobre as costas; desde ha muito nutria por isso uma idéa de que o leitor mais tarde terá conheci-

mento quando ella se realizar, ou antes disso, se a perceber pelas palavras da comadre.

— Nada, não gosto desta gente...

— Não tem razão; ha por ahí muita repariga capaz; é verdade que o que ellas querem é o *toma lá dá cá debaixo do arco-cruzeiro*...

— E' por isso mesmo que eu não gosto.

Depois de algumas outras tentativas, a comadre retirou-se um pouco contrariada, mas não de todo desanimada; ella contava com a cigana para ajudal-a a realizar o seu plano, e o leitor verá para diante que tinha nisso razão.

Quanto ao nosso ex-sacristão, continuava ainda a estar sem destino, o que sobre maneira incommodava ao compadre, mas que nem por isso o desanimava... Coimbra era a sua idéa fixa, e nada lh'a arrancava da cabeça. Até o proprio velho tenente-coronel já lhe tinha ido pessoalmente fallar por solicitações da comadre, porém nada conseguira. Exasperado com essa obstinação, deixára o negocio de parte, e não se importára mais com cousa alguma.

## XVII

### D. MARIA

Um dia de procissão foi sempre nesta cidade um dia de grande festa, de lufa-lufa, de movimento e de agitação; e se ainda é hoje o que os nossos leitores bem sabem, na época em que viveram as personagens desta historia a cousa subia de ponto; enchiam-se as ruas de povo, especialmente de mulheres, ás janellas magnificas colchas de seda e de damasco de todas as côres, e arrastavam-se coretos em quasi todos os cantos. E' quasi tudo o que ainda hoje se pratica, porém, em muito maior escala e grandeza, porque era feito por fé, como dizem as velhas desse bom tempo, porém, nós diremos, porque era feito por moda: era tanto do tom de fazer as janellas e portas em dia de procissão, ou concorrer de qualquer outro modo para o brilhantismo das festividades religiosas, como ter um vestido de mangas de presunto, ou trazer á cabeça um formidavel trepamolique de dous palmos de altura.

Nesse tempo as procissões eram multiplicadas, e cada qual buscava ser mais rica e ostentar maior luxo: as da quaresma

eram de uma pompa extraordinaria, especialmente quando el-rei se dignava accompanhal-as, obrigando toda a côrte a fazer outro tanto: a que primava, porém, entre todas era a chamada procissão dos ourives. Ninguem ficava em casa no dia em que ella sahia, ou na rua ou nas casas dos conhecidos e amigos que tinham a ventura de morar em lugar por onde ella passasse, achavam todo o meio de vê-la. Alguns havia tão devotos, que não se contentavam vendo-a uma só vez; andavam de casa deste para casa daquelle, desta rua para aquella, até conseguir vê-la desfilar de principio a fim duas, quatro e seis vezes, sem o que não se davam por satisfeitos. A causa principal de tudo isto era, supponmos nós, além talvez de outro, o levar esta procissão uma cousa que não tinha nenhuma das outras: o leitor ha de achar sem duvida extravagante e ridicula; outro tanto nos acontece, mas temos obrigação de referir-a. Queremos fallar de um grande rancho chamado das — Bahianas, — que caminhava adiante da procissão, attrahindo mais ou tanto como os santos, os andores, os emblemas sagrados, os olhares dos devotos; era formado esse rancho por um grande numero de negras vestidas á moda da provincia da Bahia, donde lhe vinha o nome, e que dansavam nos intervallos dos *Deo-gratias* uma dança lá a seu capricho. Para fallarmos a verdade, a cousa era curiosa: e se não a empregassem como primeira parte de uma procissão religiosa, certamente seria mais desculpavel. Todos conhecem o modo porque se vestem as negras na Bahia; é um dos modos de trajar mais bonito que temos visto, não aconselhamos, porém, que ninguem o adopte; um paiz em que todas as mulheres usassem desse traje, especialmente se fosse desses abençoados em que ellas são alvas e formosas, seria uma terra de perdição e de peccados. Procuremos descrevê-lo.

As chamadas Bahianas não usavam de vestidos; traziam somente umas poucas de saias presas á cintura, e que chegavam pouco abaixo do meio da perna, todas ellas ornadas de magnificas rendas; da cintura para cima apenas traziam uma finissima camisa, cuja gola e mangas eram tambem ornadas de renda; ao pescoço punham um cordão de uoro, um collar de coraes, os máis pobres eram de missangas; ornavam a cabeça com uma especie de turbante a que davam o nome de *trumphas*, formado por um grande lenço branco muito teso e engommado; calçavam uma chinellinha de salto alto e tão pequenas, que apenas continham os dedos dos pés, ficando de fóra todo o calcanhar; e além de tudo isto envolviam-se graciosamente em uma capa de panno preto,

deixando de fóra os braços ornados de argolas de metal simulando pulseiras.

Poucos dias depois dos ultimos acontecimentos narrados nos capitulos antecedentes, chegou o dia da procissão dos ourives. Os nossos costumes nesse tempo a respeito de franqueza e hospitalidade não eram lá muito louvaveis; nesse dia, porém, soffriam uma excepção, e, como dissemos, as portas daquelles que moravam nas ruas por onde passava a procissão se abriam a todos os amigos e conhecidos. Em virtude disso aconteceu que se achassem reunidos em casa de uma certa D. Maria o compadre acompanhado do aijlhado, ricamente vestido nesse dia com o seu robição de duraque preto e o seu boné de pello de lontra, a comadre e a vizinha dos máus agouros.

D. Maria era uma mulher velha, muito gorda; devia ter sido muito formosa no seu tempo, porém, dessa formosura só lhe restavam o rosado das faces e a alvura dos dentes; trajava nesse dia o seu vestido branco de cintura muito curta e mangas de presuntos, o seu lenço tambem branco muito engommado ao pescoço; estava penteada de *bugres*, que eram dous grossos cachos cahdidos sobre as fontés; o amarrado do cabello era feito na corça de cabeça, de maneira que simulava um pennacho. D. Maria tinha bom coração, era bemfazeja, devota e amiga dos pobres; porém, em compensação destas virtudes, tinha um dos peores vicios daquelle tempo e daquelles costumes: era a mania das demandas. Como era rica, D. Maria alimentava este vicio largamente; as suas demandas eram o alimento da sua vida: acordada pensava nellas, dormindo sonhava com ellas; raras vezes conversava em outra cousa, e apenas achava uma tangente cahia logo no assumpto predilecto; pelo longo habito que tinha da materia entendia do riscado a palmo, e não havia procurador que a enganasse; sabia todos aquelles termos jurídicos e toda a marcha do processo de modo tal, que ninguem lhe levava nisso a palma. Essa mania chegava nella á impertinencia, e aborrecia desesperadamente a quem a ouvia, fallando nos ultimos provarás, que lhe tinha feito o seu letrado nos autos de sua demanda de terras, nas razões finaes que se tinham apresentado na acção que intentava contra um dos testamenteiros de seu pae, no depoimento das testemunhas no seu processo por causa da venda das suas casas, na citação que mandára fazer a um seu inquilino que lhe havia passado um credito de 20 doblas e que agora negava a divida, e em mil outras cousas deste genero.

Apenas entrára o compadre, de quem era antiga amiga, e a

quem não via ha muito tempo, começou logo D. Maria por dar-lhe parte que aquella antiga demanda com o testamenteiro de seu pae ainda nao estava acabada, e por ahi ia já proseguindo conforme seu costume, quando o compadre lhe apresentou o arfilhado, e começou a contar a sua historia.

Começou elle pela origem do pequeno; remontou á pisadella e ao belliscão com que a Maria e o Leonardo tinham começado o seu namoro na viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro, o que fez dar a D. Maria boas risadas. Passou em seguida á festa do baptisado, que descreveu detalhadamente: até aqui era o drama risonho e feliz; veio depois a tragedia; contou todas aquellas historias da perfidia da Maria, dos ciumes do Leonardo e o da briga final, cujo resultado trouxera o pequeno ás suas mãos.

D. Maria ouviu tudo com maior attenção, e só interrompia o compadre de vez em quando para lançar uma praga á Maria, manifestar compaixão pelo Leonardo, e dar alguma risada pelas travessuras do pequeno. Quando a conversa estava nesta altura, a vizinha dos mãos agouros, que tambem já se achava presente, porém que até alli estivera distrahida, chegou-se para intervir na conversa, já se sabe, contra o pequeno. Referiu então alguma das suas graçolas, accrescentando sempre no fim de cada periodo e dirigindo-se ao compadre:

— O vizinho, por mais bem que lhe queira, não poderá negar isto...

O compadre, que no meio de tudo tinha sempre pintado a historia do menino com côres muito favoraveis, não cessando de gabar a mansidão, boa indole, e dourando sempre as suas diabruras com o titulo de innocencias, ingenuidades ou cousas de criança, começou a dar o cavaco com o desmentido que lhe dava a vizinha, que ao contrario d'elle pintava tudo com côres negras. A comadre interveiu tambem nessa occasião, porém, conservando uma posição duvidosa: ora era da opinião do compadre, ora da opinião da vizinha.

D. Maria, que morria por conversa, e sobretudo por novidades, tomava o maior interesse na historia, e ninguem se lembrava de que vez alguma tivesse ella esquecido por tanto tempo as suas demandas.

O pequeno, sentado em um canto, ouvia tudo em silencio observador. O compadre mal se podia conter, em respeito a D. Maria, com as invectivas da vizinha; esta, julgando-se segura na roda em que estava, desabafa largamente contra o menino. Felizmen-

te terminou dirigindo-se a D. Maria, e dizendo na sua phrase do costume:

— Então, senhora, é o que eu digo ou não? Tem mãos bofes...

— Mãos bofes, atalhóu o compadre já com calva muito vermelha, mãos bofes? ora esta...

O pequeno lançou do seu logar á vizinha um oíhar fulminante, e que quèria pouco mais ou menos dizer:

— Deixa estar que esta não fica sem troco.

D. Maria, vendo que o compadre começava a exasperar-se, fez-se medianeira, e disse dirigindo-se á vizinha:

— Você tem-lhe raiva de mais; realmente a função da cera na mantilha é parar dar o cavaco, porém, bem diz o mestre: qual é a criança que não faz travessuras? Isto tudo ha de passar com a idade.

Dirigindo-se depois ao pequeno:

— Venha cá, Sr. travesso, disse-lhe com bondade, venha defender-se do que aquil estão dizendo a seu respeito.

O menino chegou-se com um ar entre vexado e capadoçal, collocou-se em pé entre a madrinha e a vizinha.

D. Maria fez-lhe então algumas perguntas, a que elle respondeu com promptidão, porém, com máo modo. A vizinha não se julgou muito em segurança com tão bom vizinho a seu lado, e foi querendo levantar-se. O menino, percebendo isto, não quiz perder occasião de fazer o quer que fosse de maligno contra ella; estendeu a ponta do pé, e pizou-lhe com toda a força, na barra da saia preta que ella conservava tendo tirando a mantilha. A vizinha, vendo-lhe o gesto, sem entender bem o que era, percebeu que elle preparava alguma, e quiz levantar-se rapidamente: lá se foram alguns quatro palmos da barra da saia.

— Ah! disse o menino fingindo-se espantado...

— Valha-te Deus, menino! disse a comadre.

A vizinha contemplava a sua saia rota, dizendo para os circumstantes:

— Então é o que eu digo ou não? Tem mãos bofes!...

A comadre sorria-se disfarçadamente, vendo a vingança que o menino tomava do qué a vizinha acabava de dizer.

— Ora, disse afinal D. Maria com ar de quem não estava muito certa no que dizia, elle estava descuidado, não foi por querer...

O menino foi sentar-se, e a conversa proseguiu.

Chegou-se ao ponto do destino que o padrinho queria dar ao afilhado, e, segundo era costume, começou logo grande divergen-

cia entre o compadre e a comadre; esta não fallava senão na Conceição, e aquelle não fallava senão em Coimbra.

D. Maria, solicitada a dar a sua opinião, disse:

— Pois olhem, se fosse comsigo, eu havia de pô-lo em um cartorio, e havia de fazer delle um bom procurador de causas.

— Oh! não, respondeu o compadre; perdôe-me, Sra. D. Maria, perdôe-me se a ofendo com isso, mas eu tenho uma birra dos diabos com as taes demandas...

— Pois olhe, não tem razão, elles dão-me que fazer, mas eu já estou acostumada. Por exemplo, aquella demanda das terras, isto tem sido um nunca acabar; os herdeiros do meu compadre João Bernardo, que ainda não estavam habilitados em juizo, mandaram-me aqui citar...

E por ahí continuava, sem que ninguem soubesse onde pararia, quando felizmente teve de interromper-se porque a procissão approximava-se, e todos correram ás janellas.

Isto deu fim á conversa, começou a destilar a procissão, que realmente fazia bonito effeito, sobretudo vista da casa de D. Maria, que era, e tinhamos esquecido esta circumstancia, na mesma rua dos Ourives: as luzes das tochas reflectidas nos galões das armações das portas e taboletas cheias de ouro e prata em obra, com que os ourives nesse dia costumavam ornar os intervallos de sua casas, tinham um aspecto de muita riqueza e luxo, ainda que de máo gosto. De tudo que levava a procissão, o que mais mereceu as honras do agrado dos devotos foi o rancho das Bahianas, que o leitor já conhece, e o sacrificio de Abrahão, que ia representado ao vivo.

Caminhava adiante um menino com um feixe de lenha aos hombros, representando Isaac: logo atrás delle um latagão vestido com um traje extravagante, com uma enorme espada de páu suspensa sobre a cabeça do menino; era Abrahão; um pouco mais atrás um anjo, suspendendo o furibundo gladio por uma fita de 3 a 4 varas de comprimento.

Terminada a procissão, retiravam-se os convidados.

Ao sahir o compadre com o pequeno, D. Maria chegou-se a elle e disse-lhe significativamente:

— Appareça que temos que conversar a respeito do pequeno...

Já se vê que o menino não era dos mais infelizes, pois que, se tinha inimigos, achava tambem protectores por toda a parte. Para diante os leitores verão o papel que D. Maria representára nesta historia.

## XVIII

## AMORES

Os leitores devem estar fatigados de historias de travessuras de criança: já conhecem sufficientemente o que foi o nosso memorando em sua meninice, as esperanças que deu, e o futuro que prometteu. Agora vamos saltar por cima de alguns annos, e vamos ver realizadas algumas dessas esperanças. Agora começam historias, se não mais importantes, pelo menos um pouco mais sizudas.

Como sempre acontece a quem tem muito onde escolher, o pequeno, a quem o padrinho queria fazer clérigo mandando-o a Coimbra, a quem a madrinha queria fazer artista mettendo-o na Concelção, a quem D. Maria queria fazer rabula arranjando-o em algum cartório, e a quem emfim cada conhecido ou amigo queria dar um destino que julgava mais conveniente ás inclinações que nelle descobria, o pequeno, dizemos, tendo tantas cousas boas, escolheu a peor possível; nem foi para Coimbra, nem para a Concelção, nem para cartório algum; não fez nenhuma destas cousas, nem tambem outra qualquer: constituiu-se um completo vadio, vadio mestre, vadio-typo.

O padrinho desesperava com isso vinte vezes em cada dia por ver frustrado o seu bello sonho, porém não se animava mais a contrariar o afilhado, e deixava-o ir á sua vontade.

A comadre tinha conseguido o seu fim, pelo que diz respeito á sobrinha; tanto fizera, que o Leonardo, pilhando a cigana em nova infidelidade, resolveu-se... e arranjou-se... Dessa época começou elle a viver socegado: o vento da idade começava a apagar-lhe as flammas de ternura.

D. Maria envelhecera soffrivelmente, porém não perdera de modo nenhum a sua mania favorita das demandas: a ultima que tivera foi talvez a mais desculpavel, a mais razoavel de todas. Teve por causa a tutoria de uma sua sobrinha que ficara orphã por morte de um seu irmão. Este irmão tinha um compadre que não gosava de boa reputação; ora, tendo a orphã ficado senhora de alguns mil cruzados que deixára seu pae, ainda que este não tivesse feito testamento, por ser ella filha unica e legitima, o compadre apresentou-se pretendendo ser seu tutor.

D. Maria, percebendo o caso, apresentou-se tambem, e o venceu: foi nomeada tutora, e veiu-lhe a sobrinha para casa: ella

estimou isso, tanto mais que a sua idade já a fazia precisar, ainda não de um apoio, porém de uma companhia.

D'aqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de baptismo: não nos occorre se já dissemos que elle tinha o nome do pae; mas, se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando fallamos do pae e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o appellido de pataca, já muito vulgarisado nesse tempo, quando quizermos tratar daquelle.

Leonardo havia, pois, chegado á época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte mais apressado, em certas occasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber porque, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cocegas nos labios.

Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha: o compadre, como a propria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e, depois que lhe perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento.

Disso resultou que detestava profundamente as visitas e que se sujeitava a ellas obrigado pelo padrinho.

Em uma das ultimas vezes que foram a casa de D. Maria, esta, assim que os viu entrar, dirigiu-se ao compadre e disse-lhe muito contente:

— Ora afinal venci a minha campanha... veiu hontem para o meu poder a menina... O tal velhaco do compadre de meu irmão não levou a sua avante.

— Muitos parabens, muitos parabens! respondeu o compadre.

Leonardo deu pouca attenção a isso; ha muito tempo que ouvia fallar da tal sobrinha; sentou-se a um canto, e começou a bocejar como de costume.

Depois de mais algumas palavras trocadas entre os dous, D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta appareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém, que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a belleza de moça; era alta, magra, pallida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as palpebras sempre baixas, e oitava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabello, cortado, dava-lhe apenas até o

pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe cahia sobre a testa e olhos, como uma viseira. Trajava nesse dia um vestido de chita roxa muito comprido, quasi sem roda, e de cintura muito curta; tinha ao pescoço um lenço encarnado de Alcobaça:

Por mais que o compadre a questionasse, apenas murmurou algumas phrases inintelligíveis, com voz rouca e sumida. Mal a deixaram livre, desapareceu sem olhar para ninguém. Vendo-a ir-se, Leonardo tornou a rir interiormente.

Quando se retiraram, riuse elle pelo caminho á sua vontade. O padrinho indagou a causa da sua hileridade; respondeu-lhe que não se podia lembrar da menina sem rir-se.

— Então lembras-te della muito a miudo, por que muito a miudo te ris.

Leonardo viu que esta observação era verdadeira.

Durante alguns dias umas poucas de vezes fallou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe annunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber porque, pulou de contente, e, ao contrario dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e dar-se por prompto.

Sahiram e encaminharam-se para o seu destino.

## XIX

### DOMINGO DO ESPÍRITO SANTO

Era esse dia domingo do Espirito Santo. Como todos sabem, a festa do Espirito Santo é uma das festas predilectas do povo fluminense. Hoje mesmo, que se vão perdendo certos habitos, uns bons, outros máus, ainda essa festa é motivo de grande agitação; longe, porém, está o que agora se passa daquillo que se passava nos tempos a que temos feito remontar os leitores. A festa não começava no domingo marcado pela folhinha, começava muito antes, nove dias cremos para que tivessem logar as novenas. O primeiro annuncio da festa eram as folias. Aquelle que escreve estas Memorias ainda em sua infancia teve occasião de ver as Folias, porém foi já no seu ultimo gráu de decadencia, e tanto que só as crianças como elle davam-lhe attenção e achavam nellas prazer; os mais, se dellas se occupavam, era unicamente para lamentar a differença que faziam das primitivas. O que dantes se passava,

bem encarado, não estava muito longe de merecer censura, porém era costume, e ninguém vá lá dizer a alguma velha desse tempo que aquillo devia ser por força muito feio, porque leva uma risada na cara, e ouve uma tremenda philippica contra as nossas festas de hoje.

Entretanto digamos sempre o que eram as Folias desse tempo, apesar de os leitores o saberem pouco mais ou menos. Durante os 9 dias que precediam ao Espirito Santo, ou mesmo não sabemos se antes disso, saham pelas ruas da cidade ranchos de meninos, todos de 9 a 11 annos, *caprichosamente* vestidos á *pastorala*; sapatos de côr de rosa, meias brancas, calção da côr do sapato, faixas á cintura, camisa branca de longos e cahidos collarinhos, chapéus de palha de abas largas, ou forrados de seda, tudo isto enfeitado com grinaldas de flôres, e com uma quantidade prodigiosa de laços de fita encarnada. Cada um destes meninos levava um instrumento *pastoral* em que tocavam, pandeiro, machete e tamboril. Caminhavam formando um quadrado, no meio do qual ia o chamado imperador do Divino, acompanhados por uma musica de barbeiros, e precedidos e cercados por uma chusma de *irmãos* de opa, os quaes tiraram esmolos enquanto elles cantavam e tocavam.

O imperador, como dissemos, ia no meio; ordinariamente era um menino mais pequeno que os outros, vestido de casaca de velludo verde, calção de igual fazenda e côr, meias de seda, sapatos afivelados, chapéu de pasta, e um enorme e rutilante emblema do Espirito Santo ao peito; caminhava pausadamente com ar grave.

Confessem os leitores se não era cousa devéras extravagante ver-se um imperador vestido de velludo e seda, percorrendo as ruas cercado por um rancho de pastores, ao toque de pandeiro e machete. Entretanto, apenas se ouvia ao longe a fanhosa musica dos barbeiros, tudo corria á janella para ver passar a Folia: os irmãos aproveitavam-se do ensejo, e iam colhendo esmolos de porta em porta.

Emquanto caminhava o rancho tocava a musica de barbeiros; quando parava, os pastores, acompanhando-se com seus instrumentos, cantavam; as cantigas eram pouco mais ou menos no gônero e estylo desta :

O Divino Espirito Santo  
E' um grande folião.  
Amigo de muita carne,  
Muito vinho e muito pão.

Eis ahí o que era a Folia, eis ahí o que o compadre e o afilhado encontraram no caminho.

A este episodio da Folia seguiam-se outros de que vamos em breve dar conta aos leitores. Por agora, porém, voltemos aos nossos visitantes.

Chegaram elles á casa de D. Maria e acharam ainda todos á janella, porque acabava de passar a Folia. D. Maria recebeu-os com a sua costumada amabilidade. Leonardo ao entrar lançou logo os olhos para a sobrinha de D. Maria; porém, sem saber porque, não teve desta vez mais vontade de rir-se; entretanto a menina continuava a ser feia e exquisita; nesse dia ainda peor do que nos outros. D. Maria tinha tido pretensões de asseal-a; vestira-lhe um vestido branco muito curto, puzera um lenço de seda encarnado ao pescoço, e penteára-a *bugres*. Por isso, agora que, tendo ella tirado a costumada viseira de cabellos, lhe podemos ver o rosto, digamos, em abono da verdade, que, se estava nesse dia mais exquisita quanto ao todo, podia-se-lhe notar que não era tão feia de cara como a principio pareceu.

O caso foi que Leonardo começou a olhar para ella sem mais vontade de rir-se; olhou uma, duas, tres, quatro, muitas vezes, enfim, sem que nunca satisfizesse ao que elle interiormente chamava curiosidade de apreciar aquella figura.

A menina por sua parte continuava no seu inalteravel silencio e concentração, de olhos baixos e queixo no peito. Entretanto, quem tivesse habito de observador fino podia ter visto algum levantar de palpebras rapido, e algum olhar fugaz dirigido para o lado do Leonardo.

D. Maria e o compadre conversaram segundo o seu costume.

Na occasião da sahida, D. Maria, dirigindo-se ao compadre, disse-lhe :

— Olhe, escute; nós hoje vamos ao Campo ver o fogo, bem podíamos ir todos juntos; que diz?

— Sim, podíamos, respondeu o compadre: eu tinha de ir só com o meu rapaz; mas, uma vez que me offerece, iremos todos juntos. E leva a senhora a sua menina, não é?

— Oh! levo, coitada: ella nunca viu o fogo; no tempo do pae nunca sahia...

Sem pensar, o Leonardo estremeceu de contente: pareceu-lhe que desse modo teria mais occasião de satisfazer a sua *curiosidade*. A menina nem se mexeu; pareceu-lhe aquillo absolutamente indifferente.

— Pois então estamos ajustados, accrescentou o compadre, e á noite cá as viremos buscar.

E sahiram.

## XX

### O FOGO NO CAMPO

A' hora determinada vieram os dous, padrinhos e afilhado, buscar D. Maria e sua familia, seguindo haviam tratado: era pouco depois de Ave-Maria, e já se encontrava pelas ruas grande multidão de familias, de ranchos de pessoas que se dirigiam, uns para o Campo e outros para a Lapa, onde, como é sabido, tambem se festejava o Divino. Leonardo caminhava parecendo completamente alheio ao que se passava em roda delle: tropeçava e balroava nos que encontrava; uma idéa unica roia-lhe o miolo; se lhe perguntassem que idéa era essa, talvez mesmo o não soubesse dizer. Chegaram enfim mais depressa do que supuzera o barbeiro, porque o Leonardo parecia naquella noite ter azas nos pés, tão rapidamente caminhára e obrigára o padrinho a caminhar com elle.

D. Maria estava já prompta e os esperava com algumas outras pessoas com quem tambem tratára ir de companhia, e em momento puzeram-se a caminho. Formavam todos um grande rancho acompanhado por não pequeno numero de negras e negrinhas escravas e crias de D. Maria, que levavam cestos com comida e esteiras. D. Maria deu o braço ao compadre, e o mesmo fizeram as outras senhoras aos demais cavalheiros. Por gracejo D. Maria fez com que o Leonardo desse o braço a sua sobrinha; elle accetou a incumbencia com gosto, mas não sem ficar alguma coisa atrapalhado, e deu na pobre alguns encontrões, embaraçado por não saber se lhe daria a esquerda ou a direita; finalmente acertou, e deu-lhe a esquerda, ficando elle do lado da parede. Offereceu-lhe o braço; porém, Luizinha (tremula desde já por seu nome) pareceu não entender o offerecimento ou não dar fé delle. Contentou-se, pois, o Leonardo em caminhar ao seu lado.

Assim chegaram ao Campo, que estava cheio de gente. Nesse tempo ainda se não usavam as barracas de bonecos, de sortes, de raridades e de theatros, como hoje: usavam-se apenas algumas que serviam de casas de pasto. Depois de passarem por deante dellas, D. Maria e a sua gente se dirigiram para o Imperio. Luizinha estava attonita no meio de todo aquelle movimento, deante daquelle espectáculo que via pela primeira vez, pois era verdade o que dissera D. Maria: no tempo de seu pae raras ou nenhuma vez ~~embasbacava~~ a olhar qualquer cousa e o Leonardo muitas vezes via-se forçado a puxar-lhe pelo braço para obriga-la a proee-guir.

Chegaram ao Imperio, que era nesse tempo quasi defronte da igreja de Sant'Anna, no lugar agora occupado por uma das extremidades do quartel de Fuzileiros. Todos sabem o que é o Imperio, e por isso o não descrevemos. Lá estava na sua cadeira o imperador, que o leitor já viu passeando pela rua no meio de seus foliões. Luizinha, vendo-o, poz-se nas pontas dos pés, esticou o pescoço, e encarou-o por muito tempo extatica e absorta. O Leonardo vendo isto sentiu um não sei que por dentro contra o menino que attrahia a attenção de Luizinha, e passou-lhe pela mente o desejo louco de voltar atrás seis ou sete annos de sua existencia e ser tambem imperador do Divino.

Nas escadas do Imperio fazia-se leilão como ainda hoje, divertindo-se muito o povo ali apinhado com as graçolas pesadas do prégoeiro. Estiveram ahi algum tempo entretidos os nossos conhecidos, e foram depois procurar no meio do Campo um lugar onde pudessem fazer alto para cear e ver o fogo. Acharam-no, não sem alguma difficuldade, pois que muitas outras familias se haviam adiantado e tomado as melhores posições. Grande parte do Campo estava já coberta daquelles ranchos, sentados em esteiras, ceando, conversando, cantando modinhas ao som de guitarra e viola. Fazia gosto passear por entre elles, e ouvir aqui a anecdota que contava um conviva de bom gosto, ali a modinha cantada naquelle tom apaixonadamente poetico que faz uma das nossas raras originalidades, apreciar aquelle movimento e animação que geralmente reinavam. Era essa a parte (permittam-nos a expressão) verdadeiramente divertida do divertimento.

Os nossos conhecidos sentaram-se como os outros em roda de suas esteiras, e começaram a cear. Leonardo, apezar das emoções novas que experimentava desde certo tempo, e principalmente naquelle noite, nem por isso perdeu o appetite, e esqueceu-se por algum tempo de sua companhia para cuidar unicamente do seu pra-

to. No melhor da ceia foram interrompidos pelo ronco de um foguete que subia: era o fogo que começava. Luizinha estremeceu, erguen a cabeça, e pela primeira vez deixou ouvir sua voz, exclamando extasiada ao ver cair as lágrimas inflamadas do foguete que clareavam todo o Campo:

— Olhe, olhê, olhe!...

Alguns dos circumstantes desataram a rir; o Leonardo deu o cavaco com aquellas risadas, e as achou muito fóra de tempo. Felizmente Luizinha estava por tal maneira extasiada, que não deu atenção a cousa alguma, e enquanto duraram os foguetes não tirou os olhos do céu.

Aos foguetes seguiram-se, como sabem os leitores, as rodas. Nessa occasião a extasiada menina passou a phrenesi; applaudia com enthusiasmo, erguia o pescoço por cima das cabeças da multidão, tinha desejos de ter duas ou tres varas de comprido para ver tudo a seu gosto. Sem saber como, unia-se ao Leonardo, firmava-se com as mãos sobre os seus hombros para se poder sustentar mais tempo nas pontas dos pés, fallava-lhe e communicava-lhe a sua admiração. O contentamento acabou por familiarisal-a completamente com elle. Quanto se atacou a lua, a sua admiração foi tão grande que, querendo firmar-se nos hombros de Leonardo, estremeceu por dentro, e pediu ao céu que a lua fosse eterna; virando o rosto, viu sobre seus hombros aquella cabeça de menina illuminada pelo clarão pallido do mixto que ardia, e ficou tambem por sua vez extasiado; pareceu-lhe então o rosto mais lindo que jámais vira, e admirou-se profundamente de que tivesse podido alguma vez rir-se della e achal-a feia.

Acabado o fogo, tudo se poz em andamento, levantaram-se as esteiras, espalhou-se o povo. D. Maria e sua gente puzeram-se tambem em marcha para casa, guardando a mesma disposição com que tinham vindo. Desta vez porém Luizinha e Leonardo, não é dizer que vieram de braço, como este ultimo tinha querido quando foram para o Campo, foram mais adiante do que isso, vieram de mãos dadas muito familiar e ingenuamente. Este *ingenuamente* não sabemos se se poderá com razão applicar ao Leonardo. Conversáram por todo o caminho como se fossem dous conhecidos muitos antigos, dous irmãos de infancia, e tão distrahidos iam que passaram a porta da casa sem parar, e já estavam muito adiante

quando os *sios* de D. Maria os fizeram voltar. A despedida foi alegre para todos e tristíssima para os dous. Entretanto, como sempre que se despedia, o compadre promettou voltar, e isso serviu de algum allivio, especialmente ao Leonardo, que tomára tudo o que se acabava de passar mais em grosso.

## XXI

### CONTRARIIDADES

Creemos, pelo que temos referido, que para nenhum dos leitores será ainda duvidoso que chegára ao Leonardo a hora de pagar o tributo de que ninguem escapa neste mundo, ainda que para alguns seja elle facil e leve, e para outros pesado e custoso: o rapaz ama. E' escusado dizer a quem.

Como é que a sobrinha de D. Maria, que a principio tanto desafiára a sua hilaridade por exquisita e feia, lhe viera depois a inspirar amor, é isso segredo do coração do rapaz, que nos não é dado penetrar: o facto é que elle a amava, e isto nos basta. Convém lembrar que, se pela sorte de um pae se pôde augurar a de um filho, o Leonardo em materia de amor não promettia de certo grande fortuna. El com effeito, logo depois da noite do fogo no Campo, em que as cousas começavam a tomar vulto, principiou a roda a desandar-lhe em quasi todos os sentidos. Luizinha, uma vez extincto o enthusiasmo que, suscitado pelas emoções que experimentára na noite do fogo, a accordára da sua apathia, voltára de novo ao seu antigo estado: e, como de tudo esquecida, na primeira visita que o barbeiro e o Leonardo fizeram a D. Maria depois desse acontecimento, nem para este ultimo levantára os olhos; conservava-se de cabeça baixa e olhos no chão.

Ora, para quem, como o Leonardo, levára depois daquella feliz noite a construir esses castellos de extravagante architectura com que sonhamos nos dias felizes do primeiro amor, isso foi já uma contrariedade sem nome; quando se viu assim tratado, quasi desatou a chorar; só o conteve o receio de não poder depois justificar o seu pranto com qualquer pretexto. A este primeiro movimento succedeu-lhe um momento de calma, e depois cresceu-lhe por dentro uma chamma de raiva, e esteve a ponto de chegar-se para a menina, desenterrar-lhe o queixo do peito e chamma-a

quatro ou cinco vezes de esturdia e feia. Afinal scismou um pouco e murmurou um — que me importa! — que pretendia ser desprezo, e que não era senão despeito.

A' primeira visita depois da noite do fogo seguiram-se muitas outras em que as cousas se passaram pouco mais ou menos do mesmo modo.

Um novo successo veio, porém, um dia dar outra côr e andamento aos successos; foi o encontro dos dous, padrinho e afilhado, em casa de D. Maria, com uma personagem estranha a ambos. Era um conhecido de D. Maria que havia ha pouco chegado de uma viagem á Bahia. Figure o leitor um homenzinho nascido em dias de maio, de pouco mais ou menos trinta e cinco annos de idade, magro, narigudo, de olhor vivo e penetrante, vestido de calção e meias pretas, sapatos de fivelta, capote e chapéu armado, e terá idéa do physico do Sr. José Manoel, o recém-chegado. Quanto ao moral, se os signaes physicos não falham, quem olhasse para a cara do Sr. José Manoel assignava-lhe logo um logar distincto na familia dos velhacos de quilate. E quem tal fizesse não se enganava de modo algum: o homem era o que parecia ser. Se tinha alguma virtude, era a de não enganar pela cara. Entre todas as suas qualidades possuia uma que infelizmente caracterisava naquelle tempo, e talvez que ainda hoje, positiva e claramente o fluminense: era a maledicencia. José Manoel era uma chronica viva, porém chronica escandalosa, não só de todos os seus conhecidos e amigos e das familias destes, mas ainda dos conhecidos e amigos dos seus amigos e conhecidos.

Debaixo do mais futil pretexto tomava a palavra e enfiava um discurso de duas horas sobre a vida de fulano ou de beltrano.

Por exemplo, conversando-se sobre qualquer objecto acontecia fallar-se em D. Francisca Brites.

— Conheci muito D. Francisca Brites, atalhava immediatamente o incansavel fallador; era mulher de João Brites, filho bastardo do capitão Sanches; em tempo de casada diziam suas cousas della, e a culpa tinha Pedro d'Aguiar, sujeito que não gozava de boa nota, principalmente depois que se metteno ahí n'elha, da de um testamento falso que attribuiram ao Lourenço da Canha, que, em abono da verdade, era bem capaz disso, pois era sujeito de mãos limpas. Foi até elle quem furtou de casa a filha de Dona Ursula, que foi moça de Francisco Borges, a quem deixou para seguir a Pedro Antunes, que por signal lhe deu bem má vida.

E tambem ella não devia esperar outra cousa delle, porque homem que se atreveu a fazer o que elle fez a tres filhas que ti-

nha, é capaz de tudo. Chegou a pôr pela porta fóra com um páu as pobres moças depois de as ter espancado desapiedadamente. Entretanto, uma dellas foi bem feliz; achou ahi um capitão de navio que tratou della; as outras não, coitadas...

— Infelizes porque? acudia por acaso algum dos circumstantes; ellas casaram...

— Casaram, sim, é verdade, retorquia elle tomando novo folego, porém com que marido? Um tomava moafas de todo o tamanho o outro gastou quanto tinha no jogo. Conheci-os a ambos muito bem...

^E por ahi proseguia e internava-se a perder de vista pela geração toda dos dous maridos, e era capaz de gastar nesse trabalho horas inteiras.

Desde o primeiro dia que o padrinho e o afilhado encontraram-se com José Manoel em casa de D. Maria, nenhum dos dous lhe ficou por certo querendo muito bem, e este não querer bem foi crescendo de dia em dia, especialmente pela parte do Leonardo. E o caso é que elle tinha razão; foi o instincto que o avisou de que ali havia um inimigo. Tão exagerados eram os affagos de José Manoel para com D. Maria, e tanto repartia elle esses affagos com Luizinha, que bem claro se deixou ver que havia nelles fim occulto. Afinal o negocio declarou-se. D. Maria era, como dissemos, rica e velha; não tinha outro herdeiro senão a sua sobrinha: se morresse D. Maria, Luizinha ficaria arranjada, e como era muito criança e mostrava ser muito simples, era uma esposa conveniente a qualquer esperto que se achasse, como José Manoel, em disponibilidade; este pois fazia a côrte á velha com intenções na sobrinha. Quando Leonardo, esclarecido pela sagacidade do padrinho, entrou no conhecimento destas cousas, ficou fóra de si, e a idéa mais pacífica que teve foi que podia mui bem, quando fosse visitar D. Maria, munir-se de uma das navalhas mais afiadas de seu padrinho, e na primeira occasião opportuna fazer de um só golpe em dous o pescoço de José Manoel. Porém, teve de apelar-se e ceder ás admoestações do padrinho, que sabia de todos os seus sentimentos, e que os approvava.

## XXII

## ALLIANÇA

Se Leonardo se affligira do modo que acabamos de ver pelo contratempo que lhe sobreviera com o apparecimento e com as disposições de José Manoel, o padrinho não se incomodava menos com isso; vendo que o afilhado se fazia homem, e tendo decididamente abortado aquelle seu gigantesco plano de mandal-o a Coimbra, enxergava na sobrinha de D. Maria um meio de vida excellente para o seu rapaz. Verdade é que se lembrava de que Dona Maria podia com muito justa razão, se as cousas continuassem do mesmo modo, quando chegasse o momento do desfecho das cousas, recusar sua sobrinha a um rapaz que não se occupava em cousa alguma, e que não tinha futuro. Por este motivo muitas vezes instava com o afilhado para que ensalasse na cara de algum freguez tolo entrar no officio; porém este recusava-se obstinadamente. A comadre, quando alguma vez apparecia por casa do barbeiro, não cessava de insistir no seu antigo projecto de fazer o rapaz entrar para a Concelção. Uma occasião em que nisso fallou diante delle, custou-lhe a historia uma forte sarabanda: o rapaz tomára gosto á vida de vadio, e por principio algum queria deixal-a. E se em outras occasiões estava elle desse humor, agora, depois dos ultimos acontecimentos, quando o amor e o ciume lhe occupavam a alma, não queria ouvir fallar em semelhantes cousas; acreditava que a sua melhor occupação devia consistir em dar cabo do rival que se lhe antepuzera.

No meio de tudo isto peor era que José Manoel parecia adiantar-se cada vez mais; astuto como era, insinuava-se dextramente no animo de D. Maria, e a captivava com attensões de toda a sorte. O compadre começou a banzar sobre o caso, e um dia veio-lhe uma idéa: era preciso pôr a comadre ao corrente do que se passava, e interessal-a no negocio; ella era bem capaz, se quizesse, de arcar com José Manoel, e pôl-o fóra de combate; gozava boa fama de ter jeito para *essas cousas*. Com effeito, mandou chamar a comadre e expoz-lhe tudo.

— Sim, respondeu ella ao ouvir a narração; o caso é este? pois está de cór o tal sujeito: hei de mostrar-lhe pará quanto presto. Já hoje mesm. vou visitar a D. Maria.

Mal sabia José Manoel que tormenta se levantava contra elle. Ha muito percebêra elle que Leonardo e seu padrinho o não po-

diam tragar, e mesmo que tinham segundas tenções a respeito de Luizinha, porém, nunca lhe passára pela mente que seria mister lutar com elles. Em breve teve de vér que se enganava. A comadre foi, como promettêra, á casa de D. Maria, e achando já José Manoel procurou fazer-se ostensivamente muito sua camarada, ainda que baixinho e de vez em quando soltava perto de D. Maria algumas indirectas contra elle.

Quando José Manoel acabava de contar uma historia com todos os detalhes costumados sobre a vida deste ou daquelle, a comadre murmurava por exemplo:

— Que lingua! sáfa...

E com estas e outras ia pondo em relevo, sem parecer que tinha tal intenção, o character do adversario.

Além da qualidade de maldizente, José Manoel mentia com um desearo como raras vezes se encontra. D. Maria, amiga de novidades, e além disso muito credula, commungava perfeitamente quanto pêta lhe queria elle embutir. Uma das historias mais communs era a que elle intitulava — *O naufragio dos potes*. — Acontecera-lhe na sua ultima viagem á Bahia e elle a contava pelo modo seguinte:

“Estavamos quasi a chegar ao ancoradouro; viajava ao lado do meu navio um enorme *perú* carregado unicamente de potes. De repente arma-se um temporal que parecia vir o mundo abaixo; o vento era tão forte, que do mar, apesar da escuridão, viam-se contra-dançar no espaço as telhas arrancadas da cidade alta. Afinal quando já parecia tudo socegado e começava a limpar o tempo, veio uma onda tão forte e em tal direcção, que as duas embarcações esbarraram com toda a força uma contra a outra. Já muito maltratadas pelo temporal que acabavam de supportar, não puderam mais resistir, e abriram-se ambas de meio: o navio vasou toda a sua carga e passageiros, e o *perú* toda a sua carregação de potes; ficou o mar coalhado delles, em tão grande quantidade os havia! Os marinheiros e outros passageiros trataram de agarrar-se a taboas, caixões e outros objectos para se salvarem; porém, o unico que se escapou fui eu, e isso devo á feliz lembrança que tive; do pedaço do navio em que tinha ficado dei um salto sobre o pote que boiava mais perto. Com o meu peso o pote mergulhou, e enchendo-se d’agua desapareceu debaixo de meus pés; porém, isto não teve logar antes que eu, percebendo o que ia acontecer, não saltasse immediatamente desse pote para outro. A este outro e tolos os mais aconteceu a mesma coisa, porém, servi-me do mesmo meio.

e assim, como a força das ondas os impedia para a praia, vim da pote até á terra sem accidente!"

Como esta contava José Manoel milhares de historias.

Foi tambem isso um thema de que serviu a comadre para o desconceitnar no animo de D. Maria, sempre, é verdade, muito sorrateiramente.

Veremos quaes foram os resultados que alcançaram o compadre e o Leonardo com a alliança formada com a comadre contra o concorrente á Luizinha.

## XXIII

### DECLARAÇÃO

Emquanto a comadre dispunha seu plano de ataque contra José Manoel, Leonardo ardia em ciúmes, em raiva, e nada havia que o consolasse em seu desespero, nem mesmo as promessas de bom resultado que lhe faziam o padrinho e a madrinha. O rapaz via sempre diante de si a detestável figura de seu rival a desconcertar-lhe todas as esperanças. Nas horas de socego entregava-se ás vezes á construcção imaginaria de magnificos castellos de nuvens, é verdade, porém, que lhe pareciam por instantes os mais solidos do mundo; de repente surdia-lhe de um canto o terrivel José Manoel com as bochechas inchadas; e, soprando sobre a construcção, a arrazava n'um volver d'olhos.

Entretanto o que havia de notavel é que Luizinha, causada por tantas tormentas, ignorava tudo, e a tudo continuava indifferente. Leonardo veiu a entender, depois de muito meditar, que isto constituia um dos principaes defeitos de sua posição; se a comadre e o compadre conseguissem derrotar a José Manoel, e pô-lo em estado de não poder mais entrar em combate, quem poderia dizer que o triumpho era completo? Não havia ainda uma segunda campanha, a dar contra a indifferença de Luizinha? Daqui concluiu elle que era mister ir já rompendo fogo por esse lado; e, como lhe pareceu o de mais importancia, não quiz confiar a nenhum dos alliados o seu ataque, e decidiu-se däl-o em pessoa. Devia começar, como sabe de cór e salteado a maioria dos leitores, que é sem duvida nenhuma muito entendida na materia, por uma declaração em fórma.

Mas em amor, assim como em tudo, a primeira sahida é o mais difficil. Todas as vezes que esta idéa vinha á cabeça do pobre rapaz, passava-lhe uma nuvem escura por diante dos olhos.

e banhava-se-lhe o corpo em suor. Muitas semanas levou a compôr, a estudar o que havia de dizer a Luizinha, quando apparecesse o momento decisivo. Achava com facilidade milhares de idéas brilhantes; porém, mal tinha assentado em que diria isto ou aquillo, e já isto e aquillo lhe não parecia bom. Por varias vezes tivera occasião favoravel para desempenhar a sua tarefa, pois estivera a sós com Luizinha; porém, nessas occasiões nada havia que pudesse vencer um tremor de pernas que se apoderava d'elle, e que não lhe permittia levantar-se do logar onde estava, e um engasgo que lhe sobrevinha, e que o impedia de articular uma só palavra. Emfim, depois de muitas lutas consigo mesmo para vencer o apanhamento, tomou um dia a resolução de acabar com o medo, e dizer-lhe a primeira cousa que lhe viesse á boca.

Luizinha estava no vão de uma janella a espiar para a rua pela rotula. Leonardo approximou-se tremendo, pé ante pé, parou e ficou immovel como uma estatua, atrás della, que, entretida para fóra, de nada tinha dado fé. Esteve assim por longo tempo calculando se devia fallar em pé ou se devia ajoelhar-se. Depois fez um movimento como se quizesse tocar no hombro de Luizinha, mas retirou depressa a mão. Pareceu-lhe que por ahí não ia bem; quiz antes puxar-lhe pelo vestido e ia já levantando a mão quando tambem se arrependeu. Durante todos estes movimentos o pobre rapaz suava a não poder mais. Emfim, um incidente veu a aliviar o da difficuldade.

Deu alguns passos no corredor, entendeu que alguém se aproximava, e, tomado de terror por se ver apanhado naquella posição, deu repentinamente dous passos para trás, e soltou um — ah! — muito engasgado. Luizinha, voltando-se, deu com elle diante de si, e recuando espremeu-se de costas contra a rotula; veiu-lhe tambem outro — ah — porém, não lhe passou da garganta, e conseguiu apenas fazer uma careta.

A bulha dos passos cessou sem que ninguem chegasse á sala; os dous levaram algum tempo naquella mesma posição, até que o Leonardo, por um supremo esforço, rompeu o silencio, e com voz tremula e em tom o mais sem graça que se possa immaginar perguntou desenxabidamente:

— A senhora... sabe... uma cousa ?

E riu-se com uma risada forçada, pallida e tola.

Luizinha não respondeu. Elle repetiu no mesmo tom.

— Então... a senhora... sabe ou... não sabe ?

E tornou a rir-se do mesmo modo. Luizinha conservou-se muda.

— A senhora bem sabe... é porque não quer dizer...

Nada de resposta.

— Se a senhora não ficasse zangada... eu dizia...

Silêncio.

— Está bom... eu digo sempre... mas a senhora fica ou não fica zangada ?

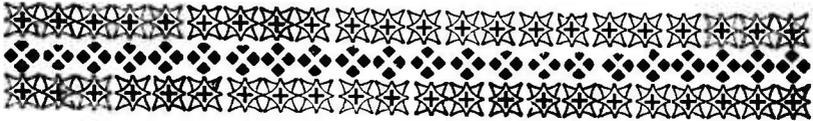
Luizinha fez um gesto de quem estava impacientada.

— Pois então eu digo... a senhora não sabe... eu... eu lhe quero... muito bem.

Luizinha fez-se côr de ume cereja; e, fazendo meia volta á direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguém se approximava.

Leonardo viu-a ir-se, um pouco estupefacto pela resposta que ella lhe dera, porém, não de todo descontente: seu olhar de amante percebera que o que se acabava de passar não tinha sido totalmente desagradavel a Luizinha.

Quando ella desapareceu, soltou o rapaz um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão fatigado como se tivesse acabado de lutar braço a braço com um gigante.



## SEGUNDA PARTE

### I

#### A COMADRE EM EXERCICIO

Os leitores devem estar lembrados de que o nosso antigo conhecido, de quem por algum tempo nos temos esquecido, o Leonardo-Pataca, apertára-se em laços amorosos com a filha da comadre, e que com ella vivia em santa e honesta paz. Pois este viver santo e honesto deu em tempo opportuno o seu resultado. Chiquinha (era este o nome da filha da comadre) achou-se de *esperanças* e prompta a dar á luz. Já vêem os leitores que a raça dos Leonardos não se ha de extinguir com facilidade. Leonardo-Pataca não perdia por modo algum aquelles habitos de ternura com que sempre o conhecemos, e nas actuaes circumstancias, quando elle via ás portas da vida um fructo do seu derradeiro amor, crescia-lhe n'alma aquella violenta chamma do costume; o pobre homem ardia todo por dentro e por fóra, e desfazia-se em carinhos para com sua companheira,

Chegou finalmente o dia de apparecer o desejado resultado: ao amanhecer manifestára os primeiros symptomas. Leonardo levantou logo uma poeira em casa: andava de dentro para fóra pretendendo fazer mil cousas, e sem fazer cousa alguma, atrapalhado e tonto. Mandou chamar a comadre, que prompta acudia ao chamado, e começaram-se a arranjar os preparativos. Talvez alguns leitores tenham idéa do mundo infinito de arranjos que naquelle tempo se punha em gyro em semelhantes occasião. A primeira cousa a que o Leonardo-Pataca providenciou foi a que se mandassem dar as nove badaladas no sino grande da Sé. Esta pratica só costumava ter logar quando a parturiente se achava em perigo, porém elle quiz prevenir tudo a tempo e a hora. Mandou-se de

pois pedir á vizinha: pois por um descuido imperdoavel não havia em casa um ramo de palha benta; a comadre trouxe um par de bentinhos da Senhora do Monte do Carmo, que tinham grande reputação de milagrosos, e o lançou ao pescoço da Chiquinha. Poz a palha benta ao lado da cabeceira; na sala improvisou-se um oratorio com uma toalha, um copo com arruda e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, de louça, enfeitada com cordões de ouro.

Chiquinha, para nada esquecer das regras estabelecidas, amarrou á cabeça um lenço branco, metteu-se embaixo dos lençoes, e começou a rezar ao santo da sua devoção. A comadre assentou-se aos pés da cama em uma banquinha, e desunhava tambem em um grande rosario, observando entretanto a Chiquinha e interrompendo-se a cada instante para dar ordens ao Leonardo-Pataca, e responder ao que fóra do quarto se dizia.

Leonardo-Pataca, depois de tudo arranjado, quando viu que a unica cousa que restava era *esperar a natureza*, como dizia a comadre, poz-se em menores, quero dizer, despiu os calções e o collete, ficou em ceroulas e chinellas, amarrou á cabeça, segundo um antigo costume, um lenço encarnado, e poz-se a paasear na sala, de um lado para outro, com uma cara de fazer dô; parecia que era elle e não Chiquinha quem se achava com dores de parto. De vez em quando parava á porta do quarto que se achava cerrada, lançava para dentro um olhar de curiosidade e medo, e abanando a cabeça murmurava :

— Não sirvo para isto... estas cousas não se dão com o meu genio... Estou a tremer como se fosse o negocio commigo...

E realmente a cada gemido forte que partia do quarto o homem estremecia e fazia-se de mil côres.

Dentro do quarto a comadre exhortava a padecente, pouco mais ou menos nestes termos :

— Não vos façais de criança, menina... isso não é nada... é um páu por um olho... Não tarda ahí um Bemdito, e estaes já livre. Estas cousas na minha mão andam depressa. Verdade seja que é o primeiro, e isto causa seu medo, mas não é cousa que valha estares agora tão desanimada; é preciso tambem ajudar a natureza. "Faze da tua parte que eu te ajudarei!" São palavras de Jesus Christo.

A padecente estava porém a morrer de susto; nem se moveu á exhortação da comadre. Entretanto o tempo ia passando, e a pobre rapariga a soffrer; já lhe tinha a comadre arranjado de um modo diverso os bentinhos no peito, já tinha inclinado mais so-

bre a cama a palma benta, e ainda nada de novo. O Leonardo-Pataca começava a impacientar-se; de vez em quando chegava á porta do quarto, e perguntava com voz esmorecida:

— Então?...

— Compadre, respondia a comadre, já lhe disse que não é bom a quem está neste estado estar ouvindo voz de homem; esteja calado e espere lá.

Continuava o tempo a passar: a comadre saiu do quarto e veio accender uma vela benta a Nossa Senhora, e depois de uma breve oração voltou ao seu posto. Tirou então do bolso da saia uma fita azul comprida e passou-a em roda da cintura da Chiquinha; era uma medida de Nossa Senhora do Parto. Depois disse com ar de triumpho:

— Ora agora vamos a ver, porque isto já não vai do meu agrado... Mas a culpa também é sua, menina, já lhe disse que é preciso ajudar a natureza. Passou-se ainda algum tempo... De repente a comadre gritou para fóra:

— O' compadre, dê cá lá uma garrafa...

O Leonardo-Pataca obedeceu promptamente. Ouviu-se então dentro do quarto o som que produziria uma boca humana a soprar com toda a força dentro de alguma cousa. Era Chiquinha que por ordem da comadre soprava a morrer de cansaço dentro da garrafa que esta mandára vir.

— Com força, menina, com bem força, e Nossa Senhora não desampara os fiéis. Animo, animo; isto o mais que succede é uma vez por anno. Desde que nossa mãe Eva comeu aquella maldita fructa ficámos nós sujeitas a isto. "Eu multiplicarei os trabalhos de teu parto." São palavras de Jesus Christo!

Já se vê que a comadre era forte em historia sagrada.

Ao Leonardo-Pataca tremiam-lhe cá fóra tanto as pernas, que não pudera mais continuar no passeio, e achava-se sentado a um canto com os dedos nos ouvidos.

— Soprai, menina, continuava sempre dentro a comadre, soprai com Nossa Senhora, soprai com S. João Baptista, soprai com os Apostolos Pedro e Paulo, soprai com os Anjos e Seraphins da Côte Celeste, com todos os Santos do paraíso, soprai com o Padre, com o Filho e com o Espirito Santo.

Houve finalmente um instante de silencio, que foi interrompido pelo choro de uma criança.

— Ora lá vai o máo tempo, exclamou a comadre: bem dizia eu que isto não era mais do que um páu por um olho... Ah! Sr.

compadre, chegue, que é agora a sua vez, venha ver a sua pequerrucha...

— É uma pequerrucha!... exclamou o Leonardo-Pataca fóra de si; ora isto é de bom agouro, porque com o outro que sahio macho não fui muito feliz.

Rescendeu então pela casa um agradável cheiro de alfazema; a comadre veiu á sala; apagou as velas que estavam accensas a Nossa Senhora; foi depois desatar a fita da cintura da Chiquinha e tirar-lhe do pescoço os bentinhos.

A recém-nascida, enfraldada, encoeirada, encinteirada, entoucada e com um mólho de ligas e meias luas, signos de Salomão e outros preservativos de mãos-olhados presos ao cinto, passava das mãos de Chiquinha para as do Leonardo-Pataca, que não cabia em si de contentamento; era formosa criancinha, em tudo o opposto de seu irmão paterno, o nosso Leonardo, mansa e risónha.

O Leonardo-Pataca recorreu immediatamente á folhinha para ver que nome trazia a menina; porém, como este lhe não agradasse, travou logo com Chiquinha uma questão a respeito do nome que se lhe devia dar.

A comadre aproveitou-se disso para dar conta dos ultimos arranjos, e depois envergou a mantilha e sahio para acudir a outras necessitadas.

## II

### TRAMA

Como esta scena que acabamos de pintar tinha a comadre muitas outras todos os dias, porque era uma das parteiras mais procuradas da cidade; gozava grande reputação de muito entendida, e ainda nos casos mais graves era sempre a escolhida com os seus milagrosos bentinhos, a palma benta, a medida de Nossa Senhora, a garrafa soprada, e com a invocação de todas as legiões de santos, de seraphins e de anjos livrava-se ella dos maiores apertos. E ninguem lhe fosse dar regras, que as não ouvia, nem do physico-mór, se nisso se mettesse: era só olhar para uma mulher de *esperanças* e dizia-lhes logo sem grande trabalho o sexo, o tamanho do filho que trazia nas entranhas, e com uma pontualidade miraculosa o dia e hora em que teria de ver-se desembarcada; até ás vezes, por certos signaes que só ella conhecia, chegava a dizer qual seria o genio e as inclinações do ente que ia ver a luz. Já se vê que esta vida era trabalhosa e demandava serios

cuidados; porém, a comadre dispunha de grande somma de actividade: e, apesar de gastar muito tempo nos deveres do officio e na igreja, sempre lhe sobrara algum para empregar em outras cousas. Como dissemos, ella havia tomado a peito a causa dos amores de Leonardo com Luizinha, e jurára pôr José Manoel, o novo candidato, fóra da chapa.

Começou pois a occupar o seu tempo disponivel nesse grave negocio, e movia uma intriga surdissima e constante contra o rival de seu afilhado. Gozando da intimidade e do credito de D. Maria, não perdia junto della occasião de desconceituar José Manoel, o que era-lhe tanto mais facil quanto elle prestava-se a isso, e D. Maria, de espirito demandista e chicaneiro, dava o cavaco por um mexerico. Eis-aqui uma das que ella armou ao adversario.

Todos sabem nesta cidade onde é o Oratorio de Pedra; mas o que todos talvez não saibam é para que serviu elle em outros tempos. Sem duvida naquelle oratorio havia a imagem de algum santo, e o povo *devoto* ia ali rezar? Exactamente. Mas porqué é que hoje não continha esta pratica, porque apenas se conserva sobre a parede aquella especie de guarita de pedra, sem imagem alguma, sem luz á noite, e diante da qual passam todos irreverentemente sem tirar o chapéu e curvar o joelho? Primeiro que tudo extinguiu-se isso pela razão porque se extinguiram muitas cousas boas daquelle tempo; começaram todos a aborrecer-se de achal-as boas e acabaram com ellas. Depois houve a respeito do Oratorio de Pedra muito boas razões policiaes para que elle deixasse de ser o que era.

O leitor, que sem duvida sabe muito bem de quanto eram nossos paes crentes, devotos e tementes a Deus, se admirará talvez de ler que houve razões policiaes para extincção de um oratorio. Entretanto é isso uma verdade, e se fosse ainda vivo o nosso amigo Vidigal, de quem já tivemos occasião de fallar em alguns capitulos desta historieta, poderia dizer quanto garoto pihou em flagrante delicto, ali mesmo aos pés do oratorio, ajoelhado, contrito e beato.

Quando passava a Via-Sacra e que se accendia a lampada do oratorio, o pai de familia, que morava ali pelas vizinhanças, tomava o capote, chamava toda a gente de casa, filhos, filhas, escravos e crias, e iam fazer oração ajoelhando-se entre o povo diante do oratorio. Mas se acontecia que o incauto devoto se esquecia da filha mais velha que se ajoelhava um pouco mais atrás e embebido em suas orações não estava áleria, succedia-lhe ás vezes voltar

para casa com a família dizimada: a menina aproveitava-se do ensejo, e sorratamente escapava-se em companhia de um devoto que se ajoelhára ali perto, embrulhado no seu capote, e que ainda ha dous minutos todos tinham visto entregue fervorosamente as suas supplicas a Deus.

Aquillo era a execução do plano concertado na vespera ao cair de Ave-Maria, através dos postigos da rotula. Outras vezes, quando estavam todos os circumstantes á devoção, e que a ladainha entoada a compasso enchia aquelle circuito de contrição, ouvia-se um grito agudo e doloroso que interrompia o hymno; corriam todos para o logar donde partira, e acharam um homem estendido no chão com uma ou duas facadas.

Não levamos ainda em conta as innocentes caçadas que a todo o instante faziam os galatos. Eis aqui, pois, porque, além de outros motivos, dissemos que tinha havido razões policiaes para que se acabasse com as piedosas praticas do Oratorio de Pedra.

No tempo em que se passavam as scenas que temos narrado, ainda o Oratorio de Pedra estava no galarim. Um ou dous dias depois do nascimento do segundo filho de Leonardo-Pataca, correu pela cidade a noticia de um grande escandalo que se passára nesse lugar classico dos escandalos: uma moça, que vivia em companhia de sua mãe, velha, rica e devota, indo com ella rezar junto ao Oratorio, na occasião da passagem da Via-Sacra, fugira, tendo levado comsigo um pé de meia preta contendo uma boa porção de peças de ouro. Fallava-se muito no caso, não porque fosse naquelle tempo cousa de estranhar-se, mas porque havia um mysterio no successo: ninguem sabia com quem tinha fugido a moça.

D. Maria, como todos, estava anciosa por ver deslindada a questão, quando lhe appareceu em casa a comadre que a vinha visitar.

D. Maria estava sentada na sua banquinha, tendo diante de si uma enorme almofada de renda carregada com seis ou sete dúzias de bilros, e esmerava-se em fazer um largo pegamento. A seu lado, sentada em uma esteira, cercada por uma porção de negrinhas, crias de D. Maria, estava Luizinha, tambem occupada em fazer renda.

Quando a comadre entrou, D. Maria largou immediatamente a almofada do collo, tirou do nariz e pôz na testa um par de oculos de áros de prata com que trabalhava, e começou logo por tocar no caso que a preocupava. A comadre fez signal que mandasse retirar Luizinha e as mais crianças; e a conversa caminhou livremente.

— Então que me diz, senhora, da desgraça da pobre velha ?

Criar a gente uma rapariga com todo o carinho, e no fim ter aquella recompensa!... no meu tempo não se viam cousas destas...

— Que quer, Senhora? respondeu a comadre; pois foi ali, nas barbas de todos. Não havia um instante que ella havia chegado com a velha, e que se tinham todas duas ajoelhado ao pé de mim...

— Ao pé da comadre? Pois a comadre estava lá?...

— Estava... que antes não estivesse...

— Mas o diabo, senhora, accrescentou D. Maria, é ninguém saber quem foi o maldito que fugiu com ella...

A comadre interrompeu, dando uma risadinha sardonica.

— Tenho perguntado a todos, e ninguém sabe dizer-me.

— E' porque todos estavam cegos...

— Como?

— Mas não o estava eu, por mal de meus peccados, que antes estivesse...

— Pois viu e sabe com quem foi... disse D. Maria, remexendo-se de prazer em cima da banquinha.

A idéa de poder saber de uma novidade que todos ignoravam encheu-a de contentamento.

— Mas então quem foi, vamos? quero saber quem foi o ladrão da moça e do dinheiro...

— Só lhe direi, respondeu a comadre depois de alguma hesitação, se me prometterdes guardar todo o segredo, que o caso é muito serio.

— Ora bem que eu... é o mesmo que cahir n'um poço.

Apezar de estarem sós, a comadre inclinou-se ao ouvido de D. Maria, e disse-lhe o mais baixinho que pôde:

— Foi o nosso grande camarada... a boa peça do José Mancel...

— O que é que diz, comadre?

— Vi, respondeu esta, regalando com dois dedos os olhos, com estes que a terra ha de comer... Se elles estavam ao pé de mim...

D. Maria ficou por algum tempo muda de estupefacção.

## III

## DERROTA

Aquellas ultimas palavras da comadre produziram sobre D. Maria effeito de um raio; a velha remexeu-se na banquinha, tomada de maior desapontamento.

— Ora, comadre, exclamou depois da primeira emoção, esta não lembra ao diabo... por isso eu sigo a regra antiga de me não fiar em cousa que traz calções... Sufa... que esta pôz-me sal na moleira.

A comadre, vendo estas boas disposições, aproveitava-se dellas para fazer melhor o seu papel, e respondeu:

— Pois tambem o que se havia de esperar de um sujeito como aquelle?... um homem que não abre a boca que não minta... que tem uma lingua de Lucifer?... Quem contasse com aquillo era mesmo para se perder.

— E' verdade, senhora; nunca vi mentiroso nem maldizente maior...

Nunca D. Maria até então tinha encontrado em José Manoel as qualidades que agora lhe descobria tanto em relevo.

— Se eu fosse parente da rapariga havia de pôr uma demanda ao tal diabo que o havia de ensinar... Por isso é que elle me não apparecia por cá ha tanto tempo... andava cuidando nos seus arranjos.

Mal tinha D. Maria acabado de pronunciar estas ultimas palavras quando se ouviu bater á porta, e a voz de José Manoel pedir licença.

— Ah! está elle... segredo... não quero que se saiba que fui eu, disse a comadre apressada.

— Ora, respondeu D. Maria, eu cá para isso sou boa.

José Manoel entrou. D. Maria, que não costumava guardar o que sentia, recebeu-o friamente; a comadre, porém, fez-lhe um rasgado cumprimento.

— Seja bem apparecido, disse, bons olhos o vejam.

— Tenho andado ahi occupado com alguns arranjos...

— Arranjos... disse D. Maria trocando com a comadre um olhar significativo.

José Manoel, innocente em tudo, ficou pasmo, em entender o que queria aquillo dizer; entretanto, segundo o costume, não perdeu occasião de armar uma peta.

— Sim, uns arranjos, acrescentou; houve um negocio muito

serio em que estive mettido, e que me ia dando bem que fazer; sinto não lhe poder contar, porque é segredo.

A comadre fez um gesto, como quem queria dizer — ahí vem uma peta; D. Maria, porém, que estava preocupada pela conversa que ha pouco tivera, entendeu que José Manoel se referia ao roubo da moça; e, abanando a cabeça, disse por entre os dentes:

— Hum... entendo...

A comadre estremeceu temendo que D. Maria não dêsse com a lingua nos dentes, e que a questão do roubo da moça tivesse de ser averiguada em sua presença; porque nesse caso seria ella apanhada em flagrante mentira, e estava tudo perdido. Começou portanto a provocar a José Manoel a que declarasse qual era o negocio sério em que estivera mettido; contava com algumas das petas continuadas, e assim se desviaria a conversa do ponto que ella não queria ver tratado em sua presença.

Deixemo-la nesse empenho lutar com as negações e fingidos mysterios de José Manoel.

Desde o dia em que Leonardo fizera a sua declaração amorosa, uma mudança notavel se começou a operar em Luizinha, a cada hora se tornava mais sensível a differença tanto do seu physico como do seu moral. Seus contornos começavam a redondar-se; seus braços, até ali finos e sempre cahidos, engrossavam-se e tornavam-se mais agéis; suas faces magras e pallidas enchiam-se e tomavam essa côr que só sabe ter o rosto da mulher em certa época da vida; a cabeça, que trazia habitualmente baixa, erguia-se agora graciosamente; os olhos, até aqui amortecidos, começavam a despedir lampejos brilhantes; fallava, movia-se, agitava-se.

A ordem de suas idéas alterava-se tambem; o seu mundo interior, até então acanhado, estreito, escuro, despovoado, começava a alargar os horizontes, a illuminar-se, a povoar-se de milhões de imagens, ora amenas, ora melancolicas, sempre, porém, bellas.

Até então indifferente ao que se passava em torno de si, parecia agora participar da vida, de tudo que a cercava; gastava horas inteiras a contemplar o céu, como se só agora tivesse reparado que elle era azul e bello, que o sol o illuminava de dia, que se recamava de estrellas á noite.

Tudo isto dava em resultado, pelo que diz respeito ao nosso amigo Leonardo, um augmento consideravel de amor; tambem elle foi o primeiro que deu fé daquellas mudanças em Luizinha. Entretanto, apesar de lhe crescer o amor, nem por isso lhe nasciam mais esperanças:

Depois da declaração, não se tinha adiantado nem mais uma

pollegada, e a única coisa talvez que o alentava era um certo rubor que subito subia ás faces de Luizinha quando acontecia (raras vezes) que se encontrassem os olhos della com os seus. A somma total destas addições era uma raiva que lhe crescia n'alma, augmentando todos os dias de intensidade contra José Manoel, a quem em seus calculos attribuia todo o seu atrazo.

Dadas estas explicações, voltámos a dar conta do resto da scena que deixámos suspensa.

A' força de instancias, a comadre conseguiu que José Manoel referisse qual o negocio de alto segredo em que se tinha achado envolvido.

— Pois bem, disse elle finalmente, se promettem toda a discripção, contarei.

— Ora, nem tem que recommendar isso.

Com as negações e mysterios que tinha guardado até então, José Manoel não fizera mais do que ganhar tempo para imaginar a mentira que havia de pregar: a comadre contava com isso.

Elle começou:

— Saibam Vms. que fui um destes dias chamado a palacio...

— Ui! exclamou a comadre.

— Ahi está o resultado, disse D. Maria; mas não se pagam na outra vida, é mesmo nesta.

— Resultado de que? perguntou José Manoel surprehendido.

— De nada; continue.

José Manoel enfiou então, tomando por thema aquellas primeiras palavras que lhe tinham vindo á boca, uma mentira muito sem saber, que nós poupamos aos leitores. Não foram, porém, satisfeitas as vistas da comadre, que queria desviar a conversa do furto da moça.

Terminada a historia, José Manoel começou a instar com D. Maria para que lhe dêsse explicação das palavras duvidosas que ha pouco havia dito a seu respeito. A comadre, assim que viu o negocio neste pé, foi tratando de retirar-se, depois de trocar com D. Maria um olhar que queria dizer: — não me comprometta.

D. Maria a principio quiz sustentar o segredo; afinal não se pôde conter, e soltou contra José Manoel uma grande alicantina, dizendo que toda a cidade estava cheia do horroroso escandalo que elle acabava de commetter roubando uma filha-familia.

O homem foi ás nuvens, e jurou e trejurou que estava innocente em tudo aquillo. Nada porém lhe valeu.

D. Maria foi inflexivel.

Protestou de novo que se ella fosse parenta da moça o Sr.,

José Manoel se havia de ver em calças pardas com o negocio; e terminou por dar-lhe a entender que elle era um homem muito perigoso para ser admittido em uma casa de familia.

José Manoel sahio completamente corrido e scismando em quem poderia ter sido o autor de semelhante intriga.

Quanto a D. Maria, ficou muito satisfeita, pois, tendo no seu character um grande fundo de honestidade, julgava ter feito uma boa acção rompendo com José Manoel, que ficára com effeito, como o calculára a comadre, perdendo muito no seu conceito.

## IV

### O MESTRE DE REZA

Tudo que ultimamente se passára em casa de D. Maria havia posto a andar á roda a cabeça de José Manoel; conheceu que tinha ali inimigo, fosse quem fosse, pois aquillo não passava certamente de intriga que lhe tinham armado. Restava-lhe porém saber quem seria esse inimigo; e por mais que dêsse voltas ao miolo não atinava com elle. Pelo genero da intriga conheceu que a causa do que lhe faziam era seguramente a sua pretensão a respeito de Luizinha, que sem duvida tinha sido percebida; começou a suspeitar que tinha de haver-se com um rival. Na roda que frequentava a casa de D. Maria ninguem via que lhe parecesse poder estar nesse caso, passou-lhe muitas vezes pela lembrança o moço Leonardo; porém achava-o incapaz de se metter nessas cousas.

Assim são os velhacos ! Quantas vezes estão tocando o inimigo com as mãos, e não o vêem, e não o sentem !

Partisse, porém, donde partisse o golpe que o ferira, o caso é que fôra dado certo, e a duas mãos

D. Maria, extremosa em suas affeições, como em seus odios, consentiria com immensa difficuldade na rehabilitação de José Manoel; entretanto, elle não esfriou por isso, e pôz mãos á obra. Por uma singularidade, assim como Leonardo tinha achado na comadre uma protectora á sua causa, tambem José Manoel achou um procurador para a sua.

Vamos já dizer aos leitores quem era o procurador de José Manoel.

Havia no tempo em que se passam estas scenas *instituições* muito curiosas no Rio de Janeiro; algumas eram notaveis por seu fim, outras por seus meios. Entre essas umas havia de que ainda

em nossa infancia tivemos occasião de ver alguns destroços, era a instituição dos mestres de reza.

O mestre de reza era tão acatado e venerado naquella tempo como o proprio mestre de escola; além do respeito ordinario tributado aos preceptores, dava-se uma circumstancia muito notavel, e vem a ser que os mestres de reza eram sempre velhos e cegos. Não eram em grande numero, por isso mesmo viviam portanto em grande actividade, ganhavam soffrivelmente. Andavam pelas casas a ensinar a rezar aos filhos, crias e escravos de ambos os sexos.

O mestre de reza não tinha traje especial; vestia-se como todos, e só o que o distinguia era ver-se-lhe constantemente fóra de um dos bolsos o cabo de uma tremenda palmatoria, de que andava armado, compendio unico por onde ensinava a seus discipulos.

Assim que entravam para a lição, reunia em um semi-circulo diante de si todos os discipulos; puxava do bolso a tremenda fécula, collocava-a no chão, encostada á cadeira onde se achava sentado, e começava o trabalho.

Fazia o mestre em voz alta o pelo-signal, pausada e vagarosamente, no que o acompanhavam em côro todos os discipulos. Quanto a fazerem os signaes era elle quasi sempre logrado, como facilmente se concebe, porém pelo que toca á repetição das palavras, tão pratico estava que, por maior que fosse o numero dos discipulos, percebia no meio do côro que havia faltado esta ou aquella voz, quando algem se atrevia a deixar-se ficar calado. Suspendia-se então immediatamente o trabalho, e o culpado era obsequiado com uma remessa de bolos, que de modo nenhum desmentiam a reputação de que goza a pancada de cego. Feito isto, recomeçava o trabalho, voltando-se sempre ao principio, de cada vez que havia um erro ou falta. Acabado o pelo-signal, que, com as diversas interrupções que ordinariamente tinha, gastava boa meia hora; repetia o mestre sózinho sempre e em voz alta e compassada a oração que lhe aprazia; repetiam depois o mesmo os discipulos do primeiro ao ultimo, de um modo que nem era fallado nem cantado; já se sabe, interrompidos a cada erro pela competente remessa de bolos. Depois de uma oração seguia-se outra, e assim por diante, até terminar a lição pela ladainha cantada.

Ao sahir recebia o mestre uma pequena esportula do dono da casa.

D. Maria, tendo em sua casa um numero não pequeno de crias, não se dispensava de ter, como todos que estavam em suas circumstancias, o seu mestre de reza. Era este um cego muito afa-

mado pelo seu excessivo rigor para com os discípulos, e por consequencia um dos mais procurados; n'esse tempo exigia-se antes de tudo essa qualidade. Tinha tambem outro mérito; corria a seu respeito a fama de bom arranjador de casamentos.

Eis-ahi o procurador de José Manoel.

José Manoel já antes o tinha posto de mão, e agora que se viu em perigo recorreu a elle; expôz-lhe o caso, communicou-lhe suas intenções, e pediu-lhe a sua cooperação. Fez-lhe sentir sobretudo que havia um rival a combater, e muito temível, pois que não era conhecido. O velho começou então a tomar as mais minuciosas informações; e depois de calcular por algum tempo disse:

— Já sei com quem me tenho que haver...

— Então com quem é?... acudiu José Manoel apressado.

— Vá descansado, não se importe com o resto.

— Mas, homem, olhe que é preciso muito cuidado; porque, quem quer que é, fino como os trezentos...

— Ora qual... desses arranjos entendo eu dormindo, e vejo nisso, sendo cego, melhor do que muitos com seus olhos perfectos.

— E' uma cousa que me põe á roda o miolo não poder descobrir quem se intremetta nos meus negocios... olhe que a tal entrega do furto da moça foi de mestre.

— Eu tambem sou mestre, e veremos quem ensina melhor.

Ficaram os dous nisto; e o cego pôz mãos á obra.

Devemos prevenir ao leitor que a causa em semelhantes mãos, se não se podia dizer decididamente ganha, pelo menos ficara arriscada; e o que vale é que do outro lado estava a comadre.

O velho começou o seu trabalho em regra; logo na primeira noite que foi dar lição a casa de D. Maria começou por fazer cahir a conversa a respeito do roubo da moça, e deu a entender que sabia do caso e conhecia perfectamente quem tinha sido o autor d'elle. D. Maria disse tambem que sabia quem era, e que até o conhecia muito. O velho sorriu, deixando ápenas escapar em tom de duvida um significativo — Qual... — D. Maria franziu o sobr'olho, levantou os olhos e exclamou:

— Pois então pensa que eu ando atrazada nestas cousas?... Ora deixe-se... Sei quem foi, e sei muito e muito bem. E' um pedaço de mariola com cara de sonso, que só me ha de morar em casa se eu algum dia fór carcereira.

— E' isso tudo, mas a Sra. D. Maria não conhece o homem. digo-lhe eu, que tambem ando ao facto deste negocio todo.

— Bem sei, bem sei... mas olhe que eu tambem soube de

parte muito certa... e não ha mais facil do que ver quem está enganado. Diga lá o senhor quem foi.

— Oh! não! isso nunca, exclamou apressadamente o velho, pondo-se em pé; eu cá não quebro segredo de ninguém.

D. Maria remexeu-se toda de afflicção; e por mais que instasse nada pôde arrancar do velho que, para fazer melhor o seu papel, foi-se logo retirando, dando assim a entender que queria cortar a conversa naquelle ponto.

Quando mais não tivesse conseguido, o velho tinha ao menos lançado a duvida no espirito de D. Maria a respeito do facto, que era para ella a pedra de escandalo contra José Manoel.

## V

### TRANSTORNO

Emquanto todas estas cousas se passavam, um triste successo, e da mais alta importancia, veiu alterar a vida de Leonardo, ou transtornal-a mesmo: o compadre cahiu gravemente enfermo. A principio a molestia pareceu cousa de pouca monta, e a comadre, que foi a primeira chamada, pretendeu que todo o incommodo desappareceria dentro de dous dias, tomando o doente alguns banhos de alecrim. Nada porém se conseguiu com a receita; o mal continuou. Recorrêram então a um boticario conhecido da comadre, que juntára ao seu mister, não sabemos se com permissão das leis ou sem ella, o mister de medico.

Era um velho, filho do Porto, que aqui se viera estabelecer ha muitos annos, e que ajuntára no officio boas patacas. Apenas chegou e viu o doente, declarou que em poucos dias o poria de pé; bastava que elle tomasse uma pilulas que lhe ia mandar da sua botica: eram um santo remedio, seguido dizia, mas custavam um bocadinho caro, porém valia a vida de um homem. A comadre quando ouviu fallar em pilulas\* franziu a testa.

— Pirolas, disse consigo; então o negocio é sério; e eu, que tenho má fé com pirolas; ainda não vi uma só pessoa que as tomasse que escapasse.

E avermelharam-se-lhe immediatamente os olhos.

O boticario retirou-se levando consigo o Leonardo, que trouxe as pilulas. A comadre, olhando para ellas, abanou a cabeça.

— Ora, disse, eu pensei que elle lhe mandasse dar alguns banhos; cá por mim com alecrim havia de pol-o bom.

A comadre tinha razão até certo ponto, pois que no fim de

tres dias, depois de feitos todos os preparos religiosos, o compadre deu alma a Deus.

D. Maria tinha sido chamada nesse mesmo dia, e compareceu com Luizinha e com todo o seu batalhão de crias; tinham vindo tambem algumas outras pessoas da vizinhança.

Estavam todos sentados em um grande canapé, na varanda, e conversavam muito entretidos sobre os objectos mais diversos; algumas achavam mesmo na conversação motivo para boas risadas; de repente abriu-se a porta do quarto, e a comadre sahio de dentro com o lenço nos olhos, soluçando desabridamente e repetindo em altos gritos:

— Bem dizia eu que tinha pouca fé nas pirolas; está para ser o primeiro que eu as veja tomar e que escape... Coitado do compadre... tão boa creatura... nunca me constou que fizesse mal a ninguem...

Estas palavras da comadre foram o signal de rebate dado á dôr dos que se achavam presentes; desatou tudo a chorar, e cada qual o mais alto que podia.

O Leonardo sofreu um grande choque, e no meio do seu atordoamento encolheu-se em cima do canapé com a cabeça sobre os joelhos, chegando-se, *naturalmente* sem o querer, porque a dôr o perturbava, o mais perto possível de Luizinha. Continuaram as mais no seu côro de pranto dirigido pela comadre: mas não se contentavam só com o pranto, soltavam tambem algumas vezes exclamações em honra do defunto.

— Sempre foi muito bom vizinho, nunca tive escandalos delle, dizia uma.

Era a vizinha que augurava máu fim ao Leonardo, e com quem o compadre brigára por este motivo umas poucas de vezes.

— Boa alma, dizia D. Maria, boa alma; havia de ser como elle quem quizesse ter boa alma.

— Eu que lidei com elle, dizia a comadre, é que sei o que elle valia; era uma alma de santo n'um corpo de peccador.

— Bom amigo...

— E muito temente a Deus...

Prolongada esta scena por algum tempo, despediram-se algumas pessoas, outras ficaram ainda. Foi serenando o pranto, e daí a pouco D. Maria, enxugando ainda os olhos, explicava detalhadamente a uma outra senhora que se achava junto della a historia genealogica de cada uma de suas crias que se achavam presentes.

Finalmente retiraram-se todos, excepto D. Maria, e sua gente

e a comadre, que estava desde que o compadre adoecera tomando conta da casa.

Approximou-se a noite; acenderam-se velas junto do defunto; fizeram-se todos os mais arranjos do costume.

D. Maria e a comadre começaram a conversar, porém baixinho.

— Então, Senhora, principiou D. Maria, este homem não havia de morrer assim sem ter feito seu testamento; pois elle não havia de querer deixar no mundo o afilhado ao desamparo para os ausentes gozarem do que a elle lhe custou tanto trabalho.

— A mim, respondeu a comadre, nunca me fallou em semelhante cousa; mas emfim, como isso são lá negócios de segredo... talvez.

— Seria bom procurar-se; talvez em alguma gaveta por ahí se ache; é impossivel que o defunto não dispuzesse sua vida; cem vezes lhe aconselhei eu semelhante cousa.

— Tem razão, D. Maria, eu acho tambem que deve haver alguma cousa.

El foram as duas tratar de procurar o testamento nas gavetas de uma grande commoda que havia no quarto do defunto. Emquanto nisso se occupavam, Luizinha e Leonardo conversavam, ou antes cochichavam, como se diz vulgarmente. O que elles se diziam não posso dizel-o ao leitor, porque o não sei; sem duvida a repariga consolava o rapaz da perda que acabava de soffrer na pessoa do seu amado padrinho.

Finalmente as duas acharam com effeito um testamento, e ficaram com isso muito satisfeitas.

Voltaram á varanda e surprehenderam os dous no melhor da sua conversa. A comadre vendo-os sorriu-se, e D. Maria, fazendo sem duvida a respeito do que estavam elles fallando o mesmo juizo que nós, disse enternecida.

— Ella tem muito bom coração!

— Estava um bom casal.

— Oh! senhora, disse D. Maria com ingenuidade, deixe a menina, que ainda é muito cedo...

— E o delle não é peor, respondeu a comadre.

El accrescentou com intenção:

— Tambem não digo já, mas a seu tempo.

D. Maria sorriu-se com um sorriso que á comadre não desgostou. Mudaram de conversa.

Passou-se a noite; no outro dia sahiu o enterro com todas as formalidades do estylo. Depois disso tratou-se de resolver uma

importante questão : para a companhia de quem iria o Leonardo ? A abertura do testamento feito neste mesmo dia resolveu a questão. O compadre havia instituído a Leonardo por seu universal herdeiro. A comadre informou de semelhante cousa ao Leonardo-Pataca, e este apresentou-se para tomar conta de seu filho. Não pareceu o rapaz muito satisfeito com a graça: não sei como veio-lhe á idéa aquelle terrível pontapé, que o fizera fugir de casa; além disso rariíssimas vezes vira depois disso a seu pae, e estava completamente desacostumado delle. Não havia porém outro remédio; foi preciso obedecer e acompanhá-lo para casa, onde encontrou sua pequena irmã, e quem a puzera no mundo.

O Leonardo-Pataca começou a cuidar no testamento como homem entendido na matéria, e em pouco tempo deu volta a tudo aquillo.

Cumpra-se notar que se em vida do compadre corriam boatos que pareciam exagerados a respeito do que elle possuía, quando morreu pôde ver-se que esses boatos tinham ainda ficado muito á quebra da verdade, pois deixára elle um bom par de mil cruzados em especie. Entregues alguns legados de pouca monta, etc., tudo o mais veio a cair nas mãos do Leonardo-Pataca como herança de seu filho.

Nos primeiros dias tudo foram flôres por casa de Leonardo-Pataca, ainda que, para falar a verdade, desde a primeira vista não sympathisára muito o moço Leonardo com a cara do objecto dos novos e ultimos cuidados de seu pae.

A comadre assentou que devia substituir ao compadre no amor pelo afilhado, e determinou-se a vir morar com elle em casa de Leonardo-Pataca; assim ficava também reunida á sua neta. O Leonardo-Pataca, que era condescendente, esteve pelo caso, e reuniu-se desse modo á familia toda.

Tudo foram flores a principio; como dissemos, o moço Leonardo e a comadre continuaram as suas visitas por casa de D. Maria; e digamol-o já, o rapaz e a rapariga iam pondo as mangas de fóra; verdade seja que José Manoel trabalhava ajudado do seu cego mestre-de-reza, e não perdia também as esperanças.

Pouco tempo durou o socego em casa de Leonardo-Pataca; Chiquinha (tal era o nome da filha da comadre) começou a emburrar com o seu filho adoptivo; este que, como dissemos, não sympathisára muito com ella, começou uma balburdia de todos os peccados. Todos os dias travavam-se por qualquer ponta, e lá ia tudo pelos ares. O Leonardo-Pataca e a comadre faziam o papel de conciliadores, mas os dous eram ambos altanadíssimos, e muitas vezes o conciliador sahia mal servido, porque aquelle a quem não

dava razão e revoltava contra elle. Se era, por exemplo, a comadre, e dava razão a Leonardo, acudia a filha queixando-se de que sua mãe a abandonava para tomar o partido do afilhado: se pelo contrario, dova razão a Chiquinha, acudia o Leonardo queixando-se de que desgraçado era o filho sem mãe, pois nunca achava quem lhe dêsse razão. Outro tanto acontecia ao Leonardo-Pataca quando se mettia a apaziguar os dous.

Os negocios assim iam mal, pois mais dia menos dia haveria grande barulho em casa.

## VI

### PEOR TRANSTORNO

Um dia o Leonardo recolhera-se para casa muito mortificado, pois que tendo ido visitar D. Maria estivera com ella longo tempo sem que Luizinha lhe tivesse apparecido; de maneira que lhe fôra forçoso no fim de algumas horas retirar-se sem vê-la.

Quem já teve um namoro, por menos serio que seja, e que levou um logro destes; quem se viu obrigado a aturar por muito tempo a conversação de uma velha, tendo de concordar com ella em tudo e por tudo, para não incorrer-lhe no desagrado, só com o fim de trocar com *alguem* um olhar rapido, um sorriso disfarçado ou outra cousa assim, e que por fim de contas nem isso mesmo conseguiu, ha de concordar que o Leonardo tinha toda a razão de estar ardendo com o que lhe succedêra, e o desculparia de qualquer arrebatamento que na occasião o accomettesse. Ha espiritos porém de tal maneira *serrazinas*, que se divertem em augmentar a irritação alheia, e que quanto mais enfiado pilham um infeliz, tanto mais gostam de atirar-lhe alfinetadas.

Chiquinha, a amante de Leonardo-Pataca, era de um genio assim; e, depois que moravam todos juntos, não perdia uma só dessas occasiões em virtude da antipathia que tinha ao rapaz, para fustigar de lingua ao pobre Leonardo. Este, de um genio colerico e pouco acostumado a ser contrariado, ia ás nuvens com semelhante cousa; e se em occasiões ordinarias em que estava de bom humor eram constantes as brigas em casa, calcule-se o que não faria nas occasiões como naquella a que nos referimos, que estivesse cheio de razões, e então por que motivo! Vendo Chiquinha entrar o Leonardo pela porta dentro de cara amarrada e sem dar — *Deus te salve* — a ninguem, sorriu-se com malignidade e concertou a garganta, dizendo entre dentes:

— Melhor cara traga o dia de amanhã.

Leonardo, que percebera o que aquillo queria dizer, fez um gesto arrebatado, sentando-se em uma cadeira, porem com tanta infelicidade, que atirou ao chão uma almofada de renda que se achava junto delle; com a queda rebentaram-se os fios, e uma porção de bilros rolou pela casa. Por maior infelicidade ainda a almofada era de Chiquinha, e Chiquinha tinha grandes ciúmes pela sua almofada. Levantou-se ella do seu logar já fervendo de raiva; poz as mãos nas cadeiras, e, balançando a cabeça á medida que falava, exclamou :

— Ora dá-se um desaforo de tamanha grandeza?... vir da rua com os seus azeites, todo esfogueado, e de proposito, e muito de proposito, fazer-me o que estão vendo, só para me desfeitear, como se fosse aqui um dono de casa que pudesse desfeitear a qualquer sem que nem para que!...

Leonardo ouviu tudo sem interromper, procurando sopear a raiva; e enquanto Chiquinha tomava folego, respondeu com voz tremula e entrecortada :

— Não se metta com a minha vida, porque eu tambem não me importo com a sua; se estou com os azeites...

— Ah bom covado e meio! atalhou Chiquinha, ah! borse ia náu!... ah! major Vidigal!...

— Já lhe disse...

— Qual já lhe disse, nem meio já lhe disse?... namorado sem ventura...

Estas palavras fizeram o effeito de uma folsca em um barril de pólvora. Avançou o Leonardo para Chiquinha com os punhos cerrados e espumando de colera.

— Se me diz mais meia palavra... perco-lhe o respeito... eu nunca lhe dei confiança; e apesar de ser a senhora lá o quer que é de meu pae... perco-lhe o respeito...

— Você sempre mostra que tem raça de saloio, disse Chiquinha empertigando-se e sem réuar um passo.

O Leonardo-Pataca, que estava no interior da casa, acudia apressado ao barulho, e veiu achar os dous ainda em attitude hostil; vendo o filho quasi não quasi a desfeitear o adorado objecto de seus derradeiros affectos, não trepidou em desbaratar com elle.

— Pepaço de mariola... pensas que isto aqui é como a casa de teu padrinho donde sahiste... quero aqui muito respeito a todos... do contrario... já uma vez te dei um pontapé que te fiz andar muitos annos por fóra, dou-te agora outro que te ponho longe daqui para sempre...

— Nunca pensei, interrompeu Chiquinha dirigindo-se ao Leonardo-Pataca, querendo afetar mais o caso: nunca pensei que na sua companhia se viesse a soffrer semelhante cousa...

— Não faças caso, menina, isto é um pedaço de mariola a quem hei de ensinar; por causa de ninguem dou-lhe eu uma rodada, se não por tua causa...

— Por causa della!... atalhou o rapaz; tinha que ver! ha de dar bom pago; tão bom como a cigana...

— Mas nunca lhe hei de dar, acudiu Chiquinha enfurecida com este insulto; nunca lhe hei de dar o que lhe deu tua mãe...

Com isto o Leonardo-Pataca desacoroçoou completamente; que dilúvio de amargas recordações não fizeram tão poucas palavras cair sobre sua cabeça!

— Espera, maltrapilho, espera que te ensino, exclamou vermelho de colera; espera que te ensino...

E, entrando repentinamente no quarto da sala, sahio de lá armado com o espadim do uniforme, e investiu para o filho. Convém dizer que o espadim ia embainhado.

— Não se ponha a perder por minha causa, exclamou Chiquinha agarrando-o pela camisola de chita com que elle estava vestido.

Era inutil porém o medo de Chiquinha, porque o rapaz, vendo que o negocio ia-se tornando feio, tendo-lhe ficado um terror instinctivo do pae depois daquelle pontapé que nunca lhe sahira da memoria, tinha-se posto ao fresco na rua, fechando a rotula sobre si.

— Ah! maroto, disse ainda Leonardo-Pataca, que te havia de desancar...

O Leonardo que fugia por um lado e a comadre que entrava por outro, pois estiyera ausente durante toda a scena. Apenas foi largando a mantilha e viu os dous actores que tinham ficado em scena ainda nas posições do ultimo quadro, tratou de indagar qual era o drama que se acabava de representar.

— Ora foi uma das costumadas do affilhado dos seus amores, respondeu Chiquinha, ainda não socogada.

— Porém ia-lhe sahindo cara desta vez, acudiu Leonardo-Pataca.

— Pois devéras, atalhou a comadre indignada; pois devéras o compadre estava armado de espada para dar no rapaz.

— Olá! que levava tão duro como osso!

— Mas então porque? quantas mortes fez elle de uma vez? onde é que poz fogo na casa? Triste cousa é um filho sem mãe!... Aposto que se eu cá estivesse nada havia de succeder!...

— Sim, respondeu Chiquinha, porque logo havia de tomar as

dóres por elle, segundo é seu costume. Ah! está; muitos filhos tem mãe, e entretanto ellas servem-lhes para isto: tomam as dôres por outros, e deixam-nos de banda.

— Qual! historias! é que tudo leva seu buçado de mão caminho.

— Oh! senhora! atalhou Leonardo-Pataca, se isto vae assim, não ha um momento de sossego nesta casa; acabada uma, começa outra; o que não ha de dizer esta vizinhança? Olhem que isto aqui é casa de um Official de Justiça.

— Mas emfim, disse a comadre, onde está o rapaz? onde é que o enterraram?

— Sahuu por ali desencabrestado, e tomára que cá não volte.

— Ora está bonito! Oh! mas isto não pôde ser assim; correm com o rapaz de casa para fóra!... Elle não é nenhum ingrato, pois sempre tem o que lhe deixou seu padrinho.

— Essas e outras é que o puzeram a perder.

— Sim, mettam-lhe fumaças de rico na cabeça, e não se ver no que dá.

— Coitado, disse lamentando a comadre, aquelle nasceu com má sina.

E, tomando de novo a mantilha, sahuu com as lagrimas nos olhos em procura de Leonardo.

Ao sahir escoravam-n'a á janella tres ou quatro vizinhas.

— Então o que é que fizeram ao moço?

— Que foi isso, Sra. comadre?

— Elle passou por aqui pondo dez leguas por hora.

— Deixem-me, deixem-me, respondeu a comadre, que isto não acaba bem.

## VII

### REMEDIO AOS MALES

O pobre rapaz sahuu, como dissemos, pela porta fóra, e caminhando apressadamente olhava de vez em quando para traz, pois julgava ver ainda enristado contra si o espadim com que o ameaçára, que parecia com elle querer acabar a obra que com um pontapé começára. Andou a bom andar por largo tempo e foi dar consigo lá para as bandas dos Cajueiros; cansado, offegante, sentou-se sobre umas pedras, e quem o visse com ar triste e pensativo julgaria que elle sciava na sua posição e no caminho que havia de tomar. Pois enganava-se redondamente quem tal jul-

gasse: pensava em Luizinha. Pensando nella não podia, é verdade, abster-se de ver surgir diante dos olhos o terrível José Manoel; e isto explicava certos movimentos de impaciência que de vez em quando se lhe podiam observar. Tinha gasto largo tempo nesta meditação, quando foi repentinamente acordado por umas poucas de gargalhadas partidas detraz de umas moitas vizinhas. Estremeceu da cabeça aos pés: pareceu-lhe que lhe tinham lido os pensamentos que lhe passavam pela mente e que se riam delle. Voltou-se, nada viu guiado por um rumor que ouvia, começou a procurar, e sem grande trabalho viu, atraz de umas moitas um pouco altas, uns poucos de rapazes e raparigas, que, assentados em uma esteira entre os restos de um jantar, debruçavam-se curiosos sobre dous parceiros que, com um baralho de cartas amarrotado e sujo, desencabeçavam uma intrincada partida de bisca! As gargalhadas que ouvia na pouco tinham sido a consequência de um capote que um d'elles acabava de levar. A' vista daquelles restos de um jantar, que, se não parecia ter sido abundante, fez-lhe lembrar que sahira de casa na occasião de pôr-se a mesa, deu-lhe então o estomago umas formidaveis badaladas. Tentou entretanto voltar, porque não se queria metter em festa alheia, quando, levantando um dos jogadores a cabeça, conheceu nelle um seu antigo camarada, o menino que fôra sacristão da Sé. Ainda que apezar disso se quizesse retirar, já era tarde, porque, com o movimento que fizera, o jogador, dando com elle, o havia tambem conhecido.

— Olá, Leonardo! porque cargas d'agua vieste para a estas alturas? Pensei que te tinha já o diabo lambido os ossos, pois depois daquelle maldito dia em que nos vimos em pancas por causa do mestre de cerimonias, nunca mais te puz a vista em cima.

Leonardo chegou-se ao rancho, e, trocados os cumprimentos com o seu antigo camarada, foi convidado a servir-se de alguma coisa do que ainda havia. Quiz fazer cerimonia, mas não estava em circumstancias disso: uma das moças serviu-o, e, enquanto continuava a bisca, comeu elle a barrete fóra.

— Escorropicha essa garrafa que ahi resta, disse-lhe o amigo, e vê se o vinho tem o mesmo gosto daquelle que em outro tempo escorropichavamos juntos das galhetas da Sé, com desespero de meu pae e furor do mestre-de-cerimonias.

Quando Leonardo acabou de comer, acabaram tambem os dous parceiros de jogar: chamou então o amigo á parte, e perguntou-lhe:

- Então que gente é esta com que te achas aqui de sucia!
- É' minha gente.

— Tua gente ?

— Sim, pois não vês aquella moça morena que ali está ?

— Sim, e então ?

— Ora !...

— Pois tu casaste ?

— Não... mas que tem isso ?

— Ah !... estás de moça !

— E tu ?

— Eu... ora, nem te digo... morreu meu padrinho.

— Sim, ouvi dizer.

— Fui para a casa de meu pae... e de repente, hoje mesmo, brigo lá com a *cuja* delle; elle corre de espada atraz de mim, e eu safo-me. Parei ali adiante, e as gargalhadas que vocês aqui davam...

— Sei do resto... E agora tu não tens para onde ir ?

— Homem, eu ia ver...

— Ver o que ?

— Ver por ahi...

— Por ahi, por onde ?

— Nem mesmo eu sei...

E desataram os dous a rir. Quando temos apenas dezoito a vinte annos sobre os hombros, o que é um peso ainda muito leve, desprezamos o passado, rimo-nos do presente, e entregamo-nos descuidados a essa confiança cega no dia de amanhã, que é o melhor apanagio da mocidade.

— Sabes que mais ? continuou o amigo do Leonardo, vem com osco, e não te has de arrepender.

— Mas com vocês, para onde ?

— Para onde ? Sem duvida algum partido melhor tens a escolher ? queres fazer cerimoniaes ?

Começava a cahir a noite.

— Vamos levantar a suca, minha gente, disse um dos convivas.

— Sim, vamos.

— Nada, inda não: Vidinha vae cantar uma modinha.

— Sim, sim, uma modinha primeiro; aquella "Se os meus suspiros pudessem."

— Não, essa não, cante antes aquella : "Quando as glorias que eu gozei."

— Vamos lá, decidam, respondeu uma voz de moça aflautada e languida.

Vidinha era uma mulatinha de dezoito a vinte annos, de altu-

ra regular, hombros largos, peitos alteiados, cintura fina e pés pequeninos; tinha olhos muito pretos e muito vivos, os lábios grossos e húmidos, os dentes alvíssimos, a falla era um pouco descansada, doce e afinada.

Cada phrase que proferia era interrompida com uma risada prolongada e sonora, e com um certo cahido de cabeça para traz, talvez gracioso se não tivesse muito de affectado.

Assentou-se finalmente que ella cantaria a modinha: "Se os meus suspiros pudessem."

Tomou Vidinha uma viola, e cantou acompanhando-se em uma toada insípida hoje, porém de grande acceitação naquelle tempo, o seguinte:

Se os meus suspiros pudessem  
Aos teus ouvidos chegar,  
Verias que uma paixão  
Tem poder de assassinar.

Não são de zelos  
Os meus queixumes.  
Nem de ciúme  
Abrazader.  
São de saudades  
Que me atormentam  
Na dura ausencia  
De meu amor.

O Leonardo, que talvez hereditariamente tinha queda para aquellas cousas, ouviu bequiberto a modinha, e tal impressão lhe causou, que depois disso nunca mais tirou os olhos de cima da cantora. A modinha foi applaudida como oumpria. Levantaram-se então, arrumaram tudo o que tinham levado em cestos, e puzeram-se a caminho, acompanhando o Leonardo o farrancho.

## VIII

### NOVOS AMORES

Chegaram todos depois de longo caminho, e quando já brilhava nos céus um desses huars magníficos que só fazem no Rio de Janeiro, a uma casa da rua da Valla. Naquelles tempos uma noite de luar era muito aproveitada, ninguém ficava em casa; os que

não saham a passeio sentavam-se em esteiras ás portas, e allí passavam longas horas em descantes, em ceias, em conversas, muitos dormiam a noite inteira ao relento.

Como os nossos conhecidos já tinham dado um grande passeio, adoptaram o expediente das esteiras á porta, e continuaram assim pela noite em diante a sucia em que haviam gasto o dia, pois aquillo que Leonardo vira nos Cajueiros, e em que tambem tomára parte, era o final de uma patuscada que havia começado ao amanhecer, de uma dessas romarias consagradas ao prazer, que eram então tão communs e tão estimadas.

Agora devemos dar ao leitor conhecimento da nova gente, no meio da qual se acha o nosso Leonardo. Se nos pudessamos recorrer aqui do amigo José Manoel, sem duvida nos desfolhariamos toda a arvore genéologica dessa familia a quem o amigo de Leonardo chamava a *sua gente*; porém, contentem-se os leitores com o presente sem indagar o passado. Sabam pois que a familia era composta de duas irmãs, ambas viúvas, ou que pelo menos diziam sel-o, uma com tres filhos e outra com tres filhas; passando qualquer das duas dos seus quarenta e tantos: ambas gordas e excessivamente parecidas. Os tres filhos da primeira eram tres formidaveis rapagões de 20 annos para cima, empregados todos na Trem: as tres filhas da segunda eram tres raparigas desempenadas, orçando pela mesma idade dos primos, e bonitas cada uma no seu genero. Uma dellas já os leitores conhecem: é Vidinha, a cantora de modinhas, era solteira como uma de suas irmãs: a ultima era tambem solteira, porém não como estas duas. O amigo do Leonardo que explique o que isso quer dizer, e explicando dará tambem a conhecer o que era elle proprio na familia. Os mais que se achavam presentes eram pela maior parte vizinhos que se reuniam para aquellas sucias, que eram tradicionaes na familia.

Quando chegaram a casa, o amigo do Leonardo tomou as duas velhas de parte, e começou a conversar com ellas, sem duvida e respeito do Leonardo, pois que o olhavam todos tres durante a conversa: e mesmo quem tivesse o ouvido atilado teria escutado ás velhas estas palavras:

— Coitado do amigo!...

— Ora vejam que pae de más entranhas!...

Outro qualquer que tivesse mais idade, ou antes, fallando sero, mais juizo e outra educação, envergonhar-se-ia talvez a ponto de achar-se na posição em que se achava o Leonardo, porém elle nem nisso pensava, e o que é mais, nem mais pensava naquillo que até então lhe não sahía da cabeça, isto vé, em Luizinha de um

lado e José Manoel do outro: agora não via senão os olhos negros e brilhantes, e os alvos dentes de Vidinha: não ouvia senão o eco da modinha que ella cantára. Estava pois embebido n'um extasi contemplativo.

Não mais pensaria quando lhe restasse tempo.

Mal se haviam todos sentado em uma larga esteira junto á soleira da porta sobre a calçada, o Leonardo propoz logo que se cantasse uma nova modinha.

— Qual... respondeu Vidinha acompanhando este *qual* da sua costumada risada; estou já tão cansada... que nem posso!

— Ora... ora... disseram umas poucas de vezes. Além do costume das risadas tinha Vidinha um outro, e era o de começar sempre tudo que tinha a dizer por um *qual* muito accentuado respondeu ainda portanto:

— Qual... pois se eu também já cantei tudo que sabia. Qual, meu Deus! nem eu posso mais!

— Ainda não cantou a minha favorita, disse um dos presentes.

— Nem a minha, disse outro.

— Eu também, accrescentou outro, ainda não lhe pedi aquella lá do peito.

— Qual, meu Deus! onde é que isto vae parar!

— Ora, mana, não se faça de boa.

— Ai, creatura, disse uma das velhas, quereis que vos reze um responso para cantardes uma modinha?

Leonardo, vendo a sua causa advogada por tantas vezes, conservou-se calado. Tentados mais alguns meios, e feitas mais algumas negaças, Vidinha decidiu-se, e tomando a viola cantou, segundo a indicação de uma das velhas, o seguinte:

Duros ferros me prenderam  
 No momento de té ver;  
 Agora quero quebral-os,  
 E' tarde, não póde ser.

Este ultimo passo acabou de desorientar completamente o Leonardo: ainda bem não tinham expirado as ultimas notas do canto, e já, passando-lhe rapido pela mente um turbilhão de idéas, admirava-se elle de como é que havia podido inclinar-se por um só instante a Luizinha, menina sensaborona e exquisita, quando havia no mundo mulheres como Vidinha.

Decididamente, estava apaixonado por esta ultima.

O leitor não se deve admirar disto, pois não temos cessado de

repetir-lhe que o Leonardo herdára de seu pae aquella grande cópia de fluido amoroso que era a sua principal característica. Com esta herança parece, porém, que tinha elle tido também uma outra, e era a de lhe sobrevir sempre uma contrariedade em casos semelhantes. José Manoel fôra o primeiro; vejamos agora qual era, ou antes, quem era o segundo.

Se o leitor pensou que ha pouco dissemos, isto é, que naquella familia haviam tres primos e tres primas, e se agora, accrescermos que moravam todos juntos, deve ter esasmado alguma coisa a respeito. Tres primos e tres primas, morando na mesma casa, todos moços... não ha nada mais natural; um primo para cada prima, e está tudo arranjado. Cumpre porém ainda observar que o amigo do Leonardo tomára conta de uma das primas, e que deste modo vinha a haver tres primos para duas primas, isto é, o excesso de um primo. A' vista disso o negocio já se torna mais complicado. Pois, para encurtar razão, saiba-se que havia dous primos pretendentes a uma só prima, e essa era Vidinha, a mais bonita de todas; saiba-se mais que um era attendido e outro desprezado: logo, o amigo Leonardo terá desta vez de lutar com duas contrariedades em vez de uma.

Mas por ora de nada sabia delle, e entregava-se tranquillo ás suas emoções sem se lembrar do que qualquer se lembraria, que entre primos e primas ha assim um certo direito mutuo em negocio de amor, que muito prejudica a qualquer pretendente externo.

Gastaram grande parte da noite ali sentados, e trataram de recolher-se já muito tarde.

O amigo do Leonardo, a quem daqui em diante trataremos pelo seu proprio nome de Thomaz com o appellido — da Sé — ambos herdados de seu pae, declarou que o seu amigo ficava ali por aquella noite, por já ser muito tarde; quiz assim poupar-lhe um vexame, e mostrou nisso ser bom amigo.

Assim que o nosso Leonardo está installado em quartel seguro, vamos occupar-nos de alguma coisa de importante que havíamos deixado suspensa.

## IX

### JOSE' MANOEL TRIUMPHA

A comadre correrá toda a cidade, e em parte alguma encontrara o Leonardo, enquanto cançava-se assim a procural-o, estava elle tranquillo e descansado mirando-se nos olhos de Vidinha, re-

galando-se a ouvir modinhas, como sabem os leitores, sem se lembrar do que ia pelo mundo.

A pobre mulher, depois de muito cançada, foi ter a casa de D. Maria. Era já noite fechada.

Quando ella entrava sabia o mestre-de-reza que acabava de dar a sua lição ás crias de casa. A comadre ha algum tempo que andava desconfiada do mestre-de-reza; combinando o que por ahi se dizia do seu credito com certas cousas que tivera occasião de presenciar, estava quasi a concluir que era elle emissario de José Manoel junto á côrte de D. Maria. Não gostou, portanto, do encontro, e doeu-lhe o cabello vel-o sahir áquella hora, pois que de ordinario as lições não se demoravam até tão tarde; e para mettê-lo á bulha disse-lhe :

— A lição foi hoje cumprida, devoto... as raparigas parecem que gostam mais da *Cambeticoe* do que da reza.

— Não, respondeu o velho com sua voz fanhosa, ellas não vão mal, empacam em alguns logares, mas sempre vão indo; bem sabe tambem que sempre traga commigo o santo remedio.

El afagou o cabo da palmatoria com que sempre andava armado.

— Ah ! então esteve o devoto de conversa; gosta tambem de dar á lingua...

— Não desgosto; mas tambem não digo senão aquillo que sei, isto é, aquillo que ouço; os outros gastam o seu tempo a ver e a ouvir; eu como não posso senão ouvir, emprego a fallar o que os mais empregam a ver; fallo, e fallo muito; mas que quer se me sobra tempo para isso ? e demais, bem sabe que não é trabalho que cance. Meus paes eram Algarvios, e eu não quero desmentir a minha paternidade.

— (Então já sei que hoje desenterraram-se mortos e enterraram-se vivos; pois eu não posso fazer outro tanto, porque vou aqui muito e muito zangada de minha vida. Se o devoto, como é homem, que muito gyra por toda esta cidade, souber por ahi noticias de meu afilhado Leonardo, queira vir dar-me parte, pois sahiu nos elle hoje de casa lá por causa de umas historias, e não sei por onde andaré dando com os ossos.

— Ora, isto fica por minha conta; não ha nada mais facil do que dar com elle.

El aqui terminou esta conversa que tinha logar na porta da rua, e com a qual não ficara a comadre muito contente. D. Maria, que ouvira tudo, veio ao encontro da comadre, e foi-lhe logo dizendo antes de lhe dar tempo de tirar a mantilha :

— Então já o rapaz não está em casa? Senhora, aquillo é genio, nasceu com elle, e com elle ha de ir á sepultura. Bem me diziam o quo elle era, e apezar do seu ar sonoço nunca lhe fiz pé.

— Adeus que me está a senhora a pôr culpas em quem não as têm; o rapaz desta vez tem toda a razão...

— Ora, historias da vida; isso diz você porque o estiana como se fosse sua mãe; mas vá com esta que eu lhe digo: os rapazes de agora andam de cabeça levantada... Mas o defunto Padrinho — Deus lhe falle n'alma — foi o primeiro que teve culpa de tudo isso com aquellas fumaças de Coimbra que lhe mettem na cabeça...

— Mas, senhor de Deus, se o bruto do paé até chegou a cor-re-lo de espada na mão...

— Que tal não faria elle! mas que tinha isso? o paé não o havia de esquartejar... por certo, que eu bem lhe conheço o genio; aquillo era raiva, e havia de passar; devia elle sujeitar-se... sempre é seu paé.

— Com a Virgem Santa! pois se tudo isso foi por uma cousa de nada, por causa de uma almofada de renda... Isto é cousa que se creia?!... E agora para onde é que ha de ir aquelle coitado?...

— Ha de estar por ahí mettido em algum fado de ciganos; não se lembra do que elle fez quando o padrinho era vivo?

— Ora, criançadas... para que fallar nisso?

Este dialogo ia continuando interminavel sobre o mesmo assumpto, quando D. Maria, mudando repentinamente de conversa, disse á comadré:

— Ora é verdade, sente-se para cá que temos contas que ajustar...

— Contas!...

— E muito compridas, começo por dizer, acrescentou D. Maria, que não parecia estar nesta occasião de muito bom humor; começo por dizer-lhe mesmo na bochecha que quando fôr a confissão este anno trate de desobrigar-se de um grande peccado que commetteu.

— E eu que já não tenho poucos; mas então o que é?

— É um alevé, senhora, um alevé muito grande que levantou a pessoa que tal não merecia.

A comadre não precisou de mais nada para conhecer onde é que tudo aquillo ia parar; o alevé mais moderno de que a accusava a sua consciencia bem sabia qual era. Começou a ver tudo claro como o dia; viu José Manoel justificar-se completamente aos olhos de D. Maria a respeito da historia do roubo da moça no Oratorio de Pedra, viu tambem como medianoiro dessa justificação

o cego mestre-dé-reza. Ficou pois visivelmente incommodada; voltava-se de um para outro lado, como se estivesse cheia de espinhos a banquinha em que estava sentada, e teve um forte acesso de fosse quando D. Maria acabou de pronunciar aquellas ultimas palavras.

— Tudo quanto me disse a respeito de José Manoel naquella historia do roubo da moça, continuou D. Maria fazendo-se vermelha, o que era nella mau signal, é falso, e muito falso. Sei isto de parte muito certa...

Novo accesso de tosse acommetteu a comadre.

— Pois olhe, proseguiu D. Maria, tinha eu dado todo o credito, tanto que havia rompido por um accesso com o pobre do homem, mas não cáio n'outra; esta me serviu de emenda.

A comadre viu que o vento se lhe ia tornando absolutamente contrario; comprehendeu que D. Maria estava muito bem informada, e que inutil seria qualquer sustentação que pretendesse fazer de tudo quanto havia avançado; isso só serviria para aggravar-lhe a posição.

Forjou, pois, repentinamente um novo plano e disse :

— Não me dá nada de novo, senhora; sei muito bem de tudo; o homem está nesse negocio como Pilatos no Credo.

— Mas lembre-se que me havia dito que tinha visto com seus proprios olhos.

— Ah! senhora, era o diabo por elle nunca vi cousa assim tão parecida. Outro dia porém soube de tudo, e agora está arrependida.

— Mandei por isso chamar o pobre homem, continuou D. Maria, que de offendido que estava com o modo por que eu o tratava custu muito a vir, e abri-me aqui com elle.

E uma cousa lhe digo, é que a comadre não está bem no negocio; elle expoz-me certas cousas... a que eu enfim não quiz dar credito.

— Pois então a senhora disse-lhe que eu é que...

— Não fui eu quem lhe disse; elle já o sabia, e não era possível negar-lh'o. Foi então que elle me quiz abrir os olhos sobre outros pontos...

A comadre, que via todo o caldo entornado naquelles outros pontos, tratava de desviar a conversação, fazendo que não dera attenção a essas ultimas palavras.

— Mas então, perguntou, por quem foi que soube como tinha sido o negocio? quero ver se combina cá com o que sei.

— Ainda ha pouco acabou de sair daqui quem me pôz o negócio todo em pratos limpos.

— Ah! disse a comadre.

E mordeu os beiços, fazendo um gesto que queria dizer: “nunca me enganei!”

D. Maria proseguiu contando á comadre que, tendo fallado em semelhante negocio ao mestre-de-reza, elle lhe havia negado tudo quanto esta lhe dissera a respeito de José Manoel; que muito tempo luctara com o velho para que lhe dissesse o que havia a respeito e em que fundava a denegação que fazia; que finalmente, depois de Grande resistencia, tinha-lhe elle trazido á casa, mesmo no dia antecedente, o pae da moça, que tudo confessara, declarando o nome da pessoa com quem se achava sua filha, que elle já conhecia, e com quem tinha feito as pazes.

— E' exactamente o que eu sabia, disse a comadre no fim da narração; foi tudo isso mesmo. Veja, senhora, a que está sujeita a gente desta vida; e levantar falsos aos mais.

Agora informemos ao leitor que tudo que se acabava de passar tinha sido com effeito obra do mestre-de-reza. Pouco a pouco, se tinha instruido do que se passava em casa de D. Maria a respeito do seu cliente José Manoel; tinha conseguido saber quem havia armado a intriga; indagou tambem o que se passava em casa de Leonardo-Pataca; e como já se fallava um pouco alto a respeito das pretensões de Leonardo, combinando umas cousas com outras, chegaram á concisão certissima daquillo que com effeito se passára.

D. Maria pareceu dar credito ao arrependimento da comadre, e começou-lhe a applacar o humor um pouco desabrido em que se achava.

Voitaram á questão da sahida do Leonardo de casa, e desta vez já D. Maria não se mostrou tão inflexivel para com o rapaz. Entretanto á comadre não lhe sahiram da cabeça aquellas palavras de D. Maria: “abriu-me os olhos sobre os outros pontos”; e, depois que viu D. Maria mais apaziguada, tentou chamar de novo a conversa para esse ponto, e como que pedir explicações. Ella previa a significação daquellas palavras, sem duvida nenhuma que se referiam ás suas pretensões ou ás de seu affilhado sobre Luizinha, porém queria saber as côres com que esse negocio tinha sido pintado a D. Maria por José Manoel.

Isso foi-lhe porém fatal, porque soube (o que lhe não foi nada agradável) que o negocio estava muito mal parado a respeito do seu affilhado, e pelo contrario muito adiantado a favor do seu ad-

versario. D. Maria, depois de declarar que José Manoel se tinha queixado da comadre, attribuindo-lhe tudo que se havia passado, que não era mais do que uma intriga urdida com o fim de o apartar de sua casa, porque tinham sobre elle cahido suspeitas, que confessava justas, accrescentou finalmente que José Manoel, completamente justificado, graças á intervenção do mestre-de-rezã, acabára por lhe dar a entender alguma coisa a respeito de Luizinha, o que D. Maria confessou não lhe ter sido totalmente desagradavel, porque enfim, segundo allegava, José Manoel era um homem sizo do e de juizo, tinha corrido mundo, e não era nenhum criança (esta palavra doeu á comadre) que não fosse capaz de tratar bem de uma moça. A comadre descôroçoou completamente com estas ultimas declarações; porém o que fazer na occasião? Ella mesma típha ha pouco confessado o risco que se está a cada momento de ser injusto com o proximo, e não podia sem risco aventurar, pelo menos naquella occasião, alguma coisa contra José Manoel, tanto mais que tão mal se havia sahido da primeira intriga que armára. Contentou-se, pois, com repetir uma observação que D. Maria mesmo lhe havia feito ha pouco tempo, e disse, referindo-se:

— Gente, pois aquella criança já está para éssas!...

— Sim, respondeu D. Maria, está ainda verdezinha, mas tambem isso não é sangria desataca.

A comadre respirou, pois viu que ainda havia tempo a ganhar.

## X

### O AGGREGADO

Passaram-se assim algumas semanas: Leonardq, depois de acabadas todas as cerimonias, foi declarado aggregado á casa de Thomaz da Sé, e ahí continuou convenientemente arranjado. Ninguem se admire da facilidade com que se faziam semelhantes cousas; no tempo em que se passavam os factos que vamos narrando nada havia mais commum do que ter cada casa um, dous, e ás vezes mais aggregados.

Em certas casas os aggregados eram muito uteis, porque a familia tirava grande proveito de seus serviços, e já tivemos occasião de dar exemplo disso quando contamos a historia do finado padrinho de Leonardo; outras vezes, porém, e estas eram em maior numero, o aggregado, refinado, vadio, era uma verdadeira parasita que se prendia á arvore familiar, que lhe participava da seiva sem ajuda-la a dar os fructos, e o que é mais ainda, chegava mesmo a

dar cabo de lla. E o caso é que, apesar de tudo, se na primeira hypothese o esmagavam com o peso de mil exigencias, se lhe batiam a cada passo com os favores na cara, se o filho mais velho da casa, por exemplo, o tomava por seu divertimento, e á menor e mais justa queixa saltavam-lhe os paes por cima tomando o partido de seu filho, no segundo aturavam quanto desconcerto havia com paciencia de martyr, o agregado tornava-se quasi rei em casa, punha e dispunha, castigava os escravos, ralhava com os filhos, intervinha emfim nos mais particulares negocios.

Em qual dos casos estava ou viria a estar em breve o nosso amigo Leonardo? O leitor que o decida pelo que se vae passar.

Principiemos por declarar que as duas velhas irmãs tinham concebido desde o primeiro momento uma decidida sympathia por elle, e era esse o unico ponto por onde o podemos julgar um pouco feliz: se a cada passo encontrava contrariedades e antipathias, tambem lhe não faltavam por contrabalanço sympathias e favores. Isto já era meio caminho andado para qualquer projecto que elle formasse; qualquer intenção que tivesse ou desejo que se lhe despertasse. Mas note-se que para não falhar a lei das compensações, que pesava constantemente sobre elle, logo o projecto, a intenção o desejo que teve succedeu ser a respeito de uma *cousa* que já tinha despertado igual projecto, intenção e desejo em duas outras pessoas, o que equivale a dizer-se, como já o fizemos, que tinha de lutar com duas difficuldades.

Vidinha era uma rapariga que tinha tanto de bonita como de movediça e leve: um soprozinho, por brando que fosse, a fazia voar, outro de egual natureza a fazia voar, e voava e revoava na direcção de quantos sopros por ella passassem; isto quer dizer, em linguagem chã e despida dos trejeitos da rhetorica, que ella era uma formidavel namoradeira, como hoje se diz, para não dizer lambeta, como se dizia naquelle tempo. Portanto não foram de modo algum mal recebidas as primeiras finezas do Leonardo, que desta vez se tornou muito mais desembaraçado, quer porque já o negocio com Luizinha o tivesse desasnado, quer porque agora fosse a paixão mais forte, embora esta ultima hypothese vá de encontro á opinião dos ultra-romanticos, que põem todos os bofes pela bocca, pelo tal — primeiro amor: — no exemplo que nos dá o Leonardo aprendam o quanto elle tem de duradouro.

Se um dos primos de Vidinha, que dissemos ser o attendido naquella occasião, teve motivo para levantar-se contra o Leonardo como seu rival, o outro primo, que dissemos ser o desattendido, teve dobrada razão para isso, porque além do irmão apresentava-

se o Leonardo como segundo concorrente, e o furor de quem se defende contra dous é, ou deve ser, sem duvida, muito maior do que o que se defende contra um.

Declarou-se, portanto, desde que começaram a apparecer os symptomas do quer que fosse entre Vidinha e o nosso hospede, guerra de dous contra um, ou de um contra dous. A principio foi ella surda e muda; era guerra de olhares, de gestos, de desfeitas, de más caras, de máus modos de uns para com os outros; depois, seguindo o adiantamento do Leonardo, passou a diterios, a chasques, a remoques. Um dia, finalmente, desandou em descompostura cerrada, em ameaças do tamanho da torre de Babel, e foi causa disto ter um dos primos pilhado o Meliz Leonardo em flagrante gozo de uma primicia amorosa, em abraço que no quintal trocava com Vidinha.

— Ahi está, minha tia, disséra enfurecido o rapaz dirigindo-se á mãe de Vidinha; ahi está o lucro que se tira de metter-se para dentro de casa um par de pernas que não pertence á familia...

— Onde é, onde é que está pegando fogo? disse a velha em tom de escarneo, suppondo ser alguma asneira do rapaz, que era em tudo muito exagerado.

— Fogo, replicou este; se ali pegar fogo não haverá agua que o apague... e olhe o que lhe digo, se não está pegando fogo... está-se ajuntando lenha para isso.

Vidinha, que vinha chegando nessa occasião, tomou a palavra e fallou durante meia hora sem interrupção, soltando contra os dous primos (pois que o outro tambem já tinha tambem intervido) uma tremenda catilinaria em que a palavra — qual — foi repetida enorme numero de vezes. Leonardo teve tambem de defender-se, e fallou pelos cotovellos. As duas velhas acompanharam aos quatro seguidas das outras duas moças, que mettiam tambem de vez em quando a sua colherada.

Seria inutil a tentativa de querermos repetir as palavras textuaes de cada um dos falladores; isso seria cousa pouco mais ou menos semelhante a querer contar-se n'uma tempestade os pingos de chuva que cahem. Só quem já teve occasião de assistir póde bem avaliar o que era e talvez ainda é uma dessas brigas no interior de uma familia. Todos fallam a um tempo, esforçando-se cada um por fallar mais alto do que todos os outros; ninguem parece attender ás desculpas que se apresentam, nem ás recriminações que se fazem, e entretanto de minuto em minuto cada qual, tomando mais calor, se julga dobradamente offendido; as juras se cruzam, as ameaças se chocam; não fica no dictionario termo-

zinho de escolha que não sala á frente; umas questões trazem pntaes; recorre-se ás offensas passadas, presentes e futuras para fazer-se carga aos adversarios. Tudo emfim se diz, e nada se consegue; a briga dura muitas horas, ao termo das quaes os contendores, *fatigatis sed non satiatis*, abandonam o campo, ficando mais encarniçados uns contra os outros do que o estavam a principio. E se por acaso, tocando já em retirada, algum cousa ainda soltar uma derradeira imprecação, pega de novo a cousa, e dura ainda bom pedaço. As mais das vezes fica tudó em palavras.

Desta vez, porém, não succedeu assim: um dos primos, que era *esquentadete*, avançou para o Leonardo depois de lhe ter mandado, como batedor, uma grande injuria, e deu-lhe dous safanões, agarrando-o pela goia da camisa. Leonardo, que neste mundo só tinha medo do pae, reagiu contra o aggressor; as duas velhas e Vidinha, tentando apartal-os, não faziam mais do que rompar-lhes a roupa e augmentar-lhes a raiva; as demais pessoas occupavam-se em bater nas paredes e chamar os vizinhos. Luctaram os dous por algum tempo sem que diso resultasse accidente grave para nenhum delles, e afinal apartaram-se. Leonardo, apenas se viu livre do seu adversario, foi querendo pôr-se no andar da rua: pôsava sobre o infeliz desde criança uma especie de sina de *Juden Errante*. As velhas, que em todo o barulho tinham tomado o partido delle, não consentiram porém nisso; allegaram que estavam em sua casa, e podiam mandar como quizessem. Leonardo insistiu apezar diso e apezar dos rogos de Vidinha; porém, no momento em que tentava abrir a porta da rua, entrou por ella a comadre.

— Ora graças que o encontro, senhor doudo de pedras...

O Leonardo recuou dous passos: naquelle momento, assim como lhe aconteceu desde que sahio de casa de seu pae, nem lhe passava pela idéa que tivesse no mundo uma madrinha, um pae, ou qualquer parente que fosse. Houve em todos um movimento de admiração e curiosidade, pois ninguem na casa conhecia a comadre.

Tantas cousas havia feito a boa mulher, que afinal soubera do ninho a que se acoihera o affilhado, e immediatamente para lá se dirigira. Tendo entrado e dito aquellas primeiras palavras, queria logo depois seguir com uma grande exhortação ao sobrinho, quando, tendo visto as duas velhas, assentou que era melhor dir-girse a ellas em primeiro lugar.

## XI

## MAESINAÇÃO

As tres velhas conversaram por largo tempo, não porque muitas cousas se tivesse a dizer a respeito do que se acabava de passar, porém por que a comadre, remontando ao mais remoto passado, entendera que para dizer que muito se interessava pela volta do afilhado para a casa era mister contar desde sua origem a vida inteira deste, de sua mãe, de seu pae, e a sua propria, que fôra a mais comprida de todas, e porque as duas velhas entenderam que para dizerem que o Leonardo estava ali muito bem, e que não consentiriam que elle soubesse, entenderam ser preciso fazer o que havia feito a comadre contra a sua vida e de toda a familia desde as éras primitivas. — Ora, como todas essas historias contadas de parte a parte eram cheias de episodios, já sentimentaes, já tocantes, já alegres, correram tambem algumas lagrimas durante a conversação. Não ha nada que mais sirva para fazer nascer e firmar a amizade, e mesmo a intimidade, do que seja o riso e lagrimas: aquelles que se riram, e principalmente aquelles que uma vez choraram juntos, tem muita facilidade em fazerem-se amigos. Com effeito, no fim da conversa, as tres velhas estimavam-se naturalmente de uma maneira incrível.

Se esta facilidade de expansão não fosse acompanhada de grande difficuldade de rompimentos e de intrigas, seria uma das grandes virtudes daquelle tempo. Porém as sympathias que se creavam em uma hora de conversa transformavam-se em odio n'um minuto de desavença.

Quando as tres velhas conversavam, os contendores acalmaram-se; passou a tormenta, e se tudo não ficou logo acabado, ficou pelo menos esquecido por algum tempo. Leonardo achava-se já disposto a intentar ás supplicas de Vidinha e das outras moças que o não queriam por modo algum fóra de casa; os dous rivaes derrotados pareciam resignar-se.

Quando terminou a conferencia das tres, a comadre entendeu que era chegado o momento de começar a pregação ao Leonardo, e começou nestes termos:

— Rapaz dos trezentos demos, malham-te os serafins... tu tens essa cabeça pedras em vez de miolos; o sol não cobre creatura mais renegada do que tu. E's um vira-mundo; andas feito um valdevinos, sem eira nem beira nem ramo de figueira, sem officio nem beneficio, sendo pesado a todos nesta vida...

— Se é cá connosco que falla, acudiu uma das velhas, deixo-o estar aonde está que está muito bem.

— Qual! senhora, pois se vem levantar poeira na casa alheia! é um gallo de brigas.

— Ora isso é lá cousa entre rapazes e raparigas; deixai-os que elles se arranjarão, redarguiu a velha.

Ingenuidade infantil das velhas daquelle tempo!

A comadre ia proseguir; porém, sendo a cada passo interrompida, tomou por seu barato dar a cousa por finda. Retirou-se, ficando convencido que Leonardo permaneceria onde estava.

Vidinha ficou contentissima com semelhante resultado; os primos, porém, fizeram má cara, porque tal não esperavam. Desde que viram que tudo ia continuar no mesmo pé, renasceu-lhes o despeito. Atiraram algumas indirectas, com as quaes ia tudo pegando logo novamente; porém contiveram-se ainda; um delles chamou o outro em particular, e começaram por seu turno a conferenciar, porém em segredo. Não havia nada mais natural: o inimigo era common, juntavam-se para atacal-o; depois que elle fosse derrotado, a questão se decidiria então entre os dous.

Depois desta ultima conferencia serenou tudo definitivamente; cada qual recolheu-se a seu posto, e passaram-se muitos dias em santa paz. Durante esses dias mais se estreitaram os laços entre o Leonardo e Vidinha. E' sempre assim que succede: quereis que nos liguemos estreitamente a uma cousa? Fazei-nos soffrer por ella. Os dous tinham soffido um pelo outro, e era isto uma forte razão para se amarem cada vez mais.

A comadre vinha regularmente ver o afilhado e visitar suas novas amigas.

Tudo parecia enfim nos seus eixos naturaes: porém os dous primos tramavam, e tramavam largamente. Ninguem entretanto atinava com o que seria.

Leonardo passava vida completa de vadio, mettido em casa todo o santo dia, sem lhe dar o menor abalo o que se passava lá fóra pelo mundo. O seu mundo consistia unicamente nos olhos, nos sorrisos e nos requiebrs de Vidinha.

Um dia forjaram uma patiscada semelhante á que dá a origem ao conhecimento do Leonardo com a familia. Deviam sair de madrugada da cidade e passarem fóra o dia. Preparou-se tudo: cestos de comida, esteiras e mais arranjos. Vidinha mandou encordoar de novo sua viola; avisaram-se os convivas do costume.

A' hora aprazada partiram.

Quem estivesse menos distraído pelo prazer da patiscada do

que estava qualquer dos suciantes, notaria que os dous primos deixavam-se de vez em quando ficar atraz, e cochichavam como se tramassem uma conspiração. Ninguém porém dera attenção a semelhante cousa.

Chegaram ao logar determinado ao romper do dia. Apenas começavam a preparar-se para o almoço, viram surdir, ninguém soube bem de onde, a figura alta, magra, severa e sarcástica do nosso celebre major Vidigal. Correu por todos um signal de pouco contentamento, excepto pelos primos, que trocaram entre si um olhar de intelligencia e triumpho.

Os olhos de Vidinha dirigiram-se instinctivamente para Leonardo.

O major Vidigal deixou passar o primeiro momento de surpresa, e depois, sorrindo-se, disse, como costumava, com sua voz descaçada :

— Não tenham medo de mim que não sou nenhum papa-crianças, nem eu venho desmanchar prazeres de ninguém. Quero só saber quem é aqui o amigo Leonardo.

Vidinha fez logo cara de choro. Leonardo levantou-se sem saber como, e disse todo tremulo :

— Sou eu...

— Ora vejam, respondeu o Vidigal em tom de mofa, eu não sabia!... Pois, meus amigos, não se assustem que o caso não foi para tanto: um sucio de menos n'uma patuscada não faz falta nenhuma. Este amigo vae connosco. Se elle puder voltará em breve... mas creio que já não chegará a tempo para acabar a patuscada.

— Qual, meu Deus! mas porque é então isto? que mal é que elle fez?

— Elle não fez nem faz nada; mais é mesmo por não fazer nada que isto lhe succede. Leva, granadeiro.

É um dos granadeiros com que viera o major acompanhado foi tratando de conduzir o Leonardo.

O Vidigal seguiu-os tranquillamente, sem alterar o passo, e dizendo polidamente :

— Adeus, minha gente.

Vidinha desatou a chorar, exclamando :

— Foi malsinação!

— Foi malsinação! repetiram todos, menos os dous primos.

A sucia levantou-se.

## XII

## TRIUMPHO COMPLETO DE JOSÉ MANOEL

Em um sabbado de tarde; em casa de D. Maria, havia um tufalufa immensa; andavam as crias e mais escravos de dentro para fóra; espanava-se a sala; arrumavam-se as cadeiras; corria-se, fallava-se, gritava-se.

A dona da casa trajava, fóra do ordinario, um rico vestido de cassa bordado de prata, de corpinho muito curto e mangas de um volume enorme. Seja dito de passagem ~~de~~ a prata do bordado ~~de~~ já marcada, e o mais de um vestido um pouco encardido. Trazia ainda D. Maria um penteado de desmedida altura, um formidavel par de rodeilas de crysolitas nas orçhas, e dez ou doze aneis de diversos tamanhos e feitos nos dedos.

Lulzinha trajava tambem um vestido que qualquer menos entendido na materia desconfiara que era filho legitimo do de sua tia; trazia um toucado de plumas brancas na cabeça e um rosario de ouro de contas mul grossas na cintura.

Acabavam de sahir as aguas assim preparadas do quarto de vestir, quando se sentiu rodar uma carruagem e parar na porta da casa. Lulzinha estremeceu; D. Maria levou o lenço aos olhos, e ficou-o em pouco tempo molhado de lagrimas.

— Está ahí a carruagem, gritou uma das crias que estava de sentinella á janella.

A carruagem era um formidavel, um monstruoso machinismo de couro, balançando-se pesadamente sobre quatro desmesuradas rodas. Não parecia cousa muito nova; e com mais de dez annos de vida poderia muito bem entrar no numero dos restos infelizes do tempo, de que falla o poeta.

Mal tinha este trem parado á porta, sentiu-se o rodar de outro que veiu parar junto dellé. O que dissemos a respeito dos vestidos de D. Maria e sua sobrinha pôde perfeitamente applicar-se aos dous trens; o segundo parecia filho legitimo do primeiro.

Do ultimo que chegara apeou-se José Manoel, e entrou em casa de D. Maria, que o veiu receber á porta.

É inutil observar que a vizinhança estava toda á janella, e via todo aquelle movimento com olhos regulados pela mais desabrida curiosidade.

José Manoel trajava casaca de seda preta, calções da mesma fazenda e cór; trazia netas tambem pretas e sapatos de entrada bai-

xa, ornados com enormes fivellas de prata, espadim e chapéu de pasta.

Acompanhavam-o dous amigos vestidos pelo mesmo theor.

José Manoel estava com um ar entre compungido e triumphante, e desfazia-se em mesuras a D. Maria.

Depois de tudo isto quer ainda o leitor que lhe declaremos que a sobrinha de D. Maria casava-se naquella tarde com José Manoel ?

Chegou o momento da partida. Luizinha, conduzida por D. Maria, que lhe ia servir de madrinha, embarcou n'um dos destroços da arca de Noé, a que chamamos carruagem; José Manoel, acompanhado por quem lhe ia servir de padrinho, fez outro tanto, e partiram depressa, porque, se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos.

Apenas cessou a bulha das carruagens, começaram estes ultimos em conversa renhida, de que damos aqui uma pequena amostra.

— Senhora, dizia uma sujeita que morava junto de D. Maria para outra que morava defronte, o tal noivo poderá ser coisa boa, mas não dou nada pela cara delle.

— E a noiva?... respondia a outra; arrenego tambem da lambisgoia...

— E o filho do Leonardo ficou vendo estrellas?...

— Por força; venceu este porque é um minorio de conta.

— Se a velha deixar tudo á sobrinha, não é máu arranjo...

— De certo. Pois não sabe que o seu defuncto marido era um homem que viajava para a India ?

Neste tom continuaram até a volta das carruagens.

Agora demos ao leitor algumas explicações a respeito do triumpho de José Manoel.

Depois das boas obras do mestre-de-reza, de que os leitores já foram informados, José Manoel rehabilitara-se completamente junto a D. Maria; tornára a frequentar a casa, e foi pouco a pouco pondo barro á sua parede. Um successo inesperado veiu ajudal-o com a maior efficacia. O testamenteiro do finado irmão de D. Maria, do pae de Luizinha, que já tinha tido com D. Maria, como talvez não estejam esquecidos os leitores, uma demanda por causa desta ultima, surdiu de repente com uma nova prebenda relativa a uma pontinha de testamento, e D. Maria teve de entrar de novo com elle em uma luta judiciaria. Isto coincidiu com a morte inesperada do procurador de D. Maria. José Manoel offereceu-se para cuidar da causa; e com tanto geito arranjou tudo, que em muito

pouco tempo, cousa que procurador nenhum teria feita ~~antes~~ a demanda em favor de D. Maria.

Ora, os leitores não de estar lembrados da mania que tinha D. Maria, por uma demandazinha; atirava-se a ella com vontade, e tal era o empenho que empregava na mais insignificante questão judicial, que em taes casos parecia ter em jogo sua vida. ~~Daque~~ se poderá concluir a satisfação que teria ella no dia em que se achava vencedora, e como se não julgaria obrigada a quem lhe proporcionasse a victoria.

José Manoel aproveitou-se disto; ~~ella~~ em que veio ler a D. Maria a sentença final que resolveu a pendencia em seu favor, pediu-lhe a mão da sobrinha, a qual lhe foi prometida com grandes escrupulos.

Luzinha estava nesta occasião em um daquelles períodos de abatimento que se costumam produzir nos moços, e principalmente nas moças que ainda marcham por aquella estrada florida que leva dos 13 aos 25 annos, quando se opprime o isolamento.

Ora, como sabem todos os que me leam, o Leonardo, tinha abandonado Luzinha; ella accellou portanto indifferentemente a proposta de sua tia.

### XIII

#### ESCAPULA

Deixemos aos noivos o gozo tranquillo da sua lua de mel; deixemos D. Maria desfazer-se em catinhos e conselhos á sua sobrinha, que os recebia indifferentemente, e em attenções para com José Manoel, cuja cabeça se tinha tornado repentinamente um arithmetica completa, toda algarismos, toda calculos, toda multiplicações; e voltemos a saber o que foi feito do Leonardo, a quem deixamos na occasião em que fôra arrancado pelo Vidigal dos braços do amor e da fôlta.

O Vidigal tinha-o posto diante de si, ao lado de um grandedeiro, e marchava poucos passos atraz. Enquanto caminhavam, o grandedeiro pretendeu dar-lhe conversas; mas elle a nada respondia, parecendo absorto em grave cogitação.

Quem estivesse muito attento havia de notar que algumas vezes o Leonardo parecia, ainda que muito ligeiramente, apressar o passo, que outras vezes o retardava, que seu olhar e sua cabeça voltavam-se de vez em quando, quasi imperceptivelmente, para a esquerda ou para a direita. O Vidigal, a quem nada disto escapava,

achava em todas estas occasiões pretextos para dar signaes de si; tossia, pisava mais forte, arrastava no chão o chapéu de sol que sempre trazia na mão, como quem queria dizer ao Leonardo, respondendo aos seus pensamentos intimos :

— Cuidado! eu aqui estou. — E o Leonardo entendia tudo aquillo ás mil maravilhas: contrahia os labios de raiva e de impaciencia. Entretanto nem por isso abandonava a sua idéa; queria fugir. Desconfiava que ia para a Casa da Guarda, e pedia interiormente aos seus perseguidores que alongassem de muitas leguas as ruas que tinha de percorrer, quando via de longe uma esquina dizia comsigo: — E' agora; que vá por ali fóra, e bato pernas. — Porém ao chegar perto da esquina, o Vidigal achava alguma cousa que dizer ao granadeiro, e passava-se a esquina. Se lhe apparecia á direita ou á esquerda um corredor aberto, pensava comsigo: — Embarafustou per ali a dentro, e sumo-me. — Mas no momento em que ia tomar a ultima decisão, parecia-lhe sentir a mão do Vidigal que o agarrava pela gola da jaqueta, e esfriava. Não eram os granadeiros que lhe metiam medo; nunca em todos os planos de fugir que lhe passavam na cabeça a occasião pela cabeça contou uma só vez com elles, mas o que o crível major, era a quantidade constante de seus calculos.

O pobre rapaz, durante aquelles combates intimos, suava mais do que no dia em que fez a primeira declaração de amor a Luizinha. Só havia na sua vida um transe a que assemelhava, aquelle em que então se achava, era o que se havia passado, quando crianças, naquelle meio segundo que levára a percorrer o espaço nas azas do tremendo pontapé que lhe déra seu pae.

Repentinamente uma circumstancia veio favorecer-o. Não sabemos por qué causa ouviu-se um grande alarido na rua: gritos, assovios e carreiras. O Leonardo teve uma especie de vertigem: zuniram-lhe os ouvidos, escureceram-lhe os olhos, e... dando um encontrão no granadeiro que estava perto d'elle, desatou a correr.

O Vidigal deu um salto, e estendeu o braço para o agarrar; mas apenas roçou-lhe com a ponta dos dedos pelas costas. O rapaz tinha calculado bem: o Vidigal distrahiu-se com o ruido que se fizera na rua e aproveitou a occasião. O Vidigal e os granadeiros soltaram-se immediatamente em seu alcance; o Leonardo embarafustou pelo primeiro corredor que achou aberto; os seus perseguidores entraram incontinenti atraz d'elle, e subiram em tropel o primeiro lanço da escada. Apenas o haviam dobrado, e subiam o segundo, abriram-se as cortinas de uma cadeirinha que se achava na entrada, e pela qual tinham elles passado, sahê della Leonardo,

e de um pulo ganha a rua. Ao entrar, tendo dado com aquelle refugio, metter-se dentro; os granadeiros e o Vidigal não haviam reparado em tal com a precipitação com que entraram, e isso lhe valeu.

É impossível descrever o que sentiu o Leonardo quando por entre as cortinas da cadeirinha viu-os passar e subir a escada. Foi uma rapida alternativa de frio e de calor, de tremor e de immobildade, de medo e de coragem; veio-lhe outra vez á lembrança o pontapé poterno: era o termo constante de compañação para todos os seus soffrimentos.

Emquanto o Vidigal e os granadeiros vatejavam a casa em que haviam entrado, Leonardo punha-se longe, e em quatro pulos chegava-se em casa de Vidinha, que o recebeu com um abraço, exclamando :

— Qual ! ahí está elle !

Um ralo de alegria illuminou todos os semblantes, menos o dos dous irmãos rivaes que ficaram horrivelmente desapontados. As duas velhas tiraram da cabeça a mecha que já haviam tomado para dar providencias sobre o caso. O primeiro do Leonardo foi uma aura bemfazeja que espálho a atmosfera de uma grossa tormenta, que tendo começado a diminuir quando Leonardo foi preso com aquellas palavras — foi falsinação — viera desabar de todo em casa e promettia durar muito tempo.

Vidinha, tendo a principio trocado com os primos algumas indirectas a respeito da prisão de Leonardo, julgara conveniente deixar-se de pannos quentes, e fôra direito a elles, como se diz, com quatro pedras na mão, attribuindo-lhes o que acabava de succeder.

Elles denegaram, e travaram-se com ella de razões. A principio as duas velhas estavam ambas da parte de Vidinha, porém tendo esta atirado tres ou quatro ditos fortes de mais aos primos, a tia offendeu-se, e tomou o partido dos dous filhos: a outra velha, mãe de Vidinha, protesta contra a parcialidade de sua irmã, e reforça ainda mais, acompanhada dos que restavam, o partido de Vidinha. Divididos e extremados assim os dous campos, com terriveis campeões de lado a lado, facil é prever-se o que teria succedido se o Leonardo não viesse tão a tempo para acalmar tudo.

Tomado pelo prazer de ver-se livre, nem teve elle tempo de fazer recriminações aos seus inimigos: já sabia com certeza quem fôra a causa do que acabava de soffrer, pois que o tinha percebido pela conversa que com elle tentára travar o granadeiro.

O major Vidigal fôra ás nuvens com o caso, nunca um só ga-

roto, a quem uma vez tivesse posto a mão, lhe havia podido escapar; e entretanto aquelle lhe viéra pôr sal na moleira; offendê-lo em sua vaidade de bom commandante de policia, e degradal-o diante dos granadeiros! Quem pregava ao major Vidigal um logro, fosse qual fosse a sua natureza, ficava-lhe sob a protecção, e tinha-o comigo em todas as occasiões. Se o Leonardo não tivesse fugido, e arranjasse a soltura por qualquer meio, o Vidigal era até capaz, por fim de contas, de ser seu amigo; mas, tendo-o deixado mal, tinha-o por seu inimigo irreconciliavel enquanto não lhe desse a desforra completa.

Já se vê pois, que as fortunas do Leonardo redundavam-lhe sempre em mal; era realmente um mal naquelle tempo, ter por inimigo o major Vidigal, principalmente quando se tinha, como o Leonardo, uma vida tão regular e tão licita. Veremos agora o que se passou na casa em que entrara o Vidigal com os granadeiros em procura do Leonardo.

## XIV

### Ó VIDIGAL DESAPONTADO

O major Vidigal, vendo-se logrado, deu urros; e, como já fizemos sentir aos leitores, prometeu a si mesmo tomar seria vingança do Leonardo:

— Ora, dizia elle comsigo, gastar meu tempo nesta vida, gastar os meus miolos a pensar nos meios de dar caça a quanto vagabundo gyra por esta cidade, conseguir, á custa de muitos dias de fadiga, de muitas noites passadas sem pregar olho, de muita carreira, de muito trabalho, fazer-me temido, respeitado por aquelles que a ninguem temem e respeitam, os vadios e peraltas; e agora no fim de contas vir um melquetrezezinho pôr-me sal na moleira, envergonhar-me diante destes soldados e de toda esta gente! Agora, não ha garoto por ahí que, sabendo disto, não se esteja a rir de mim, e não conte já com a possibilidade de me pregar um segundo mono como este!...

O major tinha razão, riam-se com effeito delle; e os primeiros que o faziam eram os granadeiros. Apesar de que, escravos da disciplina, empregavam os mais sinceros esforços para coadjuval-o; e apesar tambem de que referteriam para elles alguma gloria das façanhas do major, não puderam entretanto deixar de achar graça no que acabava de succeder, pois conheciam a presumpção do Vidigal, e repararam na cara desapontada com que elle havia ficado.

Depois, apenas o major poz pé fóra da soleira da casa onde lhe tinha escapado Leonardo, uma multidão immensa que tudo havia presenciado desatou a rir estrondosamente.

— Então, Sr. major, dizia-lhe um dos da turba, desta vez

Passarinho foi embora.

Deixou-me as pennas na mão.

— Sr. major, dizia outro, procure nos bôcos.

— Dentro da barretina, emendava outro.

— Atraz da porta, replicava aquelle.

E um côro de risadas acompanhava cada um destes conselhos.

— Lá está o bicho dentro da cadeirinha! gritou um reattivamente.

O Vidigal, como que instinctivamente, correu á cadeirinha abriu-lhe as cortinas.

Nessa occasião as risadas foram homericas: o major comprehendeu então qual fóra o meio por que lhe escapára o Leonardo, e soltou um — ah! — prolongadissimo. Enfim retirou-se acobranhado, e ruminando projectos para sua reabilitação.

— Se aquelles rapazes da Concelção, dizia consigo o Vidigal, que me foram levar a nota do tal malandro, me tivessem avisado que elle era desta laia, eu não teria passado por esta immensa vergonha.

Por estas palavras vêem os leitores que as imputações de Vidinha contra os primos tinham mais que muito fundamento. Com effeito, o que se acabava de passar não era senão o resultado do ajuste que no dia da grande briga, por aquelle motivo que o leitor já sabe, haviara feito os dous rivaes: tinham elles maisnado ao Leonardo. Foram ter com o Vidigal, e sem precisar mentir arramaram ao Leonardo uma cama muito bem feita; era um homem sem officio nem beneficio, vivendo á custa alheia, enchendo de pernas a casa de duas mulheres velhas, a quem não tinha aproveitado a experiencia, e, o que é mais, roubando aos primos o amor de sua prima.

O Vidigal regalára os olhos ouvindo a narração, e ficára muito agradecido aos dous rapazes pela nova que lhe levaram; era mais um pendão que ia juntar aos touros de suas façanhas policiaes. A primeira tentativa custou-lhe porém bem caro.

Els aqui pouco mais ou menos as reflexões em que o major ia engolfado: — Nada lhe seria mais agradável do que dia mais dia menos, quando ninguem pensasse em tal, accmpanhado de uma

escolta de granadeiros, dirigir-se a casa das duas velhas, cercal-a, e pilhar o Leonardo sem que lhe pudesse escapar. Isto porém repugnava ao seu orgulho offendido. Muitas vezes se tinha, é verdade, servido desse meio, porém fóra isso para poder pilhar a capadócios de longa data, tidos e havidos como taes, e velhos no officio. Não queria pois servir-se do mesmo meio para agarrar um recruta no officio, que ainda agora começava. Nada, tal não fazia; não havia de fazer cerco, e, o que é mais, não queria de modo algum o adjutorio dos granadeiros; jurava a si mesmo que elle sózinho, sem o apoio de ninguem, havia de pôr a mão no Leonardo.

Ia o Vidigal entrando na Casa da Guarda, para onde se dirigia, depois da derrota, quando se sentiu repentinamente agarrado pelas pernas, e viu a seus pés uma mulher de mantilha, que chorava, soluçando muito, com o lenço no rosto.

— Que é isto, senhora? Deixe-me. Ora isto hoje é dia de má sina.

Continuaram os soluços por unica resposta.

— Senhora, deixa-me ou não as pernas? Eu não gosto de carpideiras... entende?

Soluços ainda.

— Ora não está má esta... Se lhe morreu alguém, vá chorar na cama, que é logar quente.

Redobrou o pranto.

— Valham-me trezentos diabos!... Quando é que isto terá fim?... Esta mulher acaba por atirar-me ao chão!...

Estava já muita gente junta na porta.

Passado finalmente um pouco de tempo em silencio, quando já o major estava disposto a empregar alguma medida de rigor para ver-se livre da carpideira, esta ergueu a cabeça, e tirando o lenço da cara exclamou entre lagrimas:

— Sr. major, solte, solte por quem é meu afilhado, solte, solte o pobre rapaz: elle é um doudo, é verdade, mas...

El os soluços lhe embargaram muito a proposito a voz.

Era a comadre que, tendo sabido da prisão do afilhado, viera fazer em seu favor aquella choradeira, ignorando que elle se tivesse evadido. A scena produziu o effeito esperado. Os granadeiros, de cada vez que a comadre dizia — solte, solte — desatavam a rir; tendo por bocca pequena explicado tudo aos demais circumstantes; estes os acompanhavam.

O major tomou tudo aquillo como um escarneo que o genio da vadiação e do garotismo lhe fazia; era mister que elle, para ver-se livre da comadre, que não lhe largava os joelhos, declarasse por

sua própria bocca, diante de toda aquella gente, que o Leonardo havia fugido! Declarou-o, e fugiu de todos aquelles olhares, em cada um dos quaes via um insulto.

A comadre, apenas ouviu a declaração, tratou de retrair-se, e não pôde tambem deixar de achar graça no caso.

## XV

### CALDO ENTORNADO

A comadre, tendo deixado o major entregue á sua vergonha, dirigira-se immediatamente para a casa onde se achava Leonardo para felicital-o e contár-lhe o desespero em que a sua fuga tinha posto o Vidigai. O Leonardo contava com isso, e não se admirou: Vidinha porém e as duas velhas, por entre muita praga e escônjurlo, deram grandes risadas á custa do major. A comadre, segundo seu costume, aproveitou o ensejo, e depois que se aborreceu de faliar no major desenrolou um sermão ao Leonardo, no qual, algumas exagerações de parte, havia grande fundo de justiça; o tanto que até a propria Vidinha chegou a dar-lhe inteira razão quanto a alguns trechos. O thema do sermão foi a necessidade de buscar o Leonardo uma occupação, de abandonar a vida que levava, gostosa sim, porém sujeita a emergencias taes como a que acabava de dar-se. A sanção de todas as leis que a pregadora impunha ao seu ouvinte eram as garras de Vidigai.

— Haveris de afinal cahir-lhe nas unhas, dizia ella no fim de cada periodo; e então o covado e meio te calará tambem nas costas.

Esta idéa do covado e meio fez brecha no espirito do Leonardo: ser soldado era naquellie tempo, e ainda hoje talvez, a peor cousa que podia succeder a um homem. Prometteu pois sinceramente emendar-se e tratar de vez um arranjo em que estivesse ao abrigo de qualquer capricho policial do terrivel major. Achar porém occupação para quem nunca cuidou nella até certa idade, e assim de pé para mão, não era das cousas mais facéis.

Entretanto o zelo da comadre poz-se em actividade, e poucos dias depois entrou ella muito contente, e veiu participar ao Leonardo que lhe tinha achado um excellentie arranjo que o habilitava, segundo pensava, a um grande futuro; e o punha perfeitamente a coberto das iras do Vidigai; era o arranjo de servidor na ucharia real. Deixando de parte o substantivo ucharia, e attendendo só ao adjectivo real, todos os interessados e o proprio Leonardo regalaram os olhos com o achado da comadre. Empregado da casa

real?! oh! isso não era cousa que se recusasse; e então empregado na ucharia! essa mina inesgotavel, tão farta e tão rica!... A proposta da comadre foi aceita sem uma só reflexão contra, da parte de quem quer que fosse.

Como a comadre pudera arranjar semelhante cousa para o afilhado, é isso que pouco nos deve importar.

Dentro de poucos dias achou-se o Leonardo installado no seu posto, muito cheio e contente de si.

O major, que não perdia de vista, soube-lhe dos passos, e mordeu os beiços de raiva quando o viu tão bem aquartellado; só deixando a vida que levava podia o Leonardo cortar ao major pretextos para pôr-lhe a unha mais dia menos dia.

— Se elle se emenda?! dizia pezareso o major; se elle se emenda perco eu a minha vingança... Mas... (e esta esperança a mentava) elle não tem cara de quem nasceu para emendas.

O major tinha razão: o Leonardo não parecia ter nascido para emendas. Durante os primeiros tempos de serviço tudo correnha mil maravilhas; só algum mal intencionado poderia notar em casa de Vidinha uma certa fartura desnusada na despensa; mas isso não era cousa em que alguém fizesse conta.

O Leonardo porém parece que recebera de sua pae a fatalidade de lhe provirem sempre os infortúnios dos devaneios do coração.

Dentro do pateo da ucharia morava um *toma-largura* em companhia de uma moça que lhe cuidava da casa: a moça era bonita, e o *toma-largura* um machacaz talhado pelo molde mais grotesco; a moça fazia pena a quem a via nas mãos de tal possuidor.

O Leonardo, cujo coração era compadecido, teve, como todos, pena da moça; e, apressemo-nos a dizer, era tão sincero esse sentimento que não pôde deixar de despertar também a mais sincera gratidão ao objecto d'elle. Quem pagou o resultado da pena de um e da gratidão da outra foi o *toma-largura*.

Vidinha lá por casa começou a estranhar a assiduidade do novo empregado na sua repartição, e a notar o quer que fosse de esmorecimento de sua parte para com ella.

Um dia o *toma-largura* tinha sahido em serviço; ninguém esperava por elle tão cedo: eram 11 horas da manhã. O Leonardo, por um daquelles milhares de escañinhos que existem na ucharia, tinha ido ter á casa do *toma-largura*. Ninguém porém pense que era para máus fins.

Pelo contrario era para o fim muito louvavel de levar á pobre moça uma tijella de caldo do que ha pouco fôra mandado a el-rei... Obsequio de empregado da ucharia. Não ha aqui nada de censura-

vel. Seria entretanto muito digno de censura que quem recebia tal obsequio não o procurasse pagar com um extremo de civilidade: a moça convidou pois ao Leonardo para ajudal-a a tomar o caldo. E que grosseiro seria elle se não accettesse tão bello offerecimento? Aceitou.

De repente sente-se abrir uma porta; a moça, que tinha na mão a tijella, estremece, e o caldo entorna-se.

O *toma-largura*, que acabava de chegar inesperadamente, fôra a causa de tudo isto. O Leonardo correu precipitadamente pelo caminho mais curto que encontrou; sem duvida em busca de outro caldo, uma vez que o primeiro se tinha entornado. O *toma-largura* correu-lhe tambem ao alcance, sem duvida para pedir-lhe que trouxesse desta vez quantidade que chegasse para um terceiro.

O caso foi que dahi a pouco ouviu-se já por dentro barulho de pratos quebrados, de moveis atirados ao chão, gritos, alarido; viu-se depois o Leonardo atravessar o pateo da ucharia á carreira, e o *toma-largura* voltar com os galões da farda arrancados, e esta com uma aba de mence.

.....

No dia seguinte o Leonardo foi despedido da ucharia.

## XVI

### CIUMES

No dia seguinte já o Vidigal sabia de cor e saltado tudo quanto havia succedido ao Leonardo, e pôz-se alerta, pois que a occasião era opportuna.

O Leonardo entrara para a ucharia com o pé esquerdo: a tormenta por que havia passado nada foi em comparação da que lhe cahiu nas costas, quando em casa se soube da causa verdadeira de sua sahida.

E' uma grande desgraça não corresponder a mulher, a quem amamos, aos nossos affectos; porém não é tambem pequena desventura o cahirmos nas mãos de uma mulher a quem deu na cabeça querer-nos bem devéras. O Leonardo pôdia dar a prova desta ultima verdade. Vidinha era ciumenta até não poder mais: ora, as mulheres têm uma infinidade de maneiras de manifestar este sentimento. A umas dá-lhe para chorar em um canto, e choram ahí em ar de graça diluvios de lagrimas: isto é muito commodo

pára quem as tem de soffrer. Outras recorrem ás represalias, e nesse caso desbancam incontinenti a quem quer que seja: esta maneira é seguramente muito agradável para ellas proprias. Outras não usam da mais levê represalia, não espremêm uma lagrima, mas assim por um espaço de oito ou quinze dias, desde que desponta a aurora, até que cahe a noite, resmungam u'm calendario de lamentações, em que entram seu pae, sua mãe, seus parentes e amigos, seu compadre, sua comadre, seu dote, seus filhos e filhas, e tudo por ahí além; isso sêm cessar um só instante, sem um segundo de descanso: de maneira a deixar na cabeça do misero que a escuta uma assuada eterna, capaz de fazer amollecêr um cerebro de pedra. Outras entendêm que devem affectar desprezo e pouco caso: essas tornam-se divertidas, e faz gosto vel-as. Outras emfim deixam-se tomar de um furor desabrido e irreprimivel: praguejam, blasphemam, quebram os trastes, rompem a roupa, espancam os escravos e filhos, descompõem as vizinhos: esta é a peor de todas as manifestações, a mais desesperadora, a menos economica, e tambem a mais infructifera. Vidinha era do número destas ultimas.

Apenas, pois, como ha pouco diziamos, se verificou a verdadeira causa da sahida do Leonardo, desabou um temporal que só terá semelhante no que ha de precêder ao anniquillamento do globo. Depois de gritar, chorar, maldizer, blasphemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução :

— Minha mãe, disse dirigindo-se a uma das velhas, quero a sua mantilha.

— Filha de Deus, acudiu a velha, que desatino é esse ? onde é que ides agora de mantilha ?...

— Eu cá sei onde vou... quero a sua mantilha... tenho diço... quero a sua mantilha...

Foram todos reunindo-se em roda de Vidinha, surprehendidos por aquella resolução.

O Leonardo estava sentado, ou antes encolhido a seu canto, quero e silencioso.

— Quero a sua mantilha, minha mãe; quero e quero...

— Mas para onde ides, rapariga ?... Ora, meu Deus !... isso foi cousa que vos fizeram...

— Quero ir á ucharia...

— Jesus !...

— Quero ir... que me importa que seja casa do rei ?... Hei de ir... hei-de procurar o tal *toma-targura*... quero fazer-lhe cá

duas perguntas... e, ou o Menino-Jesus não é filho da Virgem, ou na tal ucharia não fica hoje cousa sobre cousa.

— Que loucura, rapariga... que desatino!...

Os dous primos riam-se interiormente do que se estava passando.

Não ha ccusa mais eminentemente prosaica do que uma mulher quando se enfurece. Tudo quanto em Vidinha havia de requebro, de languidez, de voluptuosidade tinha desapparecido: estava feia, e até repugnante.

Ninguém houve que a pudesse desviar do seu proposito: ella foi tomando a mantilha e dispondo-se a sahir; rogos, choros, nada a pôde conter.

O Leonardo viu que o caso estava mai parado, e, tendo estado até então calado, decidiu-se tambem a pedir a Vidinha que não sahisse. Foi, como se costuma dizer, peor a emenda que o soneto.

— Qual!... responde Vidinha... essa agora é que havia de ser bonita... Quai! pois eu não hei de sahir?... Tinha que ver... então por pedido do senhor? Ora quai...

E foi sahindo.

Começava a anoitecer.

A gente de casa ficou toda na maior afflicção, ninguem sabia o que se havia de fazer. O Leonardo tomou a resolução de acompanhar Vidinha e ver se a detinha em caminho.

Vidinha caminhava tão depressa que a principio o Leonardo quasi que a perdia de vista; finalmente conseguiu alcançal-a, e começou a pedir-lhe que voltasse, fazendo as maiores promessas de comedir-se dali em diante, de lhe não dar mais motivos de desgosto. Vidinha, porém, a nada attendia, e caminhava sempre. O Leonardo recorreu a ameaças; Vidinha redobrou os passos: voltou de novo a rogativas: Vidinha caminhava sempre.

Já estavam no largo do Paço: Vidinha, quasi a correr, deixou o Leonardo umas poucas de braças atrás de si, entrou muito adiante d'elle pelo portão da ucharia a dentro, e desapareceu. O Leonardo parou um instante a resolver-se se entraria tambem ou não. Finalmente decidiu-se a entrar. No momento em que ia transpôndo a soleira do portão, voltou repentinamente, e ia disparando uma carreira: uma mão magra, mas vigorosa, o deteve agarrando-o pela gofia da jaqueta: era a mão do major Vidigal, com quem elle havia esbarrado ao querer entrar, e de quem pretendia fugir. Vendo que lhe seria inutil qualquer tentativa, porque alli perto havia guarda, o Leonardo resignou-se. O major olhou para elle soitando uma risadinha maligna, e disse-lhe apenas muito pausadamente:

— Ora vamos...

O Leonardo entendeu bem a significação daquellas duas palavras, e caminhou, ao lado do major, na direcção que este lhe indicava.

## XVII

### FOGO DE PALHA

Deixemos o Leonardo seguindo seu destino acompanhado do major Vidigal, e vamos ver o que se passou na ucharia depois de sua prisão. Vidinha indagou aqui, indagou ali, e lá entrou como um raio pela casa do *toma-largura*. A moça do *caldão*, achando-se nessa occasião descuidada, soffreu um grande susto com a chegada de Vidinha, que, conhecendo por instincto ser aquella a causa de seus males, foi largando a mantilha sobre uma cadeira e investindo para ella.

— Venho aqui, disse, para lhe dizer mesmo na cara que Vm. é uma creatura sem sentimentos...

A moça, não podendo atinar com a significação daquillo, ficou pasma e sem saber o que havia de responder.

Vidinha proseguiu:

— Não tem sentimentos, digo-lh'o, e ninguem me ha de dizer.

— Vamos ver que diabo de historia é esta, bradou uma voz de estertor.

Era o *toma-largura* que, achando-se em casa naquella occasião, e tendo ouvido as duas primeiras apostrophes de Vidinha, chegava para dar fé do que se passava.

Por mais arrogante que fosse a voz do *toma-largura*, e por mais ameaçadora que fosse a sua figura quasi herculea, Vidinha não recuou um passo, não desfez uma ruga da testa, antes pareceu mostrar que a sua presença ali favorecia suas intenções: tanto que dirigindo-se a elle o foi logo apostrophando tambem pela seguinte maneira:

— E' Vm. um homem que eu não sei para que traz barbas nessa cara...

A surpresa, e mesmo tambem a figura de Vidinha, decomposta pela raiva, desarmáram-n'o um pouco; e respondeu mais mansamente:

— Então, menina, veio aqui só para dizer cousas assim tão bonitas? Quem a trouxe cá?

Ora, quem me havia de trazer? respondeu Vidinha em tom de mofa, lançando para a terceira personagem desta scena um olhar significativo; ora, quem me havia de trazer?... Qual!... eu vim só ver se podia tomar um caldo!...

A moça do *toma-largura* empalideceu, este regalou os olhos, e abanou a cabeça como quem dizia — entendo, — e quiz ficar immediatamente muito zangado com a recordação daquelle facto, que a humildade de sua companheira, e talvez mesmo o seu humor, tinha feito esquecer. Vidinha, porem, para dizer aquellas ultimas palavras, tinha serenado um pouco o seu semblante, e ganhára muito em seus encantos desfigurados até então pela raiva; além disso, ao pronunciar o — qual — do costume, descerrára um ligeiro sorriso, deixando ver seus magnificos dentes.

O *toma-largura* parecia pertencer talvez á familia dos Leonardo; enterneceu-se immediatamente, e não teve animo senão de sorrir-se a responder em tom desconcertado:

— Ora!...

— Ora, replicou Vidinha; e então, elle não diz — ora? — Qual? é preciso não ter pinga de vergonha: estas duas creaturas nascêram uma para a outra: Deus os fez e o diabo os ajuntou; uma toma *caldo* e o outro diz — ora...

E foi tomando a mantilha e tratando de sahir.

Dera tudo em fogo de palha. Ella tinha esperado achar respostas energicas ás suas invectivas, e neste presupposto concertára mil planos de ataques, de defesa, de gritaria, de pancadas, de prisões, etc. Nada disto porém tinha succedido, e sem saber porque, ella mesma se sentia um pouco alliviada, quasi até mesmo satisfeita. Deu mais rajadas aos dous; explicou quem era, mas não disse o que queria. Afinal, sem nada ter feito, sahiu dizendo:

— Ah! pensavam que a cousa havia de ficar assim? Disse-lhe poucas, porém boas...

O coração da mulher é assim; parece feito de palha, incendia-se com facilidade, produz muita fumaça, mas em cinco minutos é tudo cinza que o mais leve sopro espalha e desvanece.

O *toma-largura*, apenas a viu sahir, em vez de proromper n'uma matizada contra sua companheira, como ella o esperava, pallida e tremula, mostrou-se até tranquillo, pretextou um afaizer, e sahiu tambem immediatamente. Andava-lhe na cabeça um plano cuja realização faria, como se costuma dizer, cahir a sopa no mel. Vidinha tinha-o encantado; o Leonardo o havia offendido; conquistar ainda que fosse uma diminuta parcella do amor de Vidinha, seria ao mesmo tempo vingar-se do Leonardo e alcançar

o triumpho de um desejo. Por mais impossivel que lhe parecesse o negocio, nem por isso esmoreceu; era tenaz e paciente.

Chegando ao portão da ucharia, indagou da sentinella a direcção que Vidinha tinha tomado, seguiu por ella, e em breve alcançou-a; acompanhou-a de longe para saber-lhe da morada, e viu-a entrar em casa.

## XVIII

### REPRESALIAS

Quando Vidinha chegou a casa, achou ainda toda a familia no maior susto e confusão pelo desatino que ella acabava de praticar: as duas velhas, ao vê-la entrar, lançaram-se-lhe ao pescoço, e cobriram-na de abraços, de beijos e de lagrimãs. Ella estava ainda porém sob a influencia das emoções violentas porque acabava de passar, e não pôde corresponder áquellas provas de amizade; atirou-se sobre uma banquinha, e levou algum tempo calada, sem dar a menor resposta ás mil perguntas que lhe eram dirigidas. Esse silencio mais augmentava a anciedade da familia: finalmente resolveu-se ella a rompê-lo, exclamando:

— Pensavam que o caso havia de ficar assim? enganaram-se... Qual!... eu quero que fiquem sabendo para quanto presto...

— Então, rapariga, fostes fazer alguma asneira...

— Asneira... qual... fiz o que faz qualquer mulher que tem sangue na gueira... E agora venha elle para cá, que temos ainda contas a ajustar...

— E' verdade, e elle que ainda não veio... já tinha tempo de chegar, pois partiu logo no vosso alcance...

— E' verdade... acrescentou Vidinha com certo susto; na tal cova da ucharia não entrou elle; e quando de lá sahí não o vi mais...

— Não lhe vá ter succedido alguma cousa!... O major o jurou!...

— O major!... repetiram todas com signaes do mais visível susto.

E levantou-se de novo em casa a confusão, porque, como os leitores terão visto, apezar dos dissabores que o Leonardo causava áquella familia, todos ali, excepto os dous primos rivaes, queriam-lhe muito e muito bem. Fallar a qualquer dos dous primos para que o fossém procurar, era cousa de que ninguem se lembrava, tão certos estavam que elles se haviam recusar. Tive-

ram pois de esperar que chegasse da rua o antigo sacristão da Sé para darem as providencias precisas.

Os leitores terão talvez extranhado que em tudo quanto se tem passado em casa da familia de Vidinha não tenhamos fallado nesta ultima personagem; temo-lo feito de proposito, para dar assim a entender que em nada disseo tem elle tomado parte alguma.

Causa remota e primordial de todos estes acontecimentos, pois foi em consequencia de sua amizade que o Leonardo se juntou á familia, por muito feliz se tem dado em que não tenham cahido sobre elle inculpações de que com difficuldade se poderia defender; homem de tacto, conservára uma posição absolutamente neutral em todas aquellas lutas. Eis-aqui, pois, qual a causa do nosso silencio sobre elle.

Infelizmente naquella noite recolheu-se mais tarde que do costume, e quando chegou já não era tempo de fazer cousa alguma. Toda a familia passou a noite na maior anciedade, desvanecidas de certa hora em diante as esperanças de ver chegar o Leonardo a cada momento. Ninguem duvidava mais que alguma cousa tivesse succedido ao Leonardo, e, nos quadres medonhos que cada qual imaginava, a figura do major Vidigal apparecia logo em primeiro plano; ninguem tambem duvidava que, no quer que fosse que houvesse succedido ao Leonardo, o major teria por força parte activa e importante, senão principal.

Assim ao amanhecer do dia seguinte o primeiro lugar onde mandáram saber delle foi a casa da guarda. Mas, com surpresa geral, elle não se achava nella, nem sabiam noticias suas; procurou-se em diversos pontos, e nada de novo, nem novas nem mandados. Por lembrança de Vidinha foram procurar a comadre, e informáram-na de todo o occorrido: a pobre mulher, que tudo ignorava, poz as mãos na cabeça:

— Aquelle rapaz nasceu em máu dia, disse ella, ou então aquillo é cousa que lhe fizeram; do contrario não pôde ser...

E pôz-se logo a caminho a procurar o afilhado.

Na comadre estavam fundadas todas as esperanças; ninguem duvidava que apenas ella se puzesse na rua promptamente se saberia o destino do Leonardo. Enganaram-se todos, porque nem a propria comadre foi capaz de dar com elle, por tão bom caminho o tinha levado o major. Passaram muitos dias na mais completa ignorancia a respeito do seu fim; e começaram desde então a apparecer suspeitas de que elle proprio teria talvez interesse em occultar-se, e de que era essa a causa por que ainda o não haviam descoberto. Estas suspeitas tomaram vulto, e uma certa indigna-

ção começou a apparecer em toda a familia contra semelhante proceder. A indignação cresceu e tomou repentinamente proporções de odio intenso, até da parte das proprias duas velhas.

Realmente, a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratião mais negra do que a do Leonardo para com aquella que tão benignamente o acolhêra. Nas invectivas a cada momento dirigidas contra elle, Vidinha tomava sempre o primeiro lugar, e tinha razão para isso; além de ter contra elle as razões que tinham todos os outros, tinha ainda o despeito do amor offendido. Em certos corações o amor é assim, tudo quanto tem de terno, de delicado, de fiel, desaparece depois de certas provas, e transforma-se n'um incuravel odio.

Uma cousa singular notára a Vidinha desde que fóra á ucharia, e é que não se passava depois disto um só dia em que ella não visse pelo menos duas vezes o *toma-largura*. Tinha-o ella mostrado á familia, e já todos o conheciam. A principio isso incommodou-a, e tanto mais que elle não passava uma só vez que lhe não tirasse o chapéo com ar risinho: parecia-lhe semelhante cousa uma prova de desabrida falta de vergonha. Mais tarde começou a suspeitar que aquella passagem constante e aquelles cumprimentos deviam por força ter alguma explicação.

Aconteceu que uma das velhas, a mãe de Vidinha, confessasse não ter achado o *toma-largura* mal apessoado, esta idéa passou a toda a familia. Um dia uma das velhas, achando-se na janella com Vidinha, na occasião em que passava o *toma-largura*, disse entre dentes, e como que indiferentemente:

— Se fosse commigo, bem sabia eu cá o que havia de fazer.

Vidinha, se bem que não pedisse explicação daquelle dito, não deixou contudo de dar-lhe attenção e de scismar nelle por algum tempo.

No dia seguinte a mesma velha chamou-a para a janella á hora do dia antecedente; e o *toma-largura* passou como sempre, e fez o seu cumprimento. A velha disse nesta occasião, como completando o seu pensamento da vespera:

— Ora, eu pregava um mono ao tal Leonardo... e então *este* que era bem pregado, por ser ao mesmo tempo aos dous, a elle e a ella.

Lendo na intimidade do pensamento da velha, com a nossa liberdade de contador de historias, diremos ao leitor, que o não tiver adivinhado, que aquelle — ella — referia-se á moça do *caldão*

Dada essa explicação, os menos perspicazes entenderam sem

duvida em que consistia o mono que a velha pregaria ao Leonardo.

Vidinha, que nada tinha de pouco intelligente, comprehendeu tudo ás mil maravilhas, e com tanta mais facilidade, digamo-lo aos leitores, quanto talvez que o pensamento da velha correspondesse a seus proprios pensamentos. Repetiram-se depois disto mais algumas indirectas da parte da velha, e Vidinha chegou finalmente a explicações.

Pouparemos aos leitores certos detalhes, e diremos que o resultado de tudo aquillo foi ver-se, poucos dias depois, o *toma-largura* em casa de Vidinha fazendo uma visita á familia!...

As visitas continuaram, e pela vizinhança começou a ouvir-se um rumor que tinha tanto de malevolos como de verdadeiro.

Estavam as cousas neste pé. A paz tinha sido restituída á familia. Não sei quem propoz que se solemnizasse o restabelecimento do socego e as *novas venturas* com uma sucia para fóra da cidade. Effectuou-se semelhante pensamento. Por uma singularidade escolhêram para logar da patuscada os — Cajueiros, — onde a familia tinha feito conhecimento com o Leonardo.

O *toma-largura* fóra convidado, nem podia deixar de sê-lo, porque era elle um dos motivos da festa. Infelizmente porém tinha elle um defeito: no estado ordinario costumava beber soffrivelmente; quando tinha alguns motivos de alegria costumava dobrar a dóse, e quando isto succedia dava-lhe para valentão e desordelro. Disto resultou que no meio da sucia, na occasião de jantar, deu-se por offendido, não sabemos porque, e começou por agarrar nas pontas da esteira que servia de mesa, e fazer voar sobre a cabeça dos convivas pratos, garrafas, copos e tudo o mais. Os dous primos quizeram contê-lo, mas não o conseguiram; Vidinha chorava, as velhas se maldiziam; uns tentavam restabelecer a paz, e outros augmentavam a desordem. Reinava, por consequencia, uma algazarra infernal.

Quando menos o esperavam, viu-se surdir d'entre as moitas o major Vidigal fechando um circulo de granadeiros que partiam de sua esquerda e de sua direita, e que encerravam toda a sucia.

— Segura aquelle homem, granadeiro, disse o major a um dos seus soldados, apontando para o *toma-largura* que se achava em pé cambaleando, tendo n'uma mão um balalaio em que viera a farinha, e na outra uma garrafa com que ameaçava os circumstantes.

A' ordem do major, o granadeiro hesitou: toda a familia reunindo-se em um grupo, soltou um grito de espanto apontando para o soldado.

— Então! replicou o major vendo aquella hesitação.

O granadeiro deu um passo para o *toma-largura*.

— Devagar com a louça, camarada, bradou este; lembre-se que ainda não ajustámos contas a respeito daquelle *caldo*...

O *toma-largura* acabava de reconhecer no granadeiro o nosso amigo Leonardo, como toda a familia o tinha reconhecido apenas elle appreciou.

Era, com effeito, elle.

## XIX

### O GRANADEIRO

Estvam pois as contas ajustadas completamente entre o Leonardo e o *toma-largura*; haviam-se vingado um do outro: o ultimo golpe na luta competira ao Leandro: elle abençoou o acaso, e mesmo o major Vidigal, por lhe ter fornecido occasião de ir arrancar dos labios de seu rival a taça da ventura. Até quasi estimou que lhe tivessem sentado praça: e bem dissemos nós que para elle não havia fortuna que não se transformasse em desdita, e desdita de que lhe não resultasse fortuna.

O *toma-largura*, como dissemos, fôra levado \*pelo Leonardo, e os leitores, familiarisados com o destino que tinham todos os prisioneiros do major Vidigal, adivinham já que lhe indicaram o caminho da casa da guarda no largo da Sé. O estado em que elle se achava não permittiu, porém, que o levassem até lá. Os vapores que do estomago lhe tinham subido á cabeça foram-se pouco a pouco condensando, e em meio de caminho pesavam-lhe sobre o cerebro vinte arrobas; a cabeça, não se podendo manter, abandonou-se ao tronco, que, achando o peso excessivo, quiz appellar para as pernas; estas porém não eram muito fortes, e, curvando-se tremulas e bambas, deram com o valentão de ainda ha pouco estirado na calçada. Os soldados não o puderam levantar, porque era, como dissemos a principio, de uma corpulencia colossal. Foi mister pois abandonar a presa: o major não teve grande difficuldade nisso, primeiro pelo trabalho que daria qualquer outra resolução, segundo, porque, se bem que da ultima classe, sempre era o *toma-largura* gente da casa real, e nesse tempo tal qualidade trazia consigo não pequenas immnidades.

O Leonardo tentou ainda alguns meios para que lhe não escapasse assim sem resultado mais estrondoso a primeira presa que fazia, pois era isto de mão agouro para o seu futuro militar; mas também sua mais bella vingança estava tomada.

Ficou pois o *toma-largura* abandonado na calçada.

Satisfaçamos agora em poucas palavras a curiosidade que tem sem duvida os leitores de saber como chegára o Leonardo á posição em que se achava. Agarrado pelo major na porta da ucharia, como se sabe, fôra por elle em pessoa conduzido a logar seguro, donde só sahira para sentar praça no Regimento Novo. Todos os batalhões que havia na cidade tinham uma companhia de granadeiros, e, havendo uma vaga na companhia do Regimento Novo, fôra o Leonardo escolhido para preenchê-la. Sabendo disto, o major reclamou-o para seu serviço (porque era dessas companhias de granadeiros que se tiravam soldados para o serviço policial), pois, como homem experimentado naquellas cousas, presentira que elle lhe seria um valioso auxiliar. Até um certo ponto o major não se enganou. Com effeito o Leonardo, sendo naturalmente astuto, e tendo até ali vivido n'uma rica escola de valdição e peraltismo, deveria conhecer todas as manhas do officio. Havia porém uma circumstancia que o impedia de prestar bons serviços e era que com elle proprio, com suas proprias façanhas, tinha muitas vezes o major de gastar o tempo que lhe era preciso para o demais. O poder dos hábitos adquiridos era nelle tal, que nem mesmo o rigor da disciplina lhe servia de barreira.

Contemos a primeira diabrura que lhe lembrou praticar depois que vestiu a farda, e que foi tanto mais sensível quando a principio se mostrára um soldado por tal maneira sisudo que ia quasi adquirindo reputação de rígido.

Os galatos e sucientes da cidade, a quem o major Vidigal dava constantemente caça, lembraram-se de immortalisar as suas façanhas por qualquer meio, e inventaram um fado com o seguinte estribilho nas cantigas:

*Papai lélé, seculorum.*

Nesse fado a personagem principal representava o major que, figurado morto, vinha estender-se amortalhado no meio da sala; as demais personagens cantavam-lhe em roda cantigas allusivas, que terminavam todas pelo estribilho que acima indicamos.

O major, que disto soubera, andava em busca de uma occasião opportuna para tirar desforra de semelhante gracejo, que dava a

entender qual era, a seu respeito, o desejo dos que o tinham inventado. Teve um dia denuncia que n'uma casa do morro da Conceição se preparava para essa noite um rigoroso — *Papai lélé,* — e dipoz as cousas para pilhar os da roda em flagrante.

A' hora opportuna mandou dous ou tres granadeiros adiante, cada um por sua vez, para examinar o que havia, tendo combinado primeiramente um signal positivo e outro negativo para indicarem uns aos outros se havia ou não occasião e motivo de dar o assalto: estes signaes o granadeiro que devia approximar-se mais da casa communicaria ao que lhe ficasse immediato; este passaria adiante, o outro faria o mesmo até chegar ao logar em que estava o major; era um verdadeiro systema de sentinellas avançadas, como se se tratasse de uma grande campanha. No caso de ser dado o signal positivo, marchariam todos vagarosamente, e se reuniriam para o assalto; dado o signal negativo, dispersar-se-iam em silencio, porque um dos maiores caprichos do major era nunca mostrar que havia sido logrado. Ao Leonardo coube a incumbencia de ser a vedeta mais proxima ao inimigo, e de dar o primeiro signal. Marchou pois adiante, e os companheiros postaram-se á espera. Esperaram por longo tempo, e cançaram de esperar; finalmente, quando já se iam dispondo a contravir ás ordens e abandonar o posto para procurar o Leonardo, ouviram tres vezes seguidas um longo assovio: que era o signal negativo convencionado. Em virtude disto dispersaram-se exasperados, o foram depois reunir-se ao major embaixo da *Meira*, no logar que dá para a entrada do Aljube. Ahi reunidos, esperaram muito tempo pelo Leonardo sem que elle apparecesse. O major principiou a scismar com o caso; de novo e repentinamente deu ordem de subir o morro. Subiram com effeito e, marchando desta vez o major adiante, foram ter á casa indicada. Com surpresa de todos apenas se foram approximando viram luzes e ouviram o zum-zum das violas e a toada das cantigas. Fervia dentro o fado rigoroso. Sem necessitar grandes precauções, porque todos pareciam entregues á maior segurança, cercou o major a casa, e apanhou tudo, como se costuma dizer, com a boca na botija. Estava-se exactamente no ponto solemne da cerimonia.

Achava-se a personagem que representava o *Papai* amortalhado em um lençol, com a cabeça coberta, deitado no chão e a chusma em roda a cantar e a dançar.

Quando o major bateu, e foi entrando acompanhado da sua gente, ficou tudo gelado de medo: o sujeito que se achava amortalhado teve um grande estremeção, e ficou depois immovel, como

os fosse de pedra, representando com mais propriedade do que talvez desejasse o papel de morto. Segundo seu costume, o major fez continuar por um pouco a brincadeira em sua presença. Depois começou a indagação das occupações de cada um, e, conforme o que colhia, os foi mandando embora, ou pondo de parte, para lhes dar melhor destino. Durante toda esta scena, que levou seu tempo, o amortalhado deixou-se ficar immovel na mesma posição, com a cabeça coberta. Corrida toda a roda, disse-lhe o major:

— Olá, camarada, da mortalha, então deverás você quer que o levem dahi para a covã

Nem um movimento em resposta.

— Ah! está morto; perdeu a falla; é natural. Silencio profundo.

O major fez signal a um dos granadeiros, que tocou no sujeito com a ponta do camarão: nem assim porém elle sequer moveu-se. A um novo signal do major o granadeiro desandou-lhe uma tremenda lambada. Resuscitou com isso o morto, e pôz-se de um salto em pé. Procurou porém evadir-se por uma janella, conservando sempre a cabeça coberta: os granadeiros seguraram-no, e o major disse-lhe:

— Homem, você por estar morto não tenha tanta pressa de ir para o inferno; falle primeiro com a gente.

E tirando-lhe o panno da cara accrescentou:

— Ora vamos ver a cara do defunto...

Um grito de espanto, acompanhado de uma gargalhada estrondosa dos granadeiros, interrompeu o major. Descoberta a cara do morto, reconheceu-se ser elle o nosso amigo Leonardo!...

## XX

### NOVAS DIABRURAS

Não sabemos se valeu ao Leonardo ser aquella a primeira occasião em que incorria em castigo, tendo até então guardado a mais rigorosa observancia de todos os seus deveres, ou se a mesma audacia do facto lhe grangeára mais as sympathias do major: o caso foi que além das risadas, dos remoqueos dos camaradas e dos transees da meia hora que estivera amortalhado, nada mais lhe succedeu, com espanto de todos, e principalmente delle mesmo: o major dera daquelle modo uma grande prova de desusada benevolencia. Andou pois o Leonardo por alguns dias cabisbaixo e pen-sativo, como esmagado ao peso de grandes remorsos; os camara-

das tiveram daquillo um partido immenso para metterem-no á bulha, e não o deixaram parar um só instante socegado na companhia.

— Elle ainda não está bem resuscitado, dizia um passando-lhe por perto.

— Qual! dizia outro, elle já não é deste mundo.

— *Papai-lélé* seculorum, entoavam outros em côro.

A nenhuma destas cousas dava elle a menor resposta, e tinha nisso bom aviso, porque desse modo poupava aos desapiedados camaradas thema para novos remoques. Passados aquelles transe tudo foi esquecido, e as cousas entraram de novo em seus eixos ordinarios.

Um dia o major annunciou que tinha uma grande e importante diligencia a fazer.

Havia um endiabrado menino patusco que era o typo perfeito dos capadocios daquelle tempo, sobre quem ha muitos mezes andava o major de olhos abertos, sem que entretanto tivesse achado occasião de pilhal-o: sujeitinho cuja occupação era uma indecifrável adivinhação para muita gente, sempre andava entretanto mais ou menos apatacado: tudo quanto elle possuia de maior valor era um capote em que andava constantemente embuçado, e uma viola que jámais deixava. Gozava reputação de homem muito divertido e não havia festa de qualquer genero para a qual não fosse convidado. Em satisfazer a esses convites gastava todo o seu tempo. Ordinariamente amanhecia n'uma sucia que começara na vespera, uns annos, por exemplo; ao sahir dahi ia para um jantar de baptisado, á noite tinha uma ceia de casamento. A fama que tinha de homem divertido, e que lhe proporcionava tão bellos meios de passar o tempo, devia-a a certas habilidades e principalmente a uma na qual não tinha rival. Tocava viola e cantava muito bem modinhas, dançava o fado com grande perfeição, fallava *lingua de negro*, e nella cantava admiravelmente, fingia-se aleijado de qualquer parte do corpo com muita naturalidade, arremedava perfeitamente a falla dos meninos da roça, sabia milhares de adivinhações, e finalmente, — eis-aqui o seu mais raro talento, — sabia com rara perfeição fazer uma variedade infinita de caretas que ninguém era capaz de imitar. Era por consequencia as delicias das espirituosas sociedades em que se achava. Quem dava uma sucia em sua casa, e queria ter grande roda e boa companhia, bastava sómente annunciar aos convidados que o Theotónio (era este o seu nome) se acharia presente.

Agora quanto á sua occupação ou meio de vida, que para mui-

tos era, como dissemos, impenetravel segredo, o major Vidigal tanto fez que a descobriu: em dias designados da semana reunia-se no sotão onde elle morava certo numero de pessoas que levavam até alta noite ahí mettidas: Theotonio era o banqueiro de uma roda de jogo.

Nesta conformidade andava o major a querer pilhal-o em flagrante; e como tentava isso desde muito sem que o pudesse conseguir, por ser sempre illudida a sua vigilancia pela troca constante que faziam os da roda, dos seus dias de reunião, resolveu pôr a mão no Theotonio na primeira occasião, e servir-se depois delle para a captura dos outros companheiros.

Como os leitores estarão lembrados, o Leonardo velho, isto é, o Leonardo-Pataca, vivia com a filha da comadre; della tinha um descendente, a cujo nascimento nós o fizemos assistir. Pois, apesar de haver já passado algum tempo, a criança ainda não estava baptisada. O Leonardo-Pataca, a instancias da comadre, que muito se affligia com aquella demora, determinou finalmente o dia que ella se devia fazer christã. Segundo os hábitos immutaveis, havia encia por essa occasião, e, segundo a moda, foi o Theotonio convidado. O major sombera de tudo, e era exactamente ahí que o esperava, e tinha determinado pilhal-o. Para isso dera aos seus soldados o aviso de que acima fallámos.

Era má sina do major ter sempre de andar desmanchando prazeres alheios; e infelicidade para nós que escrevemos estas linhas estar cahindo na monotonia de repetir quasi sempre as mesmas scenas com ligeiras variantes: a fidelidade porém com que acompanhamos a época, da qual pretendemos esboçar uma parte dos costumes, a isso nos obriga.

A' hora ajustada chegou o major a casa do Leonardo-Pataca; como não havia o menor motivo para violencias, porque tudo corria na mais perfeita paz, o major entrou sózinho, com prévia permissão do Leonardo-Pataca, e assistiu ao divertimento. Quando elle chegou estava exactamente Theotonio em scena com as suas habilidades. Tendo esgotado já todas ellas, ia recorrer á ultima, que era a das caretas. E' preciso notar que elle não sabia só fazer caretas a capricho, sabia-as tambem fazer imitando, pouco mais ou menos, esta ou aquella cara cohecida: era isso o que fazia morrer de riso aos circumstantes.

Estavam todos sentados, e o Theotonio em pé no meio da sala olhava para um, e apresentava uma cara de velho; virava-se repentinamente para outro, e apresentava uma cara de tolo a rir-se asneticamente; e assim por muito tempo mostrando de cada

vez um typo novo. Finalmente, tendo já esgotado toda a sua arte, correu a um canto, collocou-se n'uma posição em que pudesse ser visto por todos ao mesmo tempo, e apresentou a sua ultima careta. Todos desataram a rir estrondosamente apontando para o major.

Acabava de imitar com muita semelhança a cara comprida e chupada do Vidigal.

O major mordeu os beiços percebendo a caçoada do Theotónio; e, se já tinha boas tenções a seu respeito, ainda as formou melhor naquella occasião.

As risadas continuaram por muito tempo; e elle não podendo affrontar-as impassivel, e não havendo, como já fizemos sentir, motivos justos para um rompimento, achou mais conveniente retirar-se e, pondo-se em posição conveniente, esperar que a sucia se debandasse, para então convidar o Theotónio a ir fazer algumas caretas aos granadeiros na Casa da Guarda.

Sahiu pois completamente corrido.

Encontrando os seus granadeiros, que tinham ficado a pouca distancia, dirigiu-se ao Leonardo, e fez-lhe sentir que, querendo a todo o custo naquella noite segura o Theotónio, temia que os de casa desconfiassem disso e lhe dessem escapula por qualquer meio; era-lhe pois mister uma pessoa que o fosse vigiar de perto sem que despertasse suspeitas: essa pessoa devia ser o Leonardo.

— Sou mal visto em casa de meu pai, replicou este á resposta do major.

— E' hoje um bom dia de conciliação...

— Talvez não queiram receber-me...

— E sua madrinha que lá se acha?...

— Mas a filha que é uma vibora contra mim?...

— Vibora ou não, ha de ir; que quando manda a disciplina...

Não quero que aquelle valdevinos ande tomando impunemente a minha cara para original de caretas.

Os granadeiros, que conheciam o Theotónio e lhe sabiam da habilidade, comprehenderam logo o que tinha succedido por aquelle dito do major, e desataram por seu turno a rir. O Leonardo, por aquelle appello á disciplina, com a qual não se achava em muito bom pé de relações desde a noite do *papai-lélé*, venceu todas as difficuldades e repugnancia que manifestara no desempenho da missão de que o encarregára o major, e pôz-se a caminho para a casa de seu pae.

Chegou e bateu: assim que de dentro lhe perceberam as côres da farda e barretina, houve um grito de medo, e por um movimento que parecia combinado (o major tinha razão!) foram repenti-

amente apagadas todas as velas da sala, e começou a reinar uma confusão tal, que parecia haver-se travado uma luta entre todos.

O Leonardo viu nisso uma primeira contrariedade, porém não deixou de achar graça no susto que causára. Resolveu então fallar da parte de fóra para tranquillisar os medrosos.

— Bom modo de ser recebido um filho em casa de seu pae! Para quarta-feira de trevas só lhe faltam as matracas...

A comadre, que ouvira e reconhecêra a voz do afilhado, desatou a rir, exclamando:

— Vejam que logro! é o Leonardo; tragam as velas, gente: não ha novidade, que o cabo da guarda é nosso compadre.

— Aquelle brejeiro, resmoneou o Leonardo-velho, sempre ha de andar a fazer das suas: vejam que susto causou a toda essa gente... O' amigo Theotonio, desça que não ha novidade...

A' luz da primeira vela que traziam viu-se descer por uma porta o Theotonio, do forro do quarto da sala onde se havia escondido.

Apenas pôz o pé em terra, fez logo uma careta de medo por tal fórma expressiva, que houve em todos uma tremenda explosão de hilaridade. Começou a surdir gente de diversos cantos da casa, e em presença do Leonardo recomeçou a folia.

Algumas pessoas não deixaram de estranhar e reccar a presença do Leonardo naquella occasião e naquelles trajas logo depois da sahida do major; porém a comadre a todos tranquillizou, dizendo que tendo elle obtido licença no quartel, por não estar de serviço naquelle dia, viera assistir ao baptisado de sua irmã.

— Elle é meio doudo, repetia ella a todos, mas é muito amoroso, e nunca se esquece da familia.

Leonardo confirmava esses protestos da comadre, e ia entretanto tomando parte na brincadeira, uma vez que contra as suas esperanças todos o haviam recebido bem em casa. A' proporção que se ia esquentando no prazer do fado e das cantigas, começou o Leonardo a sentir remorsos pelo papel de judas que ali estava representando: quando olhava para o Theotonio, que desde que entrára lhe havia feito dar tão boas risadas, pungia-lhe o coração lembrando-se que elle proprio o havia de entregar ao major. Não poucas vezes lhe passou pela cabeça dar-lhe escapula, avisando-o. Porém a disciplina, o *papat-têê*, vinham-lhe á idéa, e hesitava.

Enquanto era assaltado por estes pensamentos, olhava repetidas vezes para o Theotonio.

Este, que nada tinha de tolo, desconfiou da cousa; não sabe

mos pôr que instincto leu o que pensava. o Leonardo, e pôz-se em guarda.

O Leonardo tomou repentinamente sua resolução.

— Ora, adeus, disciplina, disse comsigo; hei de dar escapula ao homem, seja como fôr.

E do lugar em que estava accrescentou alto:

— Ah! Sr. Theotonio, quer saber uma cousa? Pois se puzer o pé daquella porta para fóra, o major põe-lhe a unha, que para isso está elle á sua espera, e para aqui me mandou...

— O' diabo! exclamaram todos.

— Mas nada de sustos; tudo se ha de arranjar, que tenho eu boa vontade disto.

— Mas não te compromettas, rapaz, accrescentou a comadre ao ouvido do Leonardo; olha que o major não é de graças, e dahi te póde vir mal.

— Ora, tenho pena delle só por aquellas caretas.

Juntaram-se então os dous, Leonardo e Theotonio, e juntos concertaram o seu plano de modo que este escapasse ao major, e que aquelle não ficasse compromettido.

Estava já a noite muito adelantada, ordenaram os dous que sahisses ao mesmo tempo muitos convidados, e o Leonardo, partindo adiante delles, foi correndo ter com o major.

— Ah! vem o bicho, Sr. major.

— Cérca, cérca! disse o major.

E cada um se dividiu para seu lado.

O major colou-se á porta de um corredor, e pôz-se de olho alerta.

Veiu-se approximando ao major um vulto, assobiando tranquillamente o estribilho de uma modinha. Quando se achou em pequena distancia, o major deu um salto donde estava e segurou-o.

Um ai franzino se fez ouvir, acompanhado de um:

— Me largue! Que é isto?

O major prestou attenção, não tendo reconhecido a voz do Theotonio, e viu que tinha segurado n'um pobre corcunda, aleijado, ainda em cima, da perna direita e do braço esquerdo.

— Ora vá-se para o inferno, disse o major; suma-se daqui. Também não sei o que andam fazendo a estas horas pelas ruas estas figuras.

O aleijado safou-se apressadamente livre do susto, e lá foi continuando a assobiar o seu estribilho.

Fez-se depois disto o mais profundo silencio, e o major não

viu mais passar senão os convidados da patuscada, não vendo entre elles o Theotónio.

Então ardeu com o caso; e reunindo os granadeiros disse para Leonardo

— Elle não sahio...

— Sahiu, replicou este; até de jaqueta branca e chapéu de palha: eu o vi tomar ali para a porta onde estava o Sr. major.

— De jaqueta branca e chapéu de palha? perguntou o major.

— Sim, senhor, e de calça preta: não o peguei porque logo vi que não havia de escapar ao Sr. major.

— Ah! patife, patife, resmungou: destas nunca levei... Era o corcunda, o aleijado...

— Elle sabe fazer muito bem de corcunda e de aleijado, disse um dos granadeiros; já o vi uma vez fazer isso, que era mesmo tal e qual...

Era com effeito o Theotónio o aleijado que o major tinha segurado.

O Leonardo ria-se ás furtadelas do logro que levára o major.

Não tardou porém muito tempo que lhe não amargasse aquelle prazer, vindo o major a saber que tudo aquillo se fizera de combinação com elle.

## XXI

### DESCOBERTA

E' muito antigo dizer-se que ha uma cousa ainda peor do que um inimigo, e é um máu amigo. Um dos convidados do Leonardo Pataca dizia-se muito amigo do Theotónio, e pelo empenho que o Leonardo mostrára em livral-o das garras do major, protestando desde logo repartir com elle parte dessa amizade, sem que nenhum dos dous ficasse prejudicado. Pouco instantes depois desse protesto deu logo a primeira prova de que estava disposto a cumprir-o.

Enquanto se passavam as scenas que acabamos de descrever, tinha amanhecido, o major e sua gente punham-se em retirada: ainda se achavam porém nas immedições do logar onde se havia feito a tentativa para prender o Theotónio, quando o tal amigo que nos referimos, que fôra um dos ultimos a retirar-se, encontrando a patrulha, e vendo que o Theotónio não ia no meio della, concluiu que os planos haviam surtido bem e que o major ficára

desta vez logrado. Teve por isso um accesso de alegria; e, esquecendo a presença do major, correu ao Leonardo, abraçou-o, exclamando com arrebatado ímpeto;

— Bravo! como esta não fazes duas em toda a tua vida; foi limpa; *elle* ha de ficar-te obrigado para sempre, e eu com *elle*, porque sou seu amigo e teu também!

O Leonardo ficou estatico diante de semelhante imprudencia. O major, que ia cabisbaixo pensando no logro que acabára de levar, voltou-se repentinamente; a palavra *elle*, proferida pelo terrível amigo, abriu luz a seus olhos. O Leonardo foi tirado do torpor em que se achava pela voz do major a dizer-lhe compassadamente.

— Recolha-se preso ao quartel.

A esta sentença o Leonardo ergueu do fundo d'alma tudo quanto havia ahí de despeito, de rancor, e lançou um olhar sobre o imprudente que o havia provocado, e que ainda muito senhor de si apertava-lhe desapiadamente a mão, que parecia não estar disposto a largar tão cedo.

Deixemos agora o Leonardo, victima de sua dedicação, caminhar preso para o quartel, e passemos a outras cousas. Ha muito tempo que não fallamos em D. Maria e na sua gente. Saibam os leitores que, passada a lua de mel, em que tudo foram rosas, o nosso José Manoel puzera, como se costuma dizer, as mangas de fóra, e taes cousas fez, que em poucos mezes estava tudo em guerra aberta: tinha-se elle com sua mulher Luizinha mudado de casa de D. Maria, e por causa do dote val, dote vem, herança daqui, herança dali, havia-lhe D. Maria proposto uma acção por tal sorte complicada, que era de desconfiar que não bastassem para ver-lhe o fim os dias que restavam de vida á pobre velha.

Tinha-se José Manoel tornado para Luizinha um verdadeiro marido dragão, desses que só aquelle tempo os conta tão perfectos, que eram um supplicio constante para as mulheres. Depois que se havia mudado de casa de D. Maria, nunca mais Luizinha vira o ar da rua senão ás furtadellas; pelas frestas da rotula então chorava ella aquella liberdade de que gozava outr'ora; aquelles passeios e aquellas palestras á porta em noite de luar; aquelles domingos de missa na Sé, ao lado de sua tia como o seu rancho de crioulinhas atraz; as visitas que recebiam, e o Leonardo de quem tinha saudades, e tudo aquillo enfim a que não dava nesse tempo muito apreço, mas que agora lhe parecia tão bello e tão agradável. Tendo-se casado com José Manoel, para seguir a vontade de D. Ma-

ria, votava a seu marido uma enorme indiferença, que é talvez o peor de todos os odios.

Pois a vida de Luízinha, depois de casada, representava com fidelidade a vida do maior numero das moças que então se casavam: era por isso que as Vidinhas não eram raras, e que poucas familias havia que não tivessem a lamentar um desgostinho no genero do que soffreu aquella pobre familia, que indo ao Oratorio de Pedra viera dizimada para casa, e cuja historia serviu de thema ás intrigas da comadre, quando quis pôr José fóra do lance.

Ora, é claro que tendo D. Maria ficado um pouco séria com a comadre por causa de toda aquella intriga que precedêra ao casamento de José Manoel com sua sobrinha, agora, que estava com este candêas ás aveceas, se reatasse o laço da amizade que por um pouco afrouxára: succedia assim com effeito.

Um dia as duas encontraram-se na missa, tornaram-se fallar; as desgraças do Leonardo, que fizeram thema a essa conversação, enterneceram á D. Maria, que por seu turno tambem referiu á comadre tudo quanto succedia agora á pobre Luízinha.

— Ai, senhora! dizia a comadre referindo-se a José Manoel, parece que me roncava cá o quer que seja quando via aquelle maldito; arrenego do homem que é um valdevinos ás direitas. Aquillo ha de levar a pobre menina á sepultura. Coitada! bem criada e mal fadada.

— Nunca pensei, creatura, nunca pensei que succedesse tal... Mas aquillo como era finorio! que palavrinhas doces! que santidade aquella! Agora, senhora, agora sou capaz de acreditar na historia da moça furtada no Oratorio de Pedra: elle tem bofes para tal... Mas hei de me ver vingada, oh! se hei de! tão certo como estar aqui: os desembargadores lá estão, que me hão de dar esse gosto: espero isso em Deus.

Desta conversa, e do mais que se seguiu nasceu a conciliação das duas.

Quando certas amizades são uma vez interrompidas, tendo mesmo soffrido um leve estreamecimento, é difficil que voltem depois ao estado primitivo; com outras amizades acontece porém o inverso; os estreamecimentos aproveitam, porque é facil a volta da paz, e parece que depois disto se tornam mais estreitas. A amizade que existia entre D. Maria e a comadre era deste ultimo genero. Portanto, depois daquella conversa na missa, não só voltaram as relações entre as duas ao seu primitivo estado, como se tornaram mais que nunca solidas. Dahi em diante não houve um só segredo entre as duas que não fosse mutuamente communicado,

e ellas fizeram pacto de se ajudarem reciprocamente para dar remedio, uma aos males da sobrinha, outra ás diábruras do afilhado.

O Leonardo, como dissemos, achava-se preso; fizera disso sciente á madrinha, que se pôz logo em alvoroço, não só pelo facto em si, como pelo generoso motivo que o havia occasionado. O primeiro passo dos que tiveram a dar as duas, D. Maria e a comadre, em virtude do seu pacto, foi tratar de alcançar a soltura do Leonardo, e livra-lo do mais que (sabe Deus) lhe estaria preparado.

Vamos ver como se houveram em semelhante empenho.

## XXII

### EMPENHOS

O primeiro passo que deu a comadre foi dirigir-se á casa do major a interceder pelo Leonardo; o major porém mostrou-se inflexível; o caso era grave, já não era o primeiro; a disciplina não podia ser impunemente offendida mais de uma vez; o castigo devia ser infallivel e grande. A comadre, que fôra cheia de boas esperanças, soube pelo major o que ignorava, o que nem mesmo suppunha: o Leonardo não só ficava por mais tempo preso, como teria de ser chibatado... A pobre mulher, apenas lhe declarou isto o major, cahiu de joelhos, chorou, lamentou-se; tudo porém de balde. Sahiu desesperada, e com a mantilha cahida, toda em desalinho, correu, vouu a casa da D. Maria, a qual ergueu-se da sua banquinha, e largou a almofada da renda.

— Que tendes, creatura? que tendes? exclamou. Santo Christo! o que é? Fallai!...

— Ai, Sra. D. Maria do meu coração! que desgraça! respondeu a comadre: que sina de rapaz... Ora veja o que me succede por ter feito uma boa acção! E eu que soffro e que sinto como se fosse meu filho...

E os soluços a suffocáram.

— Falle, senhora, replicou D. Maria; falle, que me põe n'uma afflicção.

— Vai apanhar, D. Maria... vai apanhar de chibata... elle... o Leonardo...

— Meu Deus, pobre rapaz: ora vejam tudo em que deu, é sina, coitado! aquelle rapaz não nasceu em bom dia; não, comadre: isso sou eu capaz de jurar pela salvação da minha alma...

— Mas não fallou com o major? Que disse elle?

— Duro como uma pedra, senhora; a nada se moveu: pedi-

lhe pelas Cinco Chagas, pela Senhora Santíssima... tudo embalde, tudo em vão.

— Está bom, não se afflija, comadre, ainda ha um meio que eu penso que não ha de falhar: vamos a casa *della*, que por lá é caminho certo; ella dá-se muito commigo, ha de pedir pelo moço.

— Já me tinha lembrado disso; mas na tribulação em que vinha tornou-me a esquecer; se com ella não se arranjar alguma cousa... está tudo perdido.

Os leitores estão já curiosos por saber quem é *ella*, e tem razão; vamos já satisfazê-los. O major era peccador antigo, e no seu tempo fôra daquelles de que se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje *alguma cousa* que ás vezes lhe recordava o passado: essa *alguma cousa* era a Maria-Regalada; fôra no seu tempo uma mocetona de truz, como vulgarmente se diz: era de um genio sobremaneira folgazão, vivia em continua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto: dahi é que vinha o appellido — *regalada* — que haviam juntado ao seu nome.

Isto de appellidos era no tempo destas historias uma cousa muito commum; não estranhem pois os leitores que muitas das personagens que aqui figuram tenham esse appendice ao seu nome.

Dizem todos, e os poetas juram e tresjuram que o verdadeiro amor é o primeiro; temos estudado a materia, e acreditamos hoje que não ha que fiar em poetas: chegamos por nossas investigações á conclusão de que o verdadeiro amor, ou são todos ou é um só, e neste caso não é o primeiro, é o ultimo. O ultimo é que é o verdadeiro, porque é o unico que não muda. As leitoras que não concordarem com esta doutrina convençam-me do contrario, se são disso capazes.

Isto tudo vem para dizermos que Maria-Regalada tinha um verdadeiro amor ao major Vidigal; o major pagava-lh'o na mesma moeda. Ora, D. Maria era uma das camaradas mais do coração de D. Maria-Regalada. Eis-aqui porque fallando *della* D. Maria e a comadre se mostraram tão esperançadas a respeito da sorte de Leonardo.

Já naquelle tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco, eram uma mola real de todo o movimento social.

— Vai mandar apromptar a cadelrinha, disse D. Maria a uma de suas escravas.

— Vamos, senhora, vamos, que isto são os meus peccados velhos.

D. Maria apromptou-se, mettu-se na sua cadeirinha; a comadre tomou a mantilha, e partiram para a Prainha.

Maria-Regalada recebeu-as com uma boa risada.

— Que milagre de Santa Engracia! que fortuna! que alegria! O que a traz por aqui? Isto é grande novidade!

— É novidade, sim, respondeu D. Maria, porém triste novidade.

Com as honras do estylo, que não eram muitas naquelle tempo, foi a comadre apresentada, porque não era conhecida de Maria-Regalada. Primeiro D. Maria, depois a comadre, contaram, cada uma por sua parte, a historia do Leonardo com todos os detalhes, e depois de innumerados rodeios, que puzeram a arder a paciencia da ouvinte, e quasi a fizeram morrer de curiosidade, chegaram finalmente ao ponto importante, ao motivo que ali as levára: queriam nada menos de que a soltura e perdão do Leonardo, e contavam para alcançar semelhante cousa com a influencia da Maria-Regalada sobre o major.

— Ora, disse esta tomando um ar de modestia, eu já não presto para nada... isso era bom n'outro tempo... agora... o major... as cousas estão mudadas, D. Maria... depois que elle se mettu na policia... nem mais nem hontem... quem sabe o que por lá vai!... Mas enfim, D. Maria, eu não sei dizer que não, tenho o coração assim, e sempre o tive... no meu tempo muita gente se aproveitou disto... Eu farei o que puder; vou falar-lhe... talvez que elle me queira attender...

— Ha de attender, ha de, respondeu a comadre; elle já não está tão velho que se tenha esquecido de todo do tempo de d'antes.

— Veremos, veremos. A Sra., comadre, sabe lá o que são homens?!...

— Diga-me a mim... se sei!... acudiu esta promptamente.

— Mas então, atalhou D. Maria, o negocio requer toda a pressa, porque de um instante para outro podem chegar a farda ao corpo do pobre rapaz, e depois nem Santo Antonio a tira.

— Não ha de haver novidade; ainda havemos de chegar a tempo, com a graça de Deus. Para maior segurança vamos todas tres daqui a casa do major, e cada uma por nosso lado faremos tudo para livrar o moço.

Maria-Regalada vestiu-se á pressa, tomou a sua mantilha, e ao lado da cadeirinha em que ia D. Maria partiram para casa do major.

## XXIII

## AS TRES EM COMMISSÃO

Partiram pois as tres para a casa do major, que morava então na rua da Misericórdia, uma das mais antigas da cidade. O major recebeu-as de rodaque de chita e tamancos, não tendo a principio supposto o quilate da visita; apenas porém reconheceu as tres, correu apressado á camarinha vizinha, e envergou o mais depressa que pôde a farda: como o tempo urgia, e era uma incivildade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo á sala, de farda, calças de enfiar, tamancos, e um lenço de Alcobaça sobre o hombro, segundo seu uso. A comadre, ao vê-lo assim, apesar da afflicção em que se achava, mal pôde conter uma risada que lhe veiu aos labios. Os cumprimentos da recepção passaram sem novidade. Na atropellação em que entrára o major a comadre enxergou logo um bom agouro para o resultado do seu negocio. Accrescia ainda em seu favor que o major guardava na sua velhice doces recordações da mocidade, e apenas se via cercado por mulheres, se não era em logar publico e em circumstancias em que a disciplina pudesse ficar lesada, tornava-se um babão como só se poderia encontrar segundo no velho Leonardo. Se estas lhe davam então no fraco, se lhe faziam uma carícia, por mais estupidamente fingida que fosse, arrancavam d'elle tudo quanto queriam; elle proprio espontaneamente se offerencia para o que podiam desejar, e ainda em cima ficava muito obrigado. Comtudo, posto que a comadre soubesse já desta circumstancia com antecipação, ou o presentisse pelas apparencias, a gravidade do negocio de que se tratava era tal, que nem isso bastou para tranquillisa-la. Dispôs-se para o ataque, ajudada por suas companheiras, que, apesar de mais estranhas á sorte do Leonardo, nem por isso se ligavam menos á sua causa. Houve um momento de perplexidade para decidir-se quem seria o orador da commissão. O major percebeu isto, e teve um lampejo de orgulho por ver assim tres mulheres confundidas e atrapalhadas diante de sua alta pessoa; fez um movimento como para anima-las, arrastando sem querer os tamancos.

— Oh! de tamancos e farda não está má... Senhoras donas. cousas de velho; no meu tempo não fazia eu destas...

— D. Maria que o diga, acudiu logo a comadre referindo-se a Maria-Regalada, e querendo fazer brecha fosse por onde fosse; mas não importa; o negocio é outro...

— E' verdade, Sr. major, o bom tempo já lá foi.

— E Deus perdõe a quem delle tem saudades, retorquiu o major, rindose com um riso rugoso de velha sensualidade...

— Sim, sim, tornou a Maria-Regalada; mas deixe essas cousas todas para logo...

— Ai creatura, acudiu D. Maria que até então estivera calada, cançada talvez do numero prodigioso de medidas que fizera ao entrar; deixai cada um lembrar-se do seu tempo, isto consola; eu cá gosto bem quando acho...

— E' como eu, respondeu o major; em se me tocando cá nas feridas antigas...

— Pois é mesmo por me lembrar destas feridas antigas, atalhou a Maria-Regalada, que venho aqui com estas senhoras donas, que o Sr. major bem conhece; e se não foram ellas cá não viera, pois o negocio é sério...

A comadre achou ocasião bem apanhada, e fez com a cabeça um signal de approvação.

— Vamos lá ver o que é o tal negocio sério, respondeu o major atinando, pela presença da comadre, pouco mais ou menos com o que era, e pelo que fez um signal duvidoso com a cabeça, ou para fazer-se de bom, ou porque realmente não quizesse abrir largas esperanças.

A interlocutora proseguiu;

— O seu granadeiro Leonardo é um bom rapaz.

O major arqueou franzindo as sobranceiras, e repuxou os beiços, como quem não concórdava *in totum* com aquillo...

— Não me comece já com cousas, Sr. major. Pois é, sim, senhor, muito bom rapaz, e não ha' razão para ser castigado, por causa de uma cousa nenhuma que fez... Isso não é razão, não, senhor, para se mandar tocar de chibata um moço que não é nenhum valdevindós; pois o Sr. major bem sabe que o padrinho quando morreu deixou-lhe alguma cousa, que bem lhe podia estar já nas mãos, e elle por isso livre da maldita farda, a quem sempre tive zanga (meños de uma que bem se sabe), se o pai que tem... mas deixemos o pai que não vem nada ao caso...

— Ainda não, Sr. major, observou a comadre, ainda não sabe do melhor, e é que o que elle praticou naquella occasião quasi que não estava nas suas mãos. Bem sabe que um filho na casa de seu pai...

— Mas um filho, quando é soldado, retorquiu o major com toda a gravidade discipliñar...

— Nem por isso deixa de ser filho, tornou D. Maria.

— Bem sei, mas a lei ?

— Ora, a lei... o que é a lei, se o Sr. major quizer ?...

O major sorriu-se com candida modestia. A discussão foi-se assim animando; porém o major nada de ceder, até pelo contrario parecia mais inflexivel do que nunca; chegou mesmo a pôr-se em pé a fallar muito exaltadamente contra o attentado do Leonardo, e a necessidade de um severo castigo. Era engraçado vê-lo no bonito uniforme que indicámos, de pé, fazendo um sermão sobre a disciplina, diante daquellas tres ouvintes tão incredulas que resistiam aos mais fortes argumentos.

Ainda, porém, não tinham as tres esgotado contra elle o seu ultimo recurso; puzeram-no pois em acção.

Quando mais influido estava o major, as tres, a um só tempo, e como de combinação, desataram a chorar... O major parou... encarou-as um instante; seu semblante foi-se visivelmente enternecendo, enrugando, e por fim desatou tambem a chorar de enternecido. Apenas as tres se apercebêram deste triumpho, carregaram sobre o inimigo. Foi uma algazarra, uma choradeira sem nome, capaz de mover as pedras.

O major de enternecido foi passando a atordoado, e como que ficou envergonhado das lagrimas que lhe corriam pelas faces: enxugou-as, e procurou reassumir toda a sua antiga gravidade.

— Nada, disse desembaraçando-se das tres, e passeando a passos largos pela sala; nada; que haviam dizer de mim se me vissem aqui nestas choramingas de criança ? Eu, o major, o Vidigal, a chorar no meio de tres mulheres !... Senhoras donas, o caso é grave, e não lhe vejo remedio; o exemplo, a disciplina, as leis militares... nada, não pôde ser...

E deu as costas ás tres, continuando a passear e a fazer ressoar com força os tamancos no assoalho.

Maria-Regalada disse baixo ás duas, em cujos semblantes já nem transluzia o mais pequeno vislumbre de esperanza:

— Ainda não está tudo perdido...

E dirigindo-se ao major accrescentou:

— Bem, Sr. major; aguas passadas não móem moinho...

— Qual passadas, senhora dona ! mas bem vê que o caso é grave...

— Seja lá o que fór, sinto ter perdido meus passos, e não servir a quem desejava; verdade seja que eu já contava com isso, e tambem não prometti... Mas em ultimo logar quero sempre dizer-lhe uma cousa, mas ha de ser em particular...

— Vamos lá, estou prompto.

Quem tivesse alguma perspicácia conheceria, não com grande facilidade, que o major estava ha muito tempo disposto a ceder, porém que queria fazer-se rogado.

Maria-Regalada levou então o major para um canto da sala, e disse-lhe ao ouvido algumas palavras. O major desanuviou o rosto, remexeu-se todo, coçou a cabeça, balançou com as pernas, mordeu os beiços.

— Ora esta ! disse em voz baixa á sua interlocutora; pois era preciso fallar nisto ? Emfim...

— Ora, graças que se lhe acabáram os sestros, respondeu Maria-Regalada em voz alta.

— Sim?!... exclamaram as duas sorrindo de esperança.

— Eu bem dizia que o Sr. major tinha bom coração,..

— Eu nunca duvidei de tudo... mas agora, o passado, passado; o caso era grave, como elle dizia, e foi um favor!....

— Então, D. Maria ? Quem foi rei sempre teve magestade...

— Magestade... qual ! isso já não é para mim...

O major atalhou esta explosão de gratidão que levava visos de ir longe.

— Não de ficar ainda mais contentes commigo... não lhes digo porque, mas verão...

— Esta agora é que é grande; veremos o que será...

— Já sei; é... /

— Ha de ser por força...

— Estou quasi adivinhando.

— Sabem que mais ? atalhou o major: são horas de uma diligencia a que não posso faltar... O rapaz está livre de tudo; com tanto que, accrescentou dirigindo-se a Maria-Regalada, o dito, dito...

— Eu nunca faltei á minha palavra, replicou esta.

Retiraram-se as tres cheias do maior contentamento, e o major sahio depois tambem para cumprir a sua promessa.

## XXIV

### A MORTE E' JUÍZ

D. Maria dirigiu-se immediatamente para casa na sua cadeirinha. Ao chegar notou grande rumor e alvoroço, e tratou logo de indagar a causa. Um escravo de sua sobrinha a esperava com uma carta. Apenas a leu, D. Maria, não diremos que se entristeceu, porém mostrou-se muito atrapalhada.

— Não entrem com a cadeirinha; esperem lá, que torno a sair.

E com effeito metteu-se de novo nella, e mandou que seguissem para casa de sua sobrinha.

O caso era o seguinte: José Manoel entrára para casa em braços, tendo sido acommettido na rua de um violento ataque apoplectico ao voltar do cartorio, onde tivera uma grave contestação com o procurador de D. Maria, por causa da demanda que entretinham. Luizinha, a coitada, vendo-se naquelles apuros, sem saber o que fizesse, despachára logo portador para casa de sua tia.

D. Maria apenas entrou mandou chamar o licenciado, que depois de examinar o doente declarou que era caso perdido. Fizeram-se entretanto algumas applicações, que não tiveram resultado algum.

— Estás viuva, menina, disse D. Maria alguma cousa compungida com a declaração do medico.

Luizinha poz-se a chorar, mas como choraria por qualquer vivente, porque tinha coração terno.

Estavam presentes algumas pessoas da vizinhança, e uma dellas disse baixinho á outra, vendo o pranto de Luizinha:

— Não são lagrimas de viuva...

E não eram, nós já o dissemos: o mundo faz disso as mais das vezes um crime. E os antecedentes? Por ventura ante seu coração fôra José Manoel marido de Luizinha? Nunca o fôra senão ante as conveniencias, e para as conveniencias aquellas lagrimas bastavam. Nem o medico nem D. Maria se haviam enganado: á noitinha José Manoel expiou.

No dia seguinte fizeram-se os preparativos para o enterro. A comadre, informada de tudo, compareceu peserosa a prestar seus bons officios, suas consolações.

O enterro sahiu acompanhado pela gente da amizade: os escravos da casa fizeram uma algasarra tremenda. A vizinhança pôs-se toda á janella, e tudo foi analysado, desde as argolas e galões do caixão até o numero e qualidades dos convidados; e sobre cada um desses pontos appareceram tres ou quatre opiniões diversas.

Naquelles tempos ainda se não usavam os discursos funebres, nem os necrologios, que hoje andam tanto em voga; escapamos pois de mais essa. José Manoel dorme em paz no seu derradeiro jазigo.

Como havia promettido a comadre, alguem chegou quasi ao anoitecer. Era o Leonardo. Quando elle entrou na sala D. Maria não pôde conter um grito de surpresa.

Vinha em completo uniforme de sargento da companhia de granadeiros!

— Como? olhem o major! E então?!

— E' verdade, senhora dona, respondeu o Leonardo: a elle tudo devo.

Foi aquillo objecto de geral espanto. Ficariam todos muito contentes com a simples soltura do Leonardo: e não só elle apparecia solto e livre, como até elevado ao posto de sargento, o que já não é no exercito pouca cousa.

O Leonardo começou a procurar com os olhos alguma cousa ou alguém que tinha curiosidade de ver; deu com o que procurava: era Luizinha. Há muito que os dous se não viam; não puderam pois occultar o embaraço de que se acharam tomados. E' fo! tanto maior essa emoção, que ambos ficaram sorprendidos um do outro. Luizinha achou Leonardo um guapo rapagão de bigodes e suiseas; elegante até onde pôde sê-lo um soldado de granadeiros, com o seu uniforme de sargento bem assente. Leonardo achou Luizinha uma moça espigada, airosa mesmo, olhos e cabellos pretos, tendo perdido todo aquelle acanhamento physico de outr'ora. Além disso seus olhos, avermelhados pelas lagrimas, seu rosto empallidido, se não verdadeiramente pelos desgostos daquelle dia, seguramente pelos antecedentes, tinham nessa occasião um toque de belleza melancolica, que em regra geral não devia prender muito a attenção de um sargento de granadeiros, mas que enterneceu ao sargento Leonardo que, apesar de tudo, não era um sargento como qualquer. E' tanto assim, que durante a scena muda que se passou, quando os dous deram com os olhos um no outro, passaram rapidamente pelo pensamento do Leonardo os lances de sua vida de outr'ora, e, remontando de facto em facto, chegou áquella ridicula mas ingenua scena da sua declaração de amor a Luizinha. Pareceu-lhe que tinha então escolhido mal a occasião, e que agora isso teria logar muito mais acertado.

A comadre, que dava perspicaz attenção a tudo o que se passava, como que leu na alma do affilhado aquelles pensamentos todos; fez um gesto quasi imperceptivel de alegria: raiava-lhe na mente alguma idéa luminosa. Começou então a retrazar um antigo plano em cuja execução por muito tempo trabalhava, e cujas probabilidades de exito lhe haviam reaparecido no que se acabava de passar.

Passada a primeira emoção, Luizinha ergueu-se e fez ao Leonardo um acanhado cumprimento: este correspondeu-lhe com alguma cousa entre cumprimento paisano e continencia militar.

A comadre rompeu depois disto a conversa, procurando entreter D. Maria, e deixar os dous entregues a si.

— Diga-me, disse ella dirigindo-se a D. Maria, e aquella sua demanda com o defunto ?

— A morte foi desta vez juiz. Elle não tem herdeiros; era só no mundo. . . Eu não levei a minha *avante*, é verdade, porque emfim não posso dizer que venci: mas tambem não perdi. Agora sim, tenho muito gosto de entregar tudo á menina, mas não queria que me levassem as cousas senão por minha muito breve vontade.

E por ahí adiante empenharam-se na sua conversa. Os dous, depois de algum tempo de silencio, como já se tinham retirado todas as visitas, foram pouco e pouco, de palavra em palavra, travando dialogo, e conversavam no fim de algum tempo tão empenhadamente como a comadre e D. Maria, com a differença que a conversa daquellas duas era alta, desembaraçada; a d'elles baixa e reservada.

Não ha nada que interrompida mais depressa se reate do que seja a familiaridade em que o coração é interessado. Não se estranhe, pois, que Luizinha e Leonardo a ella se entregassem.

El querem ver uma singularidade que ás vezes se repete ? Depois que se fizera moça, e que tomára estado, nunca Luizinha tinha tido momentos de tão verdadeiro prazer como os que alli estava gozando naquella conversa. n'um dia de luto, quando acabava de sahir o caixão que levára á sepultura aquelle que devia ter feito a sua felicidade. O Leonardo tambem por sua vez, nunca no meio de todas as vicissitudes de sua vida extravagante tinha tido instantes que tão rapidos lhe corresseem do que aquelles em que via o objecto de seus primeiros amores sob o peso do infortunio em um dia de pranto.

Pois parece que estas mesmas circumstancias reavivaram o passado: a comadre folgava lá no seu logar com tudo aquillo, e parecendo prestar toda a attenção a D. Maria, não perdia uma só circumstancia.

Finalmente chegou a hora da retirada, não da comadre, que se offerecera para fazer companhia á viuva, porém de Leonardo, a quem esperava o major, porque era dia de serviço, e apenas tinha elle obtido licença para cumprir o duplo dever de dar os pesames a D. Maria, e agradecer o interesse que por elle havia tomado, fazendo por intermedio de Maria-Regalada que o major não só lhe alcançasse perdão do castigo que lhe era destinado, como tambem o accesso do posto que repentinamente tivera.

Luizinha involuntariamente estendeu a despedida a mão ao Leonardo, que lh'a apertou com força.

Ora, isto naquelle tempo era bastante para dar que fallar ao mundo inteiro ?

## XXV

### CONCLUSÃO FELIZ

A comadre passou com a viuva e sua tia quasi todo o tempo do nojo, e acompanhou-as á missa do setimo dia. O Leonardo compareceu tambem nessa occasião, e levou a familia á casa depois de acabado o sacrificio.

Aquelle aperto de mão que no dia do enterro de seu marido Luizinha dera ao Leonardo não cahira no chão a D. Maria, assim como tambem lhe não escaparam muitos outros factos consecutivos a esse.

O caso é que não lhe parecia extravagante certa idéa que lhe andava na mente.

Muitas vezes, ao cahir de Ave-Maria, quando a boa da velha se sentava a rezar na sua banquinha em um canto da sala, entre um Padre-Nosso e uma Ave-Maria do seu bemdito roزاریo, vinha-lhe á idéa casar de novo a fresca viuvinha, que corria o risco de ficar de um momento para outro desamparada n'um mundo em que maridos, como José Manoel, não são difficeis de apparecer, especialmente a uma viuvinha apatacada.

Ao mesmo tempo que lhe vinha esta idéa lembrava-se do Leonardo, que amára a sua sobrinha no tempo de criança, e que era, apesar de extravagante, um bom moço, não de todo desarranjado, graças á benevolencia do padrinho barbeiro.

Verdade é que se não sabiam bem as contas que seu pai havia feito a esse respeito; mas como era cousa que constava de verba testamentaria, D. Maria nada via de mais facil do que propor uma demanda, cujo resultado não seria duvidoso.

Havia, porém, no meio de tudo uma circumstancia que lhe desconcertava os planos. O Leonardo era soldado. Ora, soldado, naquelle tempo, era cousa de metter medo.

Quando D. Maria chegava a este ponto de suas meditações, abandonava-as, e continuava o seu rosario.

A comadre fazia quasi exactamente os mesmos calculos por sua parte, e tambem só esta unica difficuldade se antolhava á realisação de seus planos.

Emquanto estas duas pensavam, os outros dous obravam. Luizinha e Leonardo haviam' reatado o antigo namoro; quem quizer ver cousa de andar depressa é ver namoro de viuva.

Na primeira occasião Leonardo quiz recorrer a uma nova declaração; Luizinha porém fez o processo summario, accetando a declaração de ha tantos annos.

Sem que os vissem, viam-se os dous muitas vezes, e dispunham seus negocios.

Infelizmente occorria-lhes a mesma difficuldade; um Sargento de linha não podia casar. Havia talvez um meio muito simples de tudo remediar. Antes de tudo, porém, os dous amavam sinceramente; e a idéa de uma união illegitima lhes repugnava.

O amor os inespirava bem.

Esse meio de que fallámos, essa caricatura da familia, estáo muito em moda, é seguramente uma das cousas que produziram o triste estado moral da nossa sociedade.

Só essa difficuldade demorava os dous. Entretanto o Leonardo achou um dia o salvaterio, e veio communicar a Luizinha o meio que tudo remediava: podia ficar elle sendo soldado e casar, dando baixa na tropa de linha, e passando-se no mesmo posto para as Milicias.

A difficuldade, porém, estava ainda em arranjar-se essa baixa e essa passagem: Luizinha encarregou-se de vencer esse embaraço.

Um dia em que estava sua tia a rezar no seu rozarío justamente n'um daquelles intervallos do Padre-Noosso a Ave-Maria de que acima fallámos, Luizinha chegou a ella e communicou-lhe com confiança tudo que havia, fazendo preceder sua narração da seguinte declaração, que cortava a questão pela raiz:

— Para lhe obedecer e fazer-lhe o gosto, casei-me uma vez, e não fui feliz; quero ver agora se acerto melhor, fazendo por mim mesmo nova escolha.

Em breve, porém, conheceu que fóra inutil sua precaução, porque D. Maria confessou que de ha muito ruminava aquelle mesmo plano.

Combinaram pois as duas.

A bondade do major inspirava-lhes muita confiança, e lembraram-se por isso de recorrer a elle de novo.

Foram ter com Maria-Ragalada, que mesmo na vespera lhes tinha mandado dar parte que se mudára da Prainha, e offerencia-lhes sua nova morada.

\* A comadre, de tudo inteirada, fez parte da commissão.

Quando entráram em casa de Maria-Regalada, a primeira pessoa que lhes appareceu foi o major Vidigal, e, o que é mais, o major Vidigal em habitos menores, de rôdaque e tamancos.

— Ah! disse a comadre em tom malicioso; apenas appareceu a Maria-Regalada, pelo que vejo isto por aqui vai bem...

— Não se lembra, respondeu Maria-Regalada, daquelle segredo com que obtive o perdão do moço? Pois era isto!...

A Maria-Regalada tinha muito tempo resistido aos desejos ardentes que nutria o major de que ella viesse definitivamente morar em sua companhia. Não attribuímos esta resistencia senão a capricho, para não fazermos máu juizo de ninguem; o caso é que o major punha naquillo o maior empenho; teria lá suas razões.

O segredo que a Maria-Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fôra acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major.

Está pois explicada a benevolencia deste para com o Leonardo, que fôra ao ponto de, não só disfarçar e obter o perdão de todas as suas faltas, como de alcançar-lhe aquelle accesso de posto.

Fica tambem explicada a presença do major em casa da Maria-Regalada.

Depois disto entraram todos em conferencia. O major desta vez achou o pedido muito justo, em consequencia do fim que se tinha em vista. Com a sua influencia tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dous papéis: um era a sua baixa de tropa de linha, outro sua nomeação de Sargento de Milicias.

Além disto recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixára seu padrinho, que se achava religiosamente intacto.

.....  
Passado o tempo indispensavel do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milicias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo á cerimonia a familia em peso.

Daqui em diante apparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo-Pataca, e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aqui ponto final.

FIM.

Todos os leitores do  
**JORNAL DO BRASIL**  
devem  
tomar parte nos seus Concursos  
que oferecem sempre  
surpresas agradáveis e úteis

**Suplemento Romantico**  
**DO**  
**JORNAL DO BRASIL**

**Edição especial dos**  
**Concursos do JORNAL DO BRASIL**

Para vulgarisar os romances classicos da  
nossa literatura resolveu o "Jornal do Brasil"  
offerecel-os aos concurrentes de seus Concur-  
sos em pequenos volumes, como suplemento  
gratuito, fornecido nas condições exaradas  
nos annuncios publicados no "Jornal do Bra-  
sil" na secção dos Concursos

**VOLUMES PUBLICADOS**

- N. 1 — **DIVA** de José de Alencar.  
N. 2 — **O GARIMPEIRO** de Bernardo Guimarães.  
Ns. 3 e 4 — **IRACEMA e UBIRAJARA** de José de Alencar.  
Ns. 5 e 6 ( **A Mysteriosa** ) de Joaquim M.  
/ OS QUATRO PONTOS CARDEAES ) de Macedo  
N. 7 — **SARGENTO DE MILICIAS** de M. A. de Almeida.

**NO PRELO:**

- N. 8 — **COMEDIAS** de Martins Penna.



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).